



ESTRADA 'FANTASMA'

Depois de quase 100 anos, obra de rodovia será retomada na PB

Prefeituras de Patos, Teixeira e São José do Bonfim se unem para concluir trecho da BR-110. **Página 7**

Fotos: Jordam Bezerra/Divulgação



Percurso, que até hoje possui obras de arte e passagens molhadas, foi projetado por Eptácio Pessoa no final dos anos 1920 e sua obra foi interrompida em 1930



Jhony Bezerra: meta é interiorizar os serviços de saúde

Ex-diretor do Hospital de Clínicas de CG, novo secretário de Estado da Saúde fala sobre os objetivos de sua gestão.

Página 4

■ “Ele, um remanescente da aristocracia rural dos Duarte Lima, muito bem apessoado, alinhado mesmo, eu jeitoso de conversa mas sem nunca me distanciar da bagaceira - os dois extremos sociais da antiga Festa das Neves”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Dizem que todo louco é um gênio enrustido. Mocidade era assim, um sujeito sem boa saúde mental, mas altamente criativo e inteligente”.

Fábio Mozart

Página 14

Novo maestro assume a Orquestra Sinfônica da PB

Um dos membros-fundadores da OSPB, o argentino Gustavo de Paco de Gea assume a regência da orquestra nesta temporada.

Páginas 9 e 12

Artesão cria mapas com troncos de bananeira

Rafael Souza desenvolveu uma técnica própria para produzir material cartográfico para livros, jogos de RPG e até videogames.

Página 6

Nutes vai receber investimentos da Embrapii

Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde da UEPB também poderá ganhar embaixada no Parque Tecnológico, em JP.

Página 19

Empresas fogem de rótulos e mercado vegano cresce na PB

Foto: Roberto Guedes

Estabelecimentos enxergaram público amplo e passaram a investir em sabores e receitas criativas para atrair clientes dos mais diversos interesses gastronômicos.

Página 17

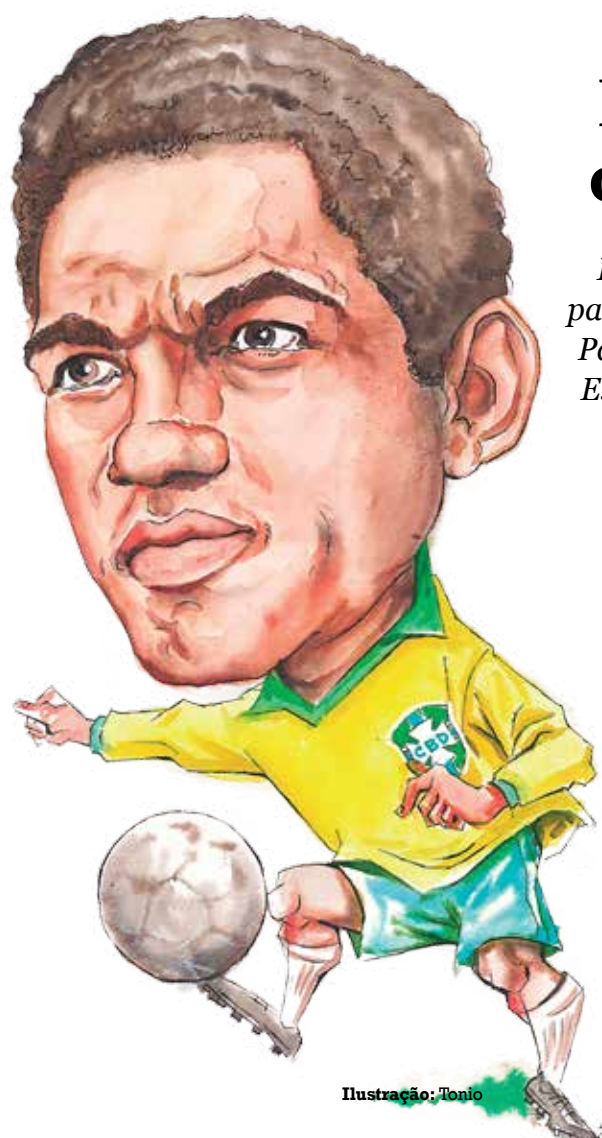


Ilustração: @lonic

Há 40 anos morria o craque Garrincha

Ídolo do futebol que conquistou dois mundiais para o Brasil, chegou a jogar quatro vezes na Paraíba, vestindo a camisa dos times locais. Especialista relembra essa história.

Página 21



Editorial

A volta impossível

Não está sendo fácil, para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), este início de gestão. Além da escolha de auxiliares - tarefa que por si só já é uma fonte de dores de cabeça -, Lula precisa cuidar de sua segurança pessoal, desmontar as bombas-relógio armadas pelo bolsonarismo e colocar em prática (para ontem) seu programa de governo. Um navio carregado de otimismo navegando em um oceano varrido pelas tempestades da intolerância.

O Brasil, infelizmente, precisa passar por esta difícil fase de separação do joio do trigo, ou seja, distinguir, em quase todas as esferas sociais, o dissidente político do radical golpista. A democracia se constrói, também, com o contraditório. Sobre isso não há dúvidas. Discordar de uma política oficial ou de uma decisão coletiva não é crime, mas contrapor-se a elas com brutalidade, atropelando a Constituição do país, sim.

Os dias que se seguem à sucessão presidencial vão revelando planos estarrecedores contra a ordem social. A arquitetura da invasão das sedes dos Poderes da República, em Brasília, por exemplo, está sendo minuciosamente examinada e avaliada, no sentido de identificar - e punir - tanto os participantes como, principalmente, os projetistas. Não se pode deixar impunes protagonistas e figurantes do ataque terrorista.

A minuta de decreto encontrada na residência do ex-ministro da Justiça, Anderson Torres, comprovou o que muita gente sabia, mas ainda não tinha ideia de como evitar: o Brasil caminhava à beira de um precipício político, vez que a instituição do Estado de Defesa, com forte intervenção do Executivo na Justiça Eleitoral, poderia detonar uma crise institucional capaz de enredar as Forças Armadas em suas malhas sinistras.

A Justiça brasileira não pode ser complacente com as pessoas, sejam elas quem for, que planejavam implodir o Estado Democrático de Direito, implantando uma ditadura em seu lugar. Com o apeamento de Jair Bolsonaro do poder, é possível que novos fatos façam jorrar a luz de que tanto se necessita, para se ter a real dimensão da participação do ex-presidente e seus familiares, no engendramento do caos institucional.

O Brasil precisa do discernimento de suas lideranças, e da pacificação do seu povo, para levar a bom termo um programa de desenvolvimento que proporcione equilíbrio fiscal e bem-estar às pessoas, além da preservação do meio ambiente. Chega de tanto ódio, de tanta alienação! É preciso sintonizar a mente e o coração no Terceiro Milênio, e esquecer a volta impossível a uma Idade Média que só existe como pesadelo.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Enedina Alves – Primeira engenheira negra do Brasil

Enedina Alves Marques, paranaense de Curitiba, nasceu em janeiro de 1913. De origem pobre, era filha de um lavrador e de uma empregada doméstica. Foi a primeira engenheira negra do Brasil. Sua vida mudou aos sete anos de idade, a partir do emprego que sua mãe conseguiu na residência do delegado major Domingos Mendonça, que a matriculou no mesmo colégio em que sua filha estudava. Foi então alfabetizada na Escola Particular da Professora Luiza Dorfmund. Em 1931 concluiu curso equivalente ao ensino médio, na Escola Normal de Curitiba.

Professora formada passou a trabalhar no interior do Paraná, no período de 1932 a 1935. Voltando à capital paranaense frequentou um novo curso profissionalizante, no Colégio Ateneu, época em morou com a família do Construtor Mathias. Para pagar sua estadia, Enedina contribuía com serviços da casa.

Em 1938 começou a fazer o curso complementar em pré-engenharia no Ginásio Paranaense no período noturno, o que lhe permitiu ingressar na faculdade de engenharia da Universidade Federal do Paraná, em 1940. Tornou-se engenheira cinco anos depois, integrando uma turma de 32 formandos, todos homens e brancos. Ao se formar tornou-se auxiliar de engenharia na Secretaria de Estado de Viação e Obras Públicas.

Atuou no Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica em 1947, trabalhando no Plano Hidrelétrico e no aproveitamento das águas dos rios Capivari, Cachoeira e Iguaçú. Pesquisadores da sua biografia contam que ela andava com um revólver na cintura para obrigar os homens ao seu redor a lhe dar atenção, em razão do preconceito que enfrentava, dando um tiro para o alto sempre que precisava falar e não era ouvida.

Na década de 50 viajou pelo mundo, conhecendo outras culturas. Em 1958, tomou conhecimento de que o major Domingos Mendonça, proprietário da casa em que morou na infância, havia lhe incluído como beneficiária do seu testamento ao falecer.

Deixou grande contribuição no levantamento de rios, na construção de pontes e teve papel decisivo na condução das obras para a construção da Usina Governador Pedro Viriato Parigot de Sousa, maior central hidrelétrica subterrânea do sul do país. Aposentou-se em 1962, recebendo do então governador do Paraná, Ney Braga, por decreto, o reconhecimento dos seus feitos na engenharia, garantindo-lhe uma remuneração equivalente a de um juiz.

Foi encontrada morta no apartamento em que morava no Edifício Lido, no centro de Curitiba, quando tinha 68 anos de idade. Seu túmulo é um dos principais pontos da visita no cemitério municipal da capital paranaense. Em 2020, foi lançado um documentário, batizado de “Além de Tudo, Ela”, em que é narrada a trajetória de Enedina por meio de documentos, imagens e entrevistas com uma sobrinha, uma afilhada e um pesquisador.

A história da mulher guerreira foi inspiração para um livro infantil escrito pela professora Lindanir Casagrande, pós-doutora em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo. Ela destaca o pioneirismo da engenheira afirmando: “A universidade não era pensada para mulheres e nem para pretos. Pense: foi uma mulher preta, pobre, filha de escravos libertos que sobreviveu em uma turma com homens brancos da elite. Foi uma batalha muito árdua e significativa. A vida dela não foi fácil. Ela lutou muito para se formar. Foi a única dos sete irmãos, todos homens. Ela era a única mulher. Eles todos trabalhavam e ela foi a única que estudou. Só que antigamente o estudo não era valorizado como é agora.”

Por ocasião das comemorações dos 110 anos de nascimento da primeira engenheira negra do Brasil, foi homenageada pelo Google. O seu nome foi inscrito no Memorial à Mulher, ao lado de outras 53 mulheres pioneiras brasileiras. Em 2006, foi inaugurado o Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, em Maringá, que se empenha em combater a invisibilidade racial em diversos setores, como o ambiente escolar e o mercado de trabalho.

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Trabalho árduo

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Cai de onde esse convite!

Várias vezes deixávamos juntos o escritório de Assis Camelo, na Associação dos Procuradores, motivados a recompor uns anais políticos a partir dos anos de Pedro Gondim, sequenciados pelo contingenciamento do regime militar, de quando Waldir foi testemunha de vista e de convivência política.

Refiro-me a Waldir dos Santos Lima, amizade nascida no ambiente dos dois governos de Pedro Gondim, ele na chefia do gabinete ou na Casa Civil, eu na redação de *A União* com acesso privilegiado às notícias do Palácio. Ele, um remanescente da aristocracia rural do Duarte Lima, muito bem apessoado, alinhado mesmo, eu jeitoso de conversa, mas sem nunca me distanciar da bagaceira - os dois extremos sociais da antiga Festa das Neves e do regime de vida da nossa zona canavieira.

Seriam distintos os nossos pensamentos políticos, mas sem radicalismos, o aroma doce e morno das tachadas de rapadura afeiçoando o nosso convívio. Vem a aposentadoria e nos acomoda numa relação mais efetiva, e por que não dizer, num apego de velhos companheiros. O escritório de Assis era a sala de estar, o parlatório dessa conterraneidade ao redor de Pedro, já octogenário, as mãos e o queixo apoiados na bengala, revigorando-se no meio dos seus, que éramos todos, a maioria descida dos penhascos comuns da Borborema brejeira, da Serra da Onça à da Copaoba, de Areia, Alagoa Nova à Serraria.

“Vamos sentar e botar no papel a arenga política desses cinquenta anos!” – era a minha proposta a um privilegiado da memória, ator e expectador numa quadra em que os de 1930 começavam a se despedir e seus epígonos, a partir de Pedro, na Paraíba, e Cid Sampaio em Pernambuco, passavam a entrar. E sob as faíscas de um sol novo atizado pelos 50 anos em 5 de JK e a onda desenvolvimentista do ISEB posta em prática por outro visionário, Celso Furtado.

O que mais distinguia Waldir, além das funções que exerceu e do protagonismo em duas ou três décadas de militância política, era o seu voluntarismo. Impunha-se queixudo a líderes, a governadores, todos receosos de contrariá-lo. Os momentos altos de Ivan

“

**Nas missões
que recebia
foi mais
agente do que
portador**

Gonzaga Rodrigues

Bichara, de Mariz e de Burity mediavam-se com os de Waldir. Apoderou-se de uma faculdade de articulação capaz de influir e decidir até nas instâncias de força.

Nas missões que recebia foi mais agente do que portador. Com esse perfil, presidiu a Assembleia, articulou candidaturas, pôs água em muitas fervuras, mas falhou consigo mesmo, quando tinha estofo de raiz e de pulso para chegar ao governo. Deve ter sonhado com isso, como seria natural, mas faltou-lhe a ajuda do temperamento. Custava a ceder e isso nunca ajudou na história do carreirismo.

Destacando-se como político, não cultivava o populismo. Não era um perulário de braços e acenos fáceis. Nisto lembrava o tio Clóvis Lima, pioneiro do ensino comercial, criador da Faculdade de Economia e a quem muito deve o Instituto Histórico e a Justiça do Trabalho de nível regional. Mas também duro em suas batidas de martelo. Ângela Bezerra de Castro, muito acima das colagens de Fake News, é dessa índole.

A fidelidade de Waldir às origens ainda o vinha prendendo ao engenho da família, em Serraria, que, enquanto vivo, a moendinha de 1915 ou 20 nunca parou de moer mesmo numa conjuntura de fogo morto e de bueiros apagados. Há poucos dias li, vivendo linha por linha o perfil do melhor memorialismo que Ramalho Leite lhe dedicou.

Hoje, sem estar nos meus planos, cai de uma agenda velha o convite para a missa do 30º dia de seu falecimento, num 6 de janeiro de sete anos atrás.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

IMPROBIDADE

Lei fica mais rígida contra agentes públicos e partidos

Decisão de Moraes tem caráter liminar e será apreciada pelo plenário do STF

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavianobrega@gmail.com

Na última semana de 2022, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, suspendeu trechos da Lei de Improbidade Administrativa (LIA). A decisão do ministro, que possui caráter liminar e ainda passará pelo plenário da Corte para ser referendada, tem por objetivo tornar a aplicação da lei mais rígida para as temáticas e, também, no processo de apreciação dos casos visando um melhor entendimento conjunto nas decisões.

Uma das suspensões propostas fala sobre a perda da função pública de servidores, propondo alterações em seu artigo 12 da LIA. Na redação anterior às propostas de suspensão, a sanção só seria aplicada ao réu para o cargo que ocupava ao cometer a ilegalidade. Agora, como explica Laila Melo, advogada e membro da Comissão de Direito Eleitoral da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), a punição é expandida para outras funções e cargos. Dessa forma, o agente público que cometer alguma irregularidade deverá perder seu cargo independentemente de qual seja a ocupação.

“Antes, a lei estava um pouquinho mais flexível porque a perda só se daria no cargo que fosse exercido na época do cometimento do ato de improbidade administrativa ou de um cargo de mesmo vínculo e natureza. O ministro Alexandre de Moraes entende que em se tratando de discussão de probidade administrativa, essa imputação de perda vai acontecer em qualquer cargo ou função pública que se ocupe a época da condenação, independentemente de ser de mesma natureza, de mesmo nível remuneratório ou mesmo vínculo daquele cargo que se ocupava quando o ato foi cometido”, explicou a especialista.

Para a decisão de suspensão, Moraes leva em conta que o dispositivo poderia



Laila Melo: crivo do Judiciário será mais criterioso

eximir agentes de possível sanção em caso de troca de função ou de demora no julgamento da causa, trazendo a possibilidade de afrouxamento da aplicação da lei. Outra alteração proposta que seguirá para apreciação do plenário versa sobre os distintos entendimentos entre os tribunais. Isto porque o texto atual afasta a punição por improbidade nos casos em que a conduta questionada se baseava em entendimentos diferentes entre tribunais.

Assim como Alexandre de Moraes, a advogada Laila Melo esclarece que embora a intenção nesses casos seja a de proteger a boa-fé do gestor público, o critério utilizado é amplo e, por isso, acaba esvaziando a efetividade da ação de improbidade.

“Na prática, essas mudanças trazem mais rigor à apreciação judicial da temática. Dentro dos dispositivos suspensos, o primeiro afastava a configuração dos casos de improbidade nos casos em que tivesse posi-

Foto: Arquivo pessoal

esse posicionamento controverso que vai afastar a condenação por improbidade”, afirmou a advogada.

Um entendimento mais claro e conciso dos tribunais evitaria que gestores públicos pudessem ter uma imputação de ilícito menos rígida.

“Na consolidação jurisprudencial, que é a consolidação do posicionamento dos tribunais, Tribunal X vai ter um posicionamento, Tribunal Y vai ter outro e vai ter uma série de sentenças e decisões que não vão ilustrar de maneira global o posicionamento judicial sobre a temática. Ele achou perigoso o afastamento de uma imputação de um ilícito com base na divergência de magistrados e tribunais”, explicou Laila Melo.

Outro artigo com a suspensão proposta são dos atos que envolvem desvio de recursos públicos dos partidos políticos ou de suas fundações. Pela LIA, acusações de desvios seriam responsabilizadas nos termos da Lei dos Partidos Políticos, desconsiderada assim a punição por improbidade. O tratamento diferenciado, no entanto, desrespeita o princípio da isonomia, garantido pela Constituição Federal. Moraes leva em consideração que os partidos e fundações recebem financiamento público, a suspensão garantiria, por tanto, uma possível punição igualitária para todos perante a lei.

Outro ponto é a suspensão do trecho da LIA que estabelecia que, na contagem do prazo de suspensão dos direitos políticos de um agente, o intervalo entre a decisão colegiada dos juízes e o trânsito em julgado da sentença condenatória deveria ser computado retroativamente.

“Ele entende que fazer esse tipo de contagem mais flexível e benéfica pode acabar enxugando demais essa imputação, tirando a gama de aplicação de uma lei que é funcional e que pode ser acumulada com essa especificação constitucional”, ressaltou a especialista.

Mudança

Desvios de partidos, antes responsabilizados por outra lei, agora passarão pela Lei de Improbidade, com punição igual à dos agentes públicos

cionamentos controversos dos tribunais, em que o posicionamento não fosse unânime ou majoritariamente convergente, que fosse passível de discussão. O ministro entende que esse é um critério muito amplo e muito abstrato. E que, mesmo sendo muito salutar defender o princípio da boa-fé do gestor, são inúmeros tribunais e juízes ao redor do país que vão divergir no seu posicionamento. Então na largada, a gente já vai ter, inúmeras vezes,

Intenção das mudanças é evitar novas ilegalidades

O bem público, o dinheiro público e a função social exercida pelos gestores devem possuir uma série de boas condutas. Inerente ao homem, os atos de ilegalidade são existentes e cada vez mais frequentes. Em razão disto, a suspensão que ainda passará por apreciação dos demais ministros poderá ajudar a modificar o cenário de responsabilização de quem cometer ilegalidades neste meio.

Quer seja sobre o tempo de condenação ou sobre a decisão com maior padronização entre os tribunais, as suspensões propostas por Alexandre de Moraes visam tornar os mecanismos de ação com ilegalidades cada vez mais vigilantes e, até, pu-

nitivistas para evitar danos ao bem público.

“Essas propostas do ministro Alexandre de Moraes são mais rígidas em relação à própria apreciação. Nem to-

Colegiado

Caso o plenário do Supremo acate as mudanças feitas por Alexandre de Moraes, haverá nova redação e adaptação de artigos da legislação

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

DEPREDAÇÃO DE OBRAS ARTÍSTICAS: EXTREMISTAS QUEREM DESTRUIR A MEMÓRIA CULTURAL DE UM POVO

O quadro ‘As Mulatas’ de Di Cavalcanti (foto) esfaqueado por sete vezes, no domingo (8), nos deu um choque de realidade: no detalhe desse debate sobre os atos criminosos de invasão e depredação, em Brasília, é o retrato de que o extremismo elevado à máxima potência é uma máquina insana operada para destruir mais do que peças físicas, mas valores, representatividade, memória. Reservadas as devidas proporções, é o mesmo procedimento criminoso utilizado pelo Estado Islâmico para apagar o passado cultural da civilização – em 2015, o grupo explodiu o Templo de Baal-Shamim, construído no século II a.c., na Síria, que era um Patrimônio Mundial da Humanidade da Unesco. Os bárbaros de lá, assim como os estúpidos daqui, dizem agir em nome de uma causa. E para isso, são capazes de tratorar quem ou o que estiver à sua frente. Vale registrar o que o poeta modernista Murilo Mendes disse, em 1949, sobre a obra do mestre: “A arte de Di Cavalcanti, bem como sua pessoa humana, bem como seu método de ofício, está fundada na liberdade. Uma vocação de liberdade que tem sido a linha dominante de sua vida e que fez dele, em certa época, o único pintor social militante do Brasil - um revoltado contra as imposições drásticas dos partidos”.

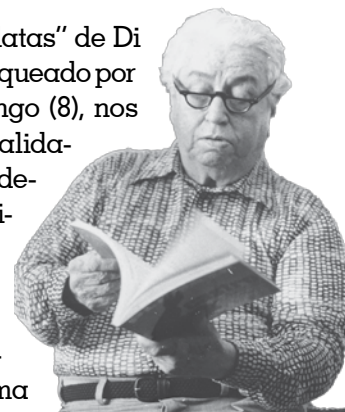


Foto: Antonio Lacio/Estadão Conteúdo

ELA SE DIZ “PERSEGUIDA”

Após o PSOL entrar com ação no STF pedindo a prisão de Elisa Virgínia (PP), por ela ter, na visão do partido, incentivado atos antidemocráticos nas redes sociais, a vereadora pessoense apresentou uma narrativa bem própria: estaria sendo perseguida há anos pelo ex-presidente do PSOL, Tércio Teixeira. E disse que abriria boletim de ocorrência contra ele. Se estava sendo perseguida, porque demorou tanto tempo para adotar esse procedimento?

A TÁTICA DA DESQUALIFICAÇÃO

O deputado Cabo Gilberto, que também foi alvo do pedido do PSOL ao STF, usou a tática de desqualificar o partido, chamando-o de “partideco sem representação na Câmara e na Assembleia”. Já Nilvan Ferreira, citado na ação, disse que não vai “perder tempo com o PSOL” - que, segundo ele, “defende a ditadura e só quer ganhar mídia”. Quem defende ditadura não são os grupos bolsoneiristas?

PERDA DE MANDATO E PRISÃO

Uma coisa parece iminente: quando a Justiça começar a investigar a fundo quem financiou diretamente os atos ocorridos em Brasília, muitos políticos do país serão identificados e deverão perder seus mandatos por incitação pública à prática de crime. Pelo Código Penal, estarão sujeitos ao artigo 286, que estabelece pena de três anos a seis de detenção ou pagamento de multa.

UM ASSUNTO BEM INDIGESTO

Romero Rodrigues tem dito que deixará Bruno Cunha Lima (PSD) à vontade no tocante à formalização de uma possível aliança com o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) com vistas à eleição municipal de 2024, em Campina Grande. Porém, não consegue esconder que esse tema lhe é, em muitos aspectos, ‘indigesto’. Em campanhas anteriores, o senador bateu pesado contra ele, mas Romero jura: “Não guardo ressentimentos”.

IRÁ SOBREVIVER INCÓLUME?

Para barrar as especulações de que estaria ocorrendo desgaste na relação, Bruno Cunha Lima e Romero Rodrigues registraram encontro nas redes sociais. A chegada do tempo da construção de alianças para 2024 dirá se a amizade sobreviverá incólume ao processo eleitoral. Após o rompimento com a família Ribeiro, Bruno terá que fazer parceria competitiva para pleitear a reeleição. O que significa abrir espaços para um adversário histórico de Romero.

JACKSON SOBRE WALLBER: FAZ PARTE DO “BANDO DE IRRESPONSÁVEIS”

“Um bando de irresponsáveis do qual ele faz parte, que querem dar um golpe de estado. Ele tem que cuidar da sua defesa, porque há um pedido para que não assuma o mandato”. Do presidente do PT da Paraíba, Jackson Macedo, reagindo a declarações do deputado Wallber Virgulino (PL) de que o PT teria provocado a direita a fazer atos de protesto no país.

Foto: Edson Matos



Jhony Bezerra

secretário de Saúde

Meta é interiorizar os serviços de saúde

Secretário de Saúde, Jhony Bezerra, aposta também na humanização dos atendimentos e valorização dos profissionais

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Neste mês, a Secretaria de Estado da Saúde passou a contar com um novo secretário, o médico cirurgião e intensivista Jhony Wesllys Bezerra Costa. Apesar de ter assumido a titularidade da pasta há alguns dias, ele já integrava a equipe estadual de saúde. Foi diretor técnico e diretor-geral do Hospital de Clínicas de Campina Grande e secretário executivo de Gestão de Rede de Unidades de Saúde. Na atual missão, ele terá como prioridade a regionalização da saúde no Estado, a valorização dos profissionais da área e o fortalecimento da humanização nos hospitais. Com experiência no combate à Covid-19, o secretário declarou que um dos legados dessa pandemia foi o conhecimento adquirido sobre as doenças virais e a infraestrutura investida para atender os pacientes. “Se houver o surgimento de uma nova pandemia, esse estado está preparado com infraestrutura de parque tecnológico e de leitos para atender qualquer patologia”, frisou. Em entrevista ao Jornal A União, Jhony Bezerra afirmou que uma das obras estruturantes para os próximos anos será a construção do Hospital de Trauma de Patos, que deverá ter 220 leitos, UTI adulto e infantil, Unidade de Queimados, Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox) e atenderá toda a terceira macrorregião paraibana, com uma população de 1.117.000 habitantes. Confira a entrevista.

A entrevista

■ Como o senhor recebeu esse convite para ficar à frente da Secretaria de Estado da Saúde?

É um convite que muito nos honra liderar essa equipe da Secretaria de Saúde, haja vista que participava dessa equipe como secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades, acompanhando a liderança de Renata Nóbrega. Assumo a titularidade da pasta no mesmo sentido e propósito de manter as ações de cuidado, no ritmo acelerado de melhorar a assistência à saúde a todos os paraibanos e promover a regionalização da saúde em nosso estado, que tem sido uma grande bandeira dessa secretaria.

■ Quais as estratégias, as prioridades para a pasta da Saúde este ano?

Estamos focando na regionalização com o aprimoramento e aumento dos serviços de saúde no interior do estado. Um exemplo foi a entrega recente da UTI no Hospital Regional de Catolé do Rocha. Era um sonho da região e um compromisso firmado pelo governador João Azevêdo. Essa obra já está em fase de conclusão. Outro ponto é a reforma de hospitais no interior do estado, a exemplo do Hospital Regional, de Cajazeiras; a criação de serviços materno-infantil, em Itaporanga; a aquisição do acelerador linear no Hospital do Bem, em Patos. O hospital que já realiza quimioterapia e cirurgias oncológicas, vai poder realizar também radioterapia, trazendo independência no tratamento oncológico no Sertão. Outro compromisso que o governador firmou é o Hospital de Trauma do Sertão. A Secretaria de Saúde, juntamente com a Suplan (Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado), já visitou o terreno em Patos, onde ele será edificado. Será uma obra estruturante, em um terreno de mais de 3,5 hectares. O hospital contará com mais de 220 leitos. Assim como João Pessoa e Campina Grande têm seu Hospital de Trauma, Patos também terá, para atender todo o Sertão, com to-

Interior

Investimento em novas unidades de saúde e serviços beneficiará população de Patos, Catolé do Rocha, Cajazeiras e Itaporanga

das as especialidades de um hospital nível três, com neurocirurgia, ortopedia, cirurgia geral, Ceatox, Unidade de Queimados, UTI adulto e infantil. Esse projeto já começou a ser elaborado. A unidade será referência para a terceira macrorregião, com a população em torno de 1.117.000 habitantes.

■ O senhor tem ideia do orçamento destinado a este Hospital de Trauma em Patos, e qual a previsão de entrega?

Pela quantidade de leitos, o orçamento é de R\$ 80 milhões só a parte física da obra, com recursos do Estado e com apoio de emendas parlamentares. A previsão é de 24 meses para o hospital estar pronto, após a licitação. O Hospital de Trauma de Patos será um marco no trabalho de regionalização do estado.

■ Quando esteve à frente da direção do Hospital de Clínicas de Campina Grande, o senhor se destacou no combate à Covid-19. Como o senhor avalia essa fase da história da humanidade?

Minha história em gestão começou com a Covid-19. Atuava como médico cirurgião e intensivista das UTIs, quando fui convidado pela direção do Trauma para assumir a coordenação da Ala Covid, naquele momento em que não se tinha nenhum hospital de referência. O estado foi protagonista em abrir 60 leitos de Unidade Covid em Campina Grande em um momento em que havia uma dificuldade enorme para se formar equipes porque era uma doença nova, que assustava a todos. Entrei nesse desafio de formar

uma equipe e chamamos os melhores nomes que estavam à disposição. O Estado guiou suas decisões e ações amparado pela Ciência e foi um momento de muito aprendizado para combater a doença. Utilizamos algumas terapêuticas inovadoras. Fomos os primeiros na Paraíba a utilizar a ventilação não invasiva. Esse desempenho nos credenciou a estar na direção do Hospital de Clínicas de Campina Grande, reformado em 28 dias para atender à demanda da Covid. Passamos três meses com sua capacidade máxima. E em maio de 2021 chegamos a ter a melhor taxa de recuperação e destaque no Brasil com 90,5% de recuperação. A cada 10 pacientes que entravam, nove saíam salvos. Passado o momento crítico, o hospital passou a atender o Opera Paraíba. Em março de 2022, fui convidado pelo governador para substituir doutor Daniel Beltrammi, na Secretaria Executiva de Gestão da Rede, já que doutor Daniel assumiu a PB Saúde.

■ E qual o legado que a pandemia deixou?

Além do legado de estrutura e dos equipamentos que foram investidos, há os leitos que foram ampliados. Mais de 419 leitos de UTI implantados no Estado têm um legado da Covid-19, porque não foram desmontados, mas realocados para outras patologias. E quando a Covid volta com alguma sobrecarga, a gente reativa alguns desses leitos. Além da gravidade da Covid-19, os pacientes contaminados chegavam com o psicológico abalado pela ansiedade, medo, por não poder ficar acompanhado do familiar. A doença também mexeu com o psicológico dos profissionais de saúde. Temos hoje pessoas que passam por sequelas de tudo o que viveram na pandemia. Da parte científica, falo como médico intensivista e cirurgião, o aprendizado constante foi a humanização em saúde. Ficou o aprendizado de que a assistência em saúde vai além do tratamento medicamentoso, mas tem de ter uma assistência multidisciplinar.

■ Com a experiência da pandemia, podemos dizer que a Paraíba desenvolveu estratégias e acumulou experiências para combater de forma mais efetiva doenças virais?

A Paraíba foi destaque pelo combate à Covid-19, segundo avaliação do Ipea. O Estado atribuiu no seu combate à pandemia a transparência, as decisões amparadas pela Ciência, com protocolos estabelecidos e ampliando leitos. A Paraíba mostrou sua capacidade de assistência à saúde. Nenhum paciente ficou em fila de espera ou sofreu sem leitos, então, toda essa desenvoltura da gestão gerou um atendimento célere. Gosto sempre de citar o trabalho do secretário da época, doutor Geraldo Medeiros, a doutora Renata Nóbrega, que está na equipe, e Daniel Beltrammi. Qualquer surgimento de uma nova pandemia esse Estado está preparado com infraestrutura de parque tecnológico e de

leitos para atender qualquer patologia.

■ Como foi a atuação do Hospital de Clínicas no Opera Paraíba?

O Hospital de Clínicas é o maior executor do programa. Realiza de 1.000 a 1.200 cirurgias eletivas por mês, de todas as especialidades, então, é um serviço presente não apenas na região de Campina Grande, mas em todo o Estado. O ano de 2022 foi decisivo para o Opera Paraíba porque expandimos o programa com a realização de 20 mil cirurgias. Andamos por todo o Estado, visitando as 34 unidades de saúde para fortalecer e melhorar a assistência à saúde e isso contribuiu para o aumento dessas cirurgias.

■ Como o senhor avalia o conceito desse programa que traz tanto benefício à população?

O Opera Paraíba surgiu da necessidade de dar celeridade a uma fila que existia, e, quando foi elaborado, a fila era de 12.400 pessoas que aguardavam há anos por um procedimento. Destacamos aí a força e sensibilidade do governador em priorizar essa política de saúde, porque o Opera Paraíba é um programa, mas também é uma assistência à saúde contínua. Dessa forma, virou um programa de Governo que tende a ser permanente. Em novembro de 2021, conseguimos zerar essa fila de 12.400 cirurgias, apesar de ter nesse meio, de 2020 a 2021, a Covid-19. Em 2022, conseguimos realizar mais de 20 mil cirurgias, totalizando cerca de 33 mil procedimentos realizados nesses quatro anos nos 22 hospitais de nossa rede. Esse é um marco na Paraíba e no Brasil. O vice-presidente Geraldo Alckmin já citou o programa como uma experiência exitosa que pode ser replicado em todo o país. Pretendemos aumentar o leque de patologias e a complexidade com cirurgias ortopédicas, neurológicas e bariátricas, além do Opera Paraíba Infantil. Devemos, até final de março, zerar a fila de mil crianças que estão cadastradas no programa.

■ O senhor já integrou o quadro do secretariado estadual quando assumiu o cargo de secretário executivo de Gestão de Rede de Unidades de Saúde. Na função atual, quais os desafios a serem enfrentados?

A nossa liderança na Secretaria de Estado da Saúde envolve vários propósitos, de manter um ritmo de gestão acelerado, mas a prioridade é estruturar a Central Estadual de Regulação. Já existe uma Central Estadual de Regulação e o protótipo foi na Covid-19. Em 2022, tivemos a Regulação Obstétrica que conseguiu reduzir em 70% o índice de morte materna dos últimos 10 anos. Um reflexo dos investimentos na rede materno-infantil. Pretendemos expandir para todas as patologias.

■ Em matéria divulgada no jornal A União, o senhor afirmou que deseja “continuar levando dinamismo, humanização e eficiência para cuidar da vida

dos paraibanos”. Quais os trabalhos previstos para o incremento da humanização da saúde do Estado?

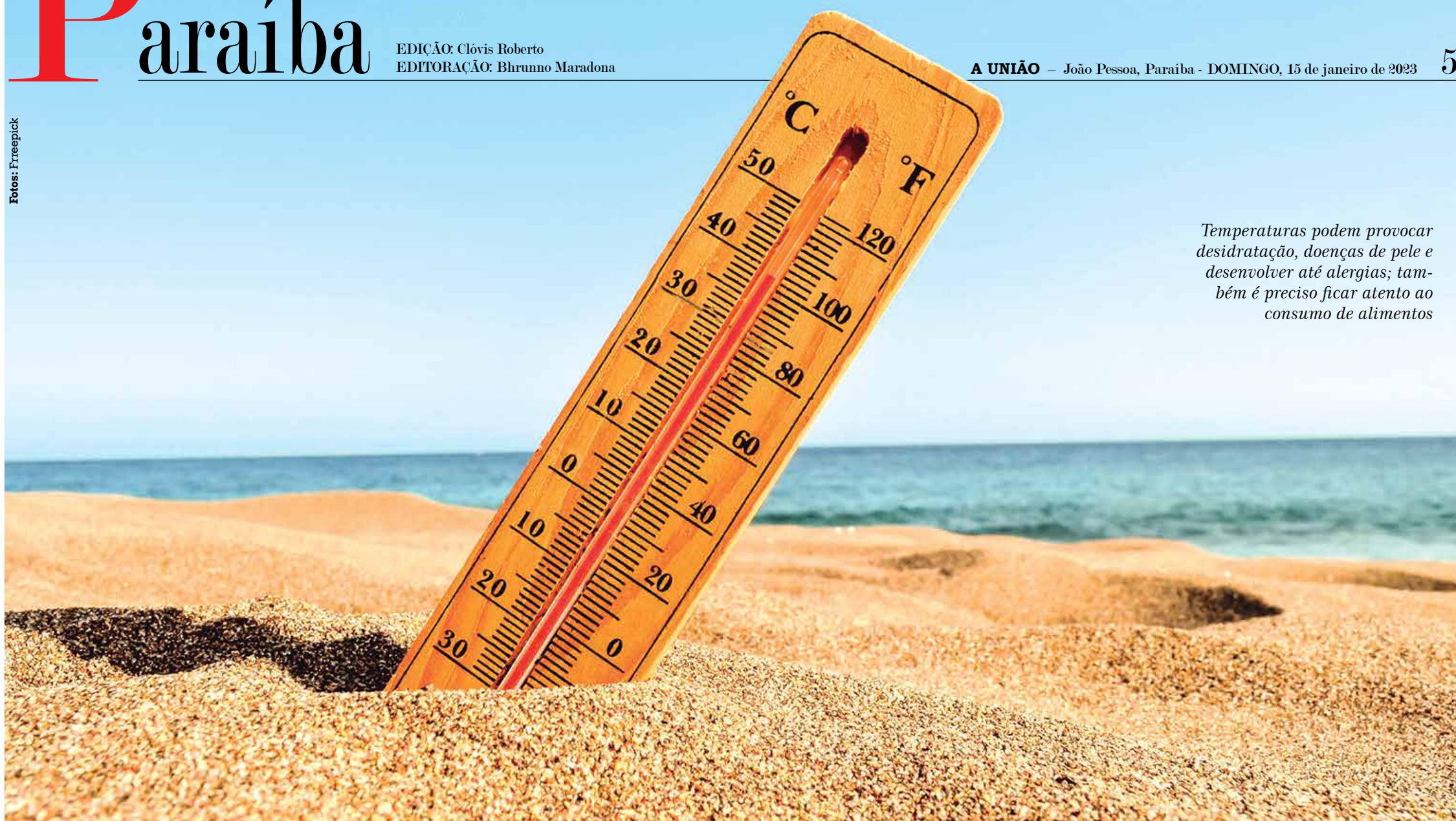
A humanização em saúde tem sido uma bandeira defendida desde o Hospital de Clínicas. Esse trabalho, que envolve uma ação multidisciplinar, tem sido replicado para as nossas UTIs com uma equipe envolvendo diversos profissionais, a exemplo de psicólogos, fonoaudiólogos e musicoterapia. Temos uma série de projetos que foram premiados no Hospital de Clínicas, e que estão sendo realizados em nossas UTIs.

■ Ao falarmos de saúde pública, não podemos deixar de enfatizar o Sistema Único de Saúde (SUS), considerado um dos modelos mais eficientes do mundo de assistência gratuita. Como médico, e agora como gestor da saúde estadual, quais os gargalos do SUS e como o senhor pretende enfrentá-los durante sua gestão?

OSUS é um modelo que deve ser copiado no mundo. Se o Brasil não tivesse esse sistema de saúde, talvez tivéssemos passado por uma verdadeira tragédia. É fato que muitos pacientes morreram em virtude dessa doença, mas o Brasil teve um bom desempenho quanto à imunização, e conseguiu distribuir milhões de vacinas. A Paraíba figurou como um dos estados com melhor imunização na pandemia. É destaque nacional na vacinação de crianças de até um ano. Mas, o SUS enfrenta algumas dificuldades. Entre as principais está a discussão da tabela SUS e a do financiamento do Sistema. Precisamos discutir a tripartite: Estado, União e Municípios. Posso dar o exemplo do Opera Paraíba, em que o Estado gastou mais de R\$ 20 milhões com as mais de 33 mil cirurgias realizadas. Desse montante, em torno de R\$ 200 mil foram recursos do Governo Federal. É nesse sentido que o SUS precisa passar por uma rediscussão. Acredito que temos muito por avançar em diálogo com a nova gestão à frente do Ministério da Saúde para que a gente possa fortalecer as políticas de saúde pública nos municípios.

■ Como novo gestor da Saúde no Estado, que mensagem o senhor deixa para os paraibanos com relação ao seu cuidado a todos os tipos de pacientes e em relação aos profissionais da área?

A Secretaria de Estado da Saúde continuará com o trabalho de valorização do SUS paraibano, com o respeito à vida e a valorização dos nossos profissionais, haja vista que recentemente conseguimos avançar com o fim dos codificados. A saúde mantinha em torno de 7 mil colaboradores com vínculo precário de trabalho. Conseguimos avançar e hoje todos os trabalhadores têm os seus direitos assegurados. Nesse sentido, continuaremos valorizando nossos profissionais, nossos serviços de saúde e o SUS paraibano, com a bandeira da regionalização, fortalecendo as unidades do interior do Estado. Com certeza, a Paraíba terá, como sempre foi, um SUS e uma gestão de qualidade, que orgulha o nosso Estado, que é referência para o país.



Temperaturas podem provocar desidratação, doenças de pele e desenvolver até alergias; também é preciso ficar atento ao consumo de alimentos

NO VERÃO

Cuidados básicos previnem doenças

Altas temperaturas da estação e maior exposição aos raios solares podem representar problemas para a saúde

Nalim Tavares
Especial para A União

Dentre as estações do ano, o Verão é aquela que evoca a energia das férias escolares, viagens para o Litoral e banhos de piscina. Mas, apesar de ser associada a alegria, a temporada entre os dias 21 de dezembro e 20 de março promete dias mais longos, temperaturas elevadas e maior incidência de radiação solar, além das rápidas e intensas chuvas de verão, que compõem um clima favorável para o desenvolvimento de diversas doenças, que afetam principalmente idosos e crianças. As temperaturas mais altas no Litoral paraibano, conforme a Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa-PB), atinge até 34 graus celsius.

Segundo o médico alergologista e imunologista do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Raiff Vasconcelos, “o calor, a exposição solar e a procura por praias, rios ou piscinas, comum à temporada, torna mais frequente o surgimento de patologias como micoses e erupções na pele, dificuldades respiratórias, insolação e desidratação, otite e conjuntivite, intoxicações alimentares e doenças causadas por picadas de mosquito, como alergias, dengue, chikungunya e zika”.

Desidratação e insolação

Apesar de não ser exclusividade do Verão, a desidratação, que pode levar à hospitalização e óbito em casos mais severos, é a enfermidade mais comum da estação. Logo atrás estão casos de insolação, provocados pelo excesso de exposição ao sol e ao calor intenso.

De acordo com o alergologista, “frequentes nesse período, essas doenças ocorrem principalmente na faixa etária infantil e entre os idosos. A exposição prolongada às temperaturas mais elevadas e a baixa ingestão de líquidos hidratantes são as principais causas do acometimento.” Ele acrescenta que, “por isso, é importante renovar a aplicação do protetor solar, principalmente quando estiver praticando atividades desportivas ao ar livre, e beber líquidos com mais frequência, lembrando sempre que bebidas alcoólicas não hidratam”.

Problemas na pele

Durante o Verão, o corpo não fica exposto apenas ao sol — há, também, a umidade. “Relacionado a essa condição está o surgimento de micoses, mais

frequentes nessa estação devido às roupas molhadas por tempo prolongado e durante o uso de piscinas, rios ou praias. Isso facilita a disseminação do fungo em nossa pele, por isso é importante evitar manter roupas molhadas por um tempo muito longo”, diz Raiff.

A transpiração excessiva, decorrente do clima quente, também favorece o aparecimento de erupções cutâneas, como brotoejas, e outros males na pele. Devido ao excesso de suor acumulado sobre a derme, os canais sudoríparos, responsáveis por excretar o suor, podem ficar bloqueados, ocasionando protuberâncias na pele que podem variar de tamanho, grau e inflamação. Cremes ou pomadas podem bloquear ainda mais esses canais, por isso, em caso de erupção, o ideal é manter a pele seca, utilizar roupas mais leves, que permitam a respiração da pele, e permanecer em ambientes arejados.

Segundo o médico, uma das principais dermatites do verão está ligada ao contato da cútis com suco de frutas cítricas, em associação com a exposição ao sol. “Uma das principais dermatites do verão está associada ao limão. Com as mãos molhadas pelo suco, sem perceber, vamos espalhando o líquido pela pele. Após exposição ao sol, uma reação química chamada fitofotodermatite deve ocorrer, com hiperpigmentação da pele onde houve contato com o suco”.

O alergologista e infectologista conta que isso acontece devido à combinação de uma planta fotossensibilizante com a radiação solar. “Por isso, é preciso ter cuidado ao manipular frutas cítricas na praia ou em locais onde há exposição ao sol”.

“

A exposição prolongada às temperaturas mais elevadas e a baixa ingestão de líquidos hidratantes são as principais causas da desidratação

Raiff Vasconcelos

Temporada dos insetos

As temperaturas mais altas e umidade característica do Verão favorecem a proliferação de pernilongos e mosquitos da dengue. Além das doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, Raiff Vasconcelos alerta para a possibilidade de reação alérgica à picada de mosquitos também são mais comuns durante a estação. Mais frequente em crianças, a reação pode ser desencadeada por pulgas e formigas, além dos mosquitos.

“Chamamos de estrófulo”, explica o alergologista. “O Verão é a temporada dos insetos, e os alérgicos podem ter reações na pele ao serem picados, principalmente por hematófagos, como o pernilongo, em áreas próximas a rios e mares, ou água acumulada e vegetação. É importante sempre utilizar repelente e roupas que protejam a pele”.

Outras doenças

As temperaturas elevadas do verão também fazem com que al-

guns alimentos se deteriorem mais rapidamente.

“Devemos evitar consumir alimentos que não estejam devidamente acondicionados, e devemos estar atentos às condições de limpeza do local em que é mantido e servido esse alimento. Intoxicações alimentares são bem mais comuns no verão, pois alimentos vendidos na beira da praia, por exemplo, nem sempre estão devidamente conservados.”

Além da intoxicação alimentar, a temporada também é uma época que registra um aumento no número de casos de doenças infecciosas, como otites e conjuntivite. “A conjuntivite é extremamente infectante, e basta um contato próximo ou elemento de uso comum para que ocorra a infecção. Das otites, inflamações no ouvido, a mais comum é a otite externa, devido a umidade e a presença de água no conduto externo das nossas orelhas”.

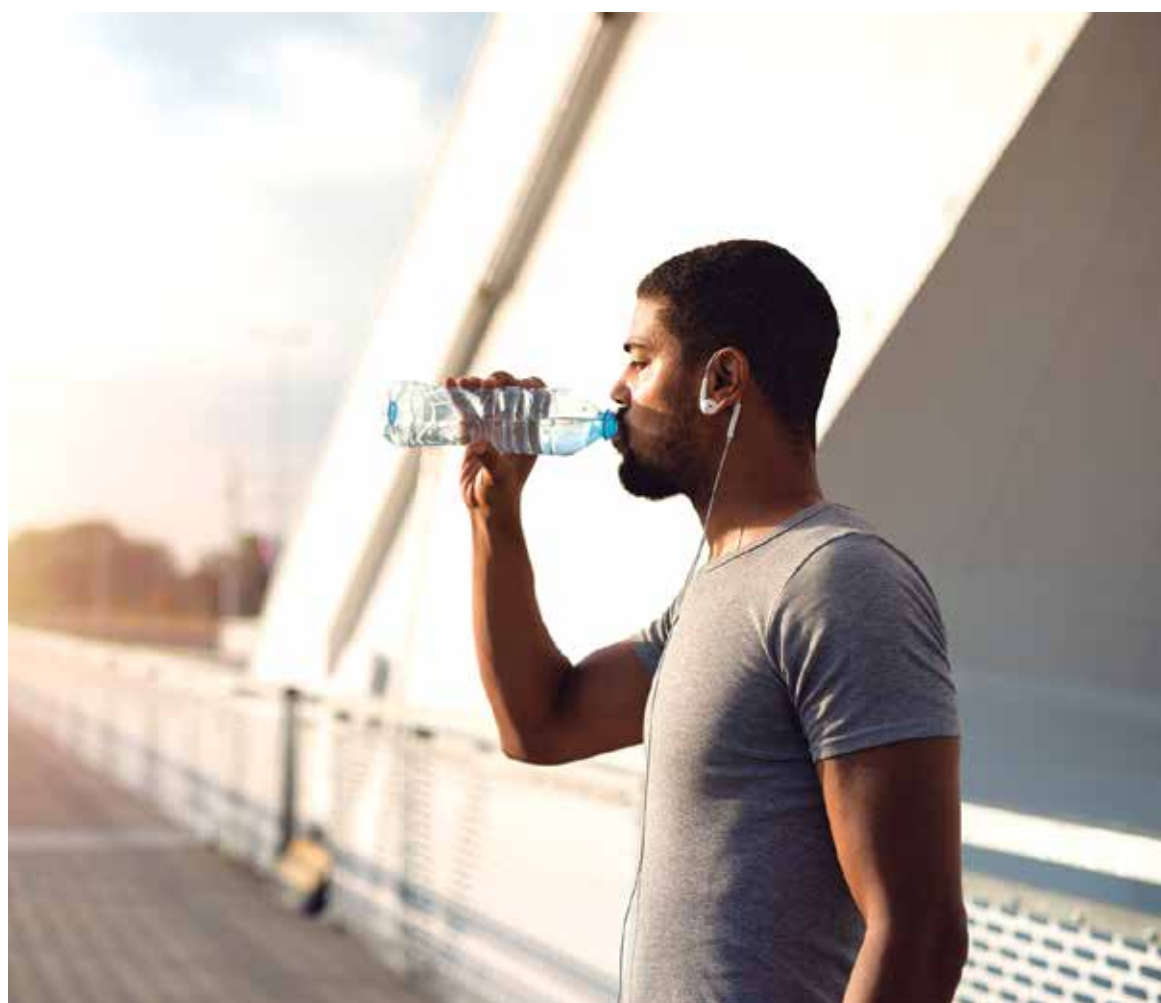


Com o ar seco, a mucosa nasal e as vias aéreas ficam mais ressecadas. Por isso, casos de asma, bronquite e infecções respiratórias também podem ocorrer com maior frequência na estação.

Prevenção

De acordo com o médico, as medidas de prevenção são consideradas simples e até cotidianas, como beber água, passar protetor solar, evitar exposições prolongadas ao sol, trocar a roupa úmida por uma seca e arejada quando for possível, e utilizar repelentes de mosquito.

“Os cuidados profiláticos são sempre a melhor medida. Porém, caso ocorra a contaminação por qualquer uma dessas doenças, é provável que a maioria dos casos necessite de atendimento médico. Algumas dessas situações podem levar a riscos sérios à saúde”. Raiff Vasconcelos lembra, ainda, da importância de não se automedicar.



No Verão, beber bastante água para reidratar o corpo previne muitas doenças; usar roupas leves é recomendado

PAPEL DE BANANEIRA

Mapas em formato de obras de arte

Com muita habilidade, artesão paraibano desenvolveu técnica própria de produção de material cartográfico

Nalim Tavares
Especial para A União

Para a mente aventureira de um leitor, um mapa é o melhor aliado ao embarcar na jornada de um livro. Feito pelas mãos habilidosas de um cartógrafo dotado de papel e tinta, o registro geográfico nos permite mergulhar na história, viajar junto com os personagens e aprender mais sobre as terras, cultura e arquitetura locais. Foi com esse pensamento que o artesão paraibano Rafael Souza, versado em cartografia, começou a desenhar mapas — de livros famosos, para novos autores brasileiros e de lugares reais — em um papel de fabricação própria, feito em casa a partir do tronco de bananeira.

A literatura fantástica, um dos gêneros literários que mais apresenta mapas, é, desde a época de menino, uma das paixões de Rafael. Ainda criança, ele teve o primeiro contato com a cartografia através de um mapa impresso em uma edição do livro “O Rei do Inverno”, de Bernard Cornwell — escritor inglês que, mais tarde, apareceria novamente na história de Rafael. Morador de João Pessoa, hoje com 30 anos, o cartógrafo trabalha com a confecção de mapas inteiramente artesanais — desenhados à mão em um papel com aparência de pergaminho, todo produzido por ele.

Produção do papel

Um dos clichês mais famosos da ficção fantástica é uma herança familiar, passada de geração em geração, até cair nas mãos do protagonista que dará início a aventura. E foi com conhecimento transmitido de mãe para filho que Rafael deu os primeiros passos em sua jornada inesperada. “A técnica de produção do papel, adquiri com minha mãe”, conta ele. “Ela quem começou, em 1998, a produzir papel a partir da fibra da bananeira. Com ele, ela cria artigos decorativos como flores, luminárias e convites de casamento. Sempre tive contato com a produção criativa dos produtos e do papel em si”.

Foi com 25 anos que Rafael começou a se dedicar ao desenho. Dois anos depois, em 2019, ele tirou “O Arqueiro” outro livro de ficção de Bernard Cornwell, da estante, e sentiu falta de um mapa que o guiasse durante a jornada da leitura. “Possuindo as folhas que se assemelhavam ao papiro e lendo uma ficção medieval, pensei que a temática combinaria e reproduzi o mapa do livro. Apresentando a alguns familiares e amigos, fui estimulado a tentar criar algo voltado à literatura fantástica,” ele lembra.

Assim, aos 27 anos, Rafael começou a postar os mapas que desenhava nas redes sociais, e logo surgiram os primeiros clientes. Mapas para livros, para videogames, para sessões de RPG — *Role-Playing Game*, jogo de interpretação em que os jogadores assumem papéis de personagens e desenvolvem a narrativa em conjunto — e mapas de cidades reais, do estado da Paraíba e de outros, passaram a integrar o portfólio e o feed de Rafael no Instagram. “Como alguém que estava desempregado e sem esperança de encontrar um emprego, me agarrei a esse ofício. Mas o amo, claro! Amo desde criança, tanto no que diz respeito ao papel quanto aos mapas”.

Hoje, o currículo de Rafael conta, também, com trabalhos para editoras. Entre eles, “Sombras Ocultas”, de Pedro P.R., para a editora Pen-dragon; “Máscara para os Mortos”, de M.P. Neves, para a editora Vira Folha; “Conto de Enóin” de Cássio Santana, para a editora Flyve e “Quando Algo Acontece”, de Mara de Andrade, para a editora Viseu.

“

Como alguém que estava desempregado e sem esperança de encontrar um emprego, me agarrei a esse ofício. Mas o amo, claro!

Rafael Souza



Tempo de produção de um mapa artesanal depende da complexidade do tema e para que finalidade foi encomendado

Criação exige imaginação e também parceria

Atualmente, o foco de Rafael é a cartografia artística. Os pedidos mais comuns entre os clientes envolvem a reprodução dos mapas de livros populares de ficção fantástica — como “O Senhor dos Anéis”, “Harry Potter” e “The Witcher” —, a criação de mapas para livros de fantasia de autores nacionais independentes e para editoras, e também o desenho de mapas atuais de cidades e estados, além de mapas históricos. Para os clientes, cada mapa significa uma viagem afetiva, uma jornada através de um lugar que os marcou de alguma forma.

“Geralmente, quando se trata de uma representação de um mundo de fantasia, o mapa já existe. Então, o que eu faço é um novo design ou, quando me pedem uma réplica, adaptações no original para o papel”, explica Rafael. “Já na criação de mapas históricos ou atuais, faço pesquisas para entender a topografia, a natureza do local (tipo de vegetação, por exemplo), pontos turísticos e a cultura local, a depender do projeto”.

A confecção de mapas para livros de novos autores é um trabalho que exige muita parceria. Para ser fiel ao universo criado pelo au-

tor, o cartógrafo pede um esboço bruto do mapa e, durante conversas, autor e artesão trocam sugestões e fazem correções. “Como o mundo criado é deles, eu preciso respeitar. Não posso inventar nada, apesar de fazer sugestões para melhoria estética ou tornar o mapa mais condizente com a realidade”, marra Rafael. “De início, eu preciso desse esboço primordial, feito pelos autores. Nós conversamos, faço as sugestões e, logo em seguida, decidimos os detalhes e inspirações culturais, que me dizem como um templo deve ser desenhado (se como um templo cristão no período medieval, ou uma sinagoga, por exemplo). Isso norteia a estética geral do mapa”.

O tempo que Rafael leva para finalizar um mapa depende muito da demanda do projeto. Alguns podem ser feitos em um dia, outros em 15 ou 30, no caso dos livros. Mas há, também, mapas que levam quatro meses para serem finalizados. “O processo é totalmente artesanal”.

Se contar com a produção do papel, a história é um pouco diferente. Com o tronco de bananeira em mãos, é preciso amaciar, cortar,



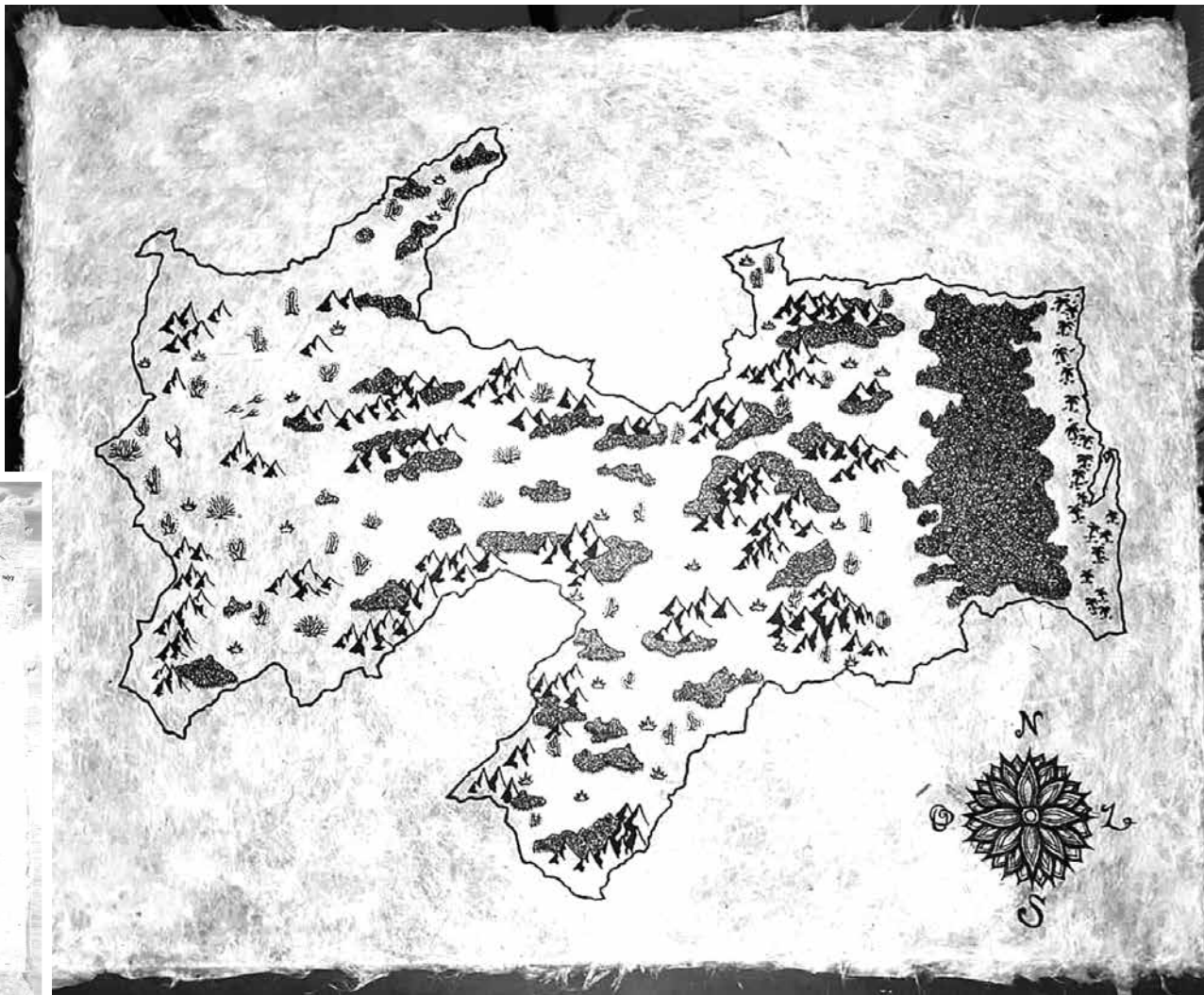
Rafael Souza aprendeu com a mãe a fazer o papel do pé da bananeira

cozinhar, clarear, triturar e moldar a fibra. Tudo isso leva cerca de dois meses, mas a espera vale a pena — o papel utilizado por Rafael é um sucesso, e desperta a curiosidade dos clientes e admiradores do tra-

balho do artesão. Para Rafael, o papel que aprendeu a fazer com a mãe é parte fundamental do processo de confecção dos mapas, porque são eles que guardam e contam todas as histórias.



Através do QR Code acesse os trabalhos cartográficos de Rafael Souza



Mapas fantásticos, bíblicos como o do êxodo de Israel e geográficos são feitos manualmente por Rafael Souza

ESTRADA ‘FANTASMA’

Obra é retomada após quase 100 anos

Três prefeituras se unem para retomar construção de trecho da BR-110, projetada por Epitácio Pessoa

Fotos: Jordam Bezerra

Lusângela Azevêdo
 lusangela013@gmail.com

As prefeituras de Patos, São José do Bonfim e Teixeira, retomaram com recursos próprios a construção do trecho da BR-110, obra do Governo Federal paralisada há quase 100 anos.

A descoberta da estrada “fantasma” foi feita pelo o agropecuarista José Gomes da Costa Neto, idealizador e entusiasta da retomada da construção, que percebeu que próximo aos seus terrenos havia um percurso com obras de artes prontas, bueiros e passagens molhadas, e que ligava os municípios entre si sem precisar passar pela Serra do Teixeira. Também um pontilhão, com data de 1933.

O trecho compreende cerca de 5 km e foi aberto na parte exterior da serra, e não na parte interior como é a atual estrada, a PB-262. O novo trajeto, além de evitar que os motoristas ou motociclistas precisem passar pelas temidas curvas da Serra, também economiza 3km de caminho. E, quando finalizada vai beneficiar de forma direta, além das cidades do Sertão da Paraíba, os vizinhos estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Segundo o prefeito de Patos Nabor Wanderley o novo trajeto além de aumentar a economia local, pois haverá um giro econômico entre os municípios interligados, também vai garantir maior fluxo para o trânsito e menor risco de acidentes, visto que 90% dos acidentes que ocorrem na Serra do Teixeira envolvem grandes caminhões, ou seja, “essa estrada alternativa é útil para evitar acidentes e, consequentemente, salvar vidas,” frisou o prefeito.

Nabor Wanderley informou ainda que junto com os prefeitos Esaú Nóbrega (São José do Bonfim) e Wenceslau Souza (Teixeira), levaram apresentaram o projeto para o governador João Azevêdo, que segundo Nabor Wanderley, já enviou técnicos e engenheiros do Governo do Estado, e uma equipe de topografia, para fazer uma análise do trajeto e um estudo completo da área, para comprar se, de fato, a nova estrada é viável ou não.

A rodovia foi projetada por Epitácio Pessoa, passou pelos presidentes Arthur Bernardes, Washington Luís e está paralisada desde 1930 por Getúlio Vargas. E quando finalizada vai melhorar a mobilidade na região e salvar vidas.



Estrada abandonada foi “descoberta” pelo agropecuarista José Gomes da Costa Neto

■ Obra contará com recursos próprios das prefeituras de Patos, Teixeira e São José do Bonfim

Ideia era tirar municípios da PB do isolamento

“Essa rodovia, quando foi idealizada, tinha o objetivo de ligar os municípios paraibanos entre si. Porque Teixeira, na época, era isolada por conta do desnível da Serra e a economia de Teixeira se voltava muito mais para o vizinho Estado do Pernambuco do que para as cidades paraibanas,” explicou o agropecuarista José Gomes da Costa Neto, idealizador e entusiasta da retomada da construção. De acor-

do com José Gomes as obras foram paralisadas por questões políticas e pessoais.

“Em 1930, a campanha tinha como candidato a presidente Getúlio Vargas e como vice o paraibano João Pessoa. Havia um conflito de interesses entre o Governo Federal e os políticos do Estado da Paraíba, a exemplo do coronel José Pereira, que comandava um grupo de pessoas na cidade de Princesa Isabel

que tinha como objetivo transformar a cidade independente da federação. O advogado que auxiliava juridicamente o coronel Zé Pereira era exatamente João Dantas (o advogado que assassinou João Pessoa em uma confeitaria, em Recife). Porém, como João Pessoa era candidato a vice-presidente e o governo Vargas tinha como principal opositor o coronel Zé Pereira, criou um clima hostil e por esse motivo quando Ge-

túlio Vargas assumiu a presidência, ele cuidou de sepultar o projeto da estrada para evitar que o grupo dos Dantas tivesse protagonismo político,” esclareceu o aposentado.

Em 1978, Ivan Bichara, governador do estado na época, tinha como uma de suas metas fomentar o desenvolvimento do município de Teixeira e, para integrá-lo à economia paraibana, decidiu construir a PB-262 que passa por dentro Serra.

<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 844441556691, datado de 05/06/2017, registrado sob o nº R-4/R-5, na matrícula nº 39.900, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: Uma casa Residencial Unifamiliar na R Projetada 1109, Jardim Nossa S, Conde-PB, venho intimar o(a) Senhor(a) TEREZA R CAMPOS SOARES DE CARVALHO, CPF nº 084.300.154-26, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>	<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 84444039887, datado de 04/07/2013, registrado sob o nº R-3/R-4, na matrícula nº 27.461, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: R Projetada 26 APT 203, Conde-PB, CEP: 58322-000, venho intimar os Senhores JULIANA LIRA CHAGAS PEDROZA, CPF nº 096.481.454-40 e LUCAS MOTA PEDROZA, CPF nº 080.169.974-65, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>	<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 844442293645, datado de 23/04/2020, registrado sob o nº R-3/R-4, na matrícula nº 48.331, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: Uma casa Residencial Multifamiliar casa 07 Lot Jardim Lusita, Alhandra-PB, venho intimar o(a) Senhor(a) NARCISO DE LIMA DIAS, CPF nº 100.144.374-81, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>
<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 155552734859, datado de 16/07/2013, registrado sob o nº AV-4, na matrícula nº 20.850, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: R Projetada Q R3 LT 11, Praia de Jacumã, Conde-PB, venho intimar o(a) Senhor(a) ADRIANA DE OLIVEIRA BRIGIDIO, CPF nº 159.215.478-67, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>	<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 844440877139, datado de 30/03/2015, registrado sob o nº R-2/R-3, na matrícula nº 36.743, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: Uma casa Residencial nº 02 do Cond Ana Nicole, Lot Jacuma, Conde-PB, CEP: 58322-000, venho intimar os Senhores JAILSON DE SOUSA VIEIRA, CPF nº 098.715.547-45 e MARCELA CRISTINA AGUIAR VIEIRA, CPF nº 065.390.374-06, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>	<p>EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE</p> <p>Bela. CLÁUDIA CRISTINA LIMA MARQUES, Oficiala do Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral - situado no município e Comarca de Alhandra-PB, seguindo as atribuições conferidas pelo artigo 26, da Lei nº 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 855550544601, datado de 14/09/2010, registrado sob o nº R-3/R-4, na matrícula nº 21.444, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: Uma casa Residencial na Rua Projetada 7, Mata Redonda, Alhandra-PB, venho intimar o(a) Senhor(a) MARILENE DE FREITAS, CPF nº 569.197.434-34, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período, nos termos do artigo 26, §4º, da Lei nº 9.514/97.</p> <p>Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossa Senhoria, para que se dirija a este Cartório Cláudia Marques, situado no município e Comarca de Alhandra-PB, na Rua Presidente João Pessoa, nº 1055, bairro Bela Vista, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – nos termos do Art. 26, §7º, da Lei nº 9.514/97. Eu, (_____) Kênia Patrícia Rodrigues de Lima, Substituta do RTD, o digitei. Alhandra-PB, 13 de janeiro de 2023.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>KÊNIA PATRÍCIA RODRIGUES DE LIMA Substituta do Registro de Títulos e Documentos Cartório Cláudia Marques – Serviço Notarial e Registral</p>

ITAPOROROCA

Abacaxi como principal fonte de renda

Município colhe mais de 100 milhões de frutos por ano e tem o estado de São Paulo como principal cliente

José Alves
zaviera2@gmail.com

Localizado no Vale do Mamanguape, o município de Itapororoca que foi inserido recentemente no roteiro turístico da Paraíba, tem como maior fonte de renda a produção do abacaxi, tanto o natural como o orgânico. Segundo informações da prefeita Elissandra Brito, o abacaxi é o maior destaque econômico do município afinal colhemos mais de 100 milhões de frutos por ano e atendemos tanto o mercado do estado, como o mercado do Sudeste do Brasil. “O estado de São Paulo é nosso principal cliente”, destacou.

Ela declarou também que Itapororoca tem um comércio de rua que é bem frequentado pela população local e que o município é o único da Paraíba que tem investidores produzindo em larga escala, o abacaxi orgânico. Segundo o responsável pela produção do abacaxi orgânico, Tobias Lopes, “nosso trabalho está sendo cada vez mais valorizado porque o mercado de

frutos sem agrotóxicos está em expansão no Brasil e em vários países da Europa”, argumentou.

Em Itapororoca, tanto o abacaxi natural como o orgânico que vem sendo vendido como um fruto de qualidade em razão da textura e fibra, é exportado para todo o país. Tobias contou que a produção do fruto orgânico foi iniciada há quatro anos e gira em mais de oito mil frutos por ano. A produção do abacaxi orgânico tem como maiores clientes as grandes redes de supermercados de João Pessoa, Recife e São Paulo.

Trata-se de uma produção bastante engenhosa que começa com os cuidados com o meio ambiente onde o fruto é plantado, sem o uso de nenhum agrotóxico que venha a agredir o espaço. “O plantio orgânico preserva a flora e a fauna, além de proporcionar saúde aos consumidores. O fruto é doce e saudável”, garantiu Tobias Lopes.

O município ganhou no dia 26 do mês de dezembro numa parceria da prefeitura com a PBTur e o Sebrae

“

Nosso trabalho está sendo cada vez mais valorizado porque o mercado de frutos sem agrotóxicos está em expansão no Brasil e na Europa

Tobias Lopes

seu roteiro turístico. A prefeita Elissandra Brito, ressaltou que está apostando tudo nesse roteiro que com certeza vai beneficiar toda a população no que diz respeito à qualidade de vida, uma vez que o turismo proporciona mais emprego e renda.



Fotos: Divulgação

Itapororoca ganhou em 26 de dezembro, em parceria com a PBTur e Sebrae, seu roteiro turístico



Prefeitura aposta no roteiro turístico que beneficiará a população com mais emprego e renda

Roteiro turístico através de pesquisa

O roteiro que segundo a prefeita foi fruto de um minucioso trabalho de pesquisa histórica feito por uma equipe de profissionais comandada pelo consultor do Sebrae-PB, Thiago Rodrigues, tem início com uma caminhada em trilha ecológica que passa por rochas vulcânicas com direito a banho de piscina, visita a ruínas de engenho, casa e capela centenárias, pela budegas Biu Bau, típica do interior nordestino, cujo proprietário é um dos comerciantes mais antigos da cidade, segue pela trilha do Cangaço (onde um grupo folclórico da cidade encena a dança do Xaxado), passa pela única plantação de abacaxi orgânico da Paraíba e termina com um belo pôr do sol cultural com um saxofonista que executa músicas da MPB na barragem de Santo Antônio. No local, em breve, serão construídos bangalôs para atender melhor os turistas e moradores.

Com o lançamento do roteiro turístico, a prefeita Elissandra Brito admitiu que Itapororoca agora faz parte do roteiro turístico da Paraíba e do país.

“É bom que nossa cidade tenha esse olhar voltado para o turismo, pois sabemos da importância da nossa história e precisamos valorizar nossos artistas, nossa gastronomia e nossas belezas naturais. Estamos propondo com este roteiro, um turismo ecológico responsável”, exaltou a prefeita.

O Parque Ecológico da Nascentença é uma excelente opção de caminhada. A trilha tem resquícios de Mata Atlântica e rochas vulcânicas. É agradável e vai de encontro a uma fonte que culmina com o Parque Aquático, onde o banho de piscina e o momento de lazer com a família já são tradicionais. Ainda no percurso da trilha há espaços reservados para pique-nique e momento de contemplação da natureza.

O parque Ecológico da Nascentença fica aberto à visitação de quarta a domingo, sendo que nas quartas a visita tem que ser agendada através do Instagram da Secretaria de Cultura do município. “O horário de funcionamento do parque é das 8h às 14h”, informou o vice

presidente do Conselho de Turismo da cidade de Itapororoca, Felipe Gomes. Ele disse que os restaurantes ao redor do parque funcionam de domingo a domingo.

Além dos passeios e trilhas turísticas, o visitante de Itapororoca também conhece no Centro da cidade, mais precisamente na Praça Assis Brito toda a produção do artesanato local. É na praça que a produção artesanal é oferecida aos visitantes da cidade que tem cerca de 18 mil habitantes e fica a 66 quilômetros de João Pessoa.

Além de líder na produção do abacaxi, Itapororoca se destaca por suas belezas naturais com os resquícios de Mata Atlântica pouco preservada, os rios temporários e seu relevo. No município também existem casas de farinha e engenhos de aguardente, a exemplo de Camurim, Campo Verde, Sedução, Amoré, Curral Grande e Luana. Na agricultura, as principais fontes de renda são o abacaxi, a cana-de-açúcar, milho, feijão, macaxeira, inhame, batata e pimentão.

Cidade foi distrito de Mamanguape

No ano de 1911, Itapororoca figurou na história da Paraíba como distrito de Mamanguape. Sua emancipação ocorreu em dezembro de 1961, sendo instalado oficialmente o município em 15 de fevereiro de 1962. Antes de se chamar Itapororoca, a cidade era conhecida como Vila de São João de Mamanguape. Existem muitas versões em relação à formação desta cidade, mas a que mais chama a atenção é uma lenda que conta o seguinte: Em meados do século 18, um homem conhecido como João Batista fez uma viagem para o Norte do país à procura de riquezas. Chegando ao seu destino, foi aprisionado por índios da região. Se vendo à beira da morte, fez uma promessa para seu santo de devoção

(no caso, São João Batista): se fosse solto e conseguisse voltar para sua terra natal, construiria uma capela e colocaria, nela, o nome de São João Batista.

Assim aconteceu: foi solto pelos nativos, conseguiu uma grande quantidade de bens e antes de voltar para sua terra mãe, construiu uma capela em homenagem a São João Batista, daí o começo da história da cidade (Vila de São João, logo depois Itapororoca).

Até hoje, as homenagens ao glorioso São João Batista são visíveis em Itapororoca. A partir da construção da Capela em meados do século 18, o santo se tornou o padroeiro do lugarejo e depois de muitos anos, com a fundação da paróquia por autorização da Igreja Pa-

raibana, recebeu o título de padroeiro paroquial. As homenagens ao santo padroeiro acontecem especificamente de 13 a 24 de Junho, com uma grandiosa festa em sua honra promovida pela Paróquia, contando com a participação dos cristãos católicos do município e de cidades vizinhas.

■ A emancipação de Itapororoca ocorreu em dezembro de 1961, sendo instalado oficialmente o município em 15 de fevereiro de 1962



A Capela de São João Batista foi construída na cidade em meados do século 18



Foto: Theresles Silva/Divulgação

Motivado a resgatar o prestígio histórico da OSPB, o regente-titular Paco de Gea apresentará os planos artísticos e administrativos para alcançar esse feito

MÚSICA

Uma nova regência para a Sinfônica da PB

Um dos membros-fundadores da instituição musical, o maestro argentino Gustavo de Paco de Gea está assumindo a batuta da OSPB nesta nova temporada

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quando o flautista argentino Gustavo de Paco de Gea chegou a João Pessoa em 1978, aos 20 anos de idade, ele tinha o encargo de ser professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e integrar o então Quinteto de Sopros na instituição de ensino. Quarenta e cinco anos depois, a missão é diferente: ele assume a regência da Orquestra Sinfônica da Paraíba motivado a resgatar o prestígio que a OSPB deveu quando ele foi um de seus membros-fundadores. Com a experiência de ter criado o Departamento de Música da UFPB e a Orquestra de Câmara de João Pessoa, atual Orquestra Sinfônica Municipal, ele apresenta os planos artísticos e administrativos para alcançar esse feito. “É uma responsabilidade histórica. A orquestra tem uma história muito importante e que desafia a todos nós. É preciso manter essa linha que a orquestra teve e recuperar o prestígio nacional que a gente tinha. Para isso, tem um trabalho de escola muito grande que precisa ser feito”, afirma o maestro que já havia regido a OSPB como convidado em 2011 e 2017.

Gustavo de Paco assume esse posto depois de 10 anos de Luiz Carlos Durier a frente desse trabalho. O paraibano voltará a se dedicar exclusivamente à Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba (OSJPB). A solução encontrada para a vacância na OSPB foi caseira. “Costumo dizer a ele que esse foi um traba-

lho inacreditável. Como ele conseguiu manter viva as duas orquestras sozinho, é impressionante. Estou chegando para dar essa continuidade e colocar a orquestra no patamar histórico que ela tinha”, reforça o músico de Buenos Aires, que apenas nos últimos cinco anos passou a almejar a batuta da OSPB. Mas o bastão delgado não é o único que o experiente profissional terá de controlar. “Também tem questões administrativas, como a necessidade da implantação de um plano de cargos e salários para os músicos. Isso faz parte da continuidade ou vai chegar o dia em que a orquestra vai acabar. É necessário ter esse plano até para não perder mais elementos”, alerta De Paco, informando que o primeiro oboé já está de saída do grupo em direção à Bahia.

Para mudar esse compasso, o maestro confia no talento dos jovens artistas paraibanos que sonham chegar à OSPB. “Tem um celeiro grande na Universidade e na Escola Estadual de Música Anthenor Navarro. É impressionante como ele surge. Mas precisamos ter um nível salarial de acordo com o prestígio que a orquestra tinha”. A trajetória de Gustavo de Paco indica que ele é a pessoa certa para esse trabalho. É que a vida do profissional que desembarcou em Recife (PE), no dia 27 de fevereiro de 1978, e partiu em uma Kombi com destino a João Pessoa, segue um roteiro clássico de profissionais que atingem um alto nível em suas carreiras. Criança prodígio que assumiu desde cedo uma rotina de muitas responsabilidades e um ritmo de ensaios e estudos intensos, aos oito anos, Gustavo de Gea já era solista de óperas no Teatro Colón, em Buenos Aires, tendo posteriormente passado a fazer parte do grupo Os Pequenos Virtuoses do Mozarteum Argentino.

“Quando a gente vê isso com essa idade, ao mesmo tempo você fica impressionado e atraído, e não quer sair mais”. Mas ao atingir a adolescência, a mudança inevitável da voz o obrigou a abandonar o canto. Foi nesse período difícil que ele passou a se dedicar mais ao instrumento que o traria ao Brasil anos mais tarde: a flauta. Com isso, ele se tornou discípulo do flautista Alfredo Ianelli e se formou no Conservatório Juan José Castro, uma vez que não havia graduação em música na Argentina naquela época. Com 18 anos, já dava aulas e tocava em várias orquestras do seu país. Na universidade, ele buscou por três anos aprofundar nos estudos de uma outra paixão: o jornalismo esportivo. O músico era sobrinho de José María Muñoz, um dos narradores mais importantes da história Argentina, e torcedor do Independiente. Ele conta em detalhes o dia em que viu pela primeira vez um rapaz que, por volta dos 15 anos, no Argentinos Juniors, já chamava a atenção de todos. “Maradona sozinho acabou com meu time. Nós ficamos de boca aberta apenas nos olhando”, lembra o músico, que presenciou direto do Estádio Azteca, no México.

Na UFPB, seu grande mestre era outro argentino, o compositor e pianista J. Alberto Kaplan. Já a regência quem primeiro o ensinou foi o maestro Eleazar de Carvalho, que, na segunda metade da década de 1980, foi responsável por incluir a OSPB entre as melhores orquestras sinfônicas do país. “Mas eu estava aprendendo sem saber, pois só olhava naquela época”. Mas antes que qualquer um desses nomes pudesse influenciar a carreira de Gustavo de Paco, a maior inspiração vinha de casa. Gustavo de Paco é filho da maestrina D. Norma Romano, que deixou a Argentina um ano depois do filho, seguindo um convite feito pela UFPB. Ela atuou como tecladista da Orquestra Sinfônica da Paraíba durante oito anos e regeu a Orquestra Infantil da Paraíba desde 1986, tendo sido responsável pela formação de gerações de músicos que hoje estão sob a coordenação de seu filho.

“Aqui em casa, nós falamos sobre ela todos os dias. Aqui, a dois metros de mim, está o cravo dela [instrumento de teclado que possui formato semelhante ao do piano de cauda antigo]. Um instrumento alemão maravilhoso”. Teria partido de D. Norma Romano a ideia de criar Orquestra de Câmara de João Pessoa, em 2001. “Porque ela via os músicos mirins crescendo e se perdendo. Então era preciso criar uma orquestra jovem, com bolsas, para aproveitar esses músicos. E assim se salvaram muitos músicos”. Para dar continuidade ao trabalho de sua mãe, morta em 2015, Gustavo de Paco conta com esse trabalho de base, que destaca a Paraíba em relação a outras regiões do Nordeste. “Recife é uma cidade bem maior, mas, proporcionalmente, não tem a quantidade de bons músicos jovens que nós temos aqui. Não é que a gente tenha músicos mais talentosos que em outros lugares: o negócio é descobri-los e dar oportunidades com um ensino de alto nível”, diz o regente.

Gustavo de Paco é o único professor da primeira turma do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba que ainda está em atividade. Ele também é um dos músicos que tocou no primeiro concerto da OSPB que ele agora quer reestruturar. Para isso, ele já tem desenhado o roteiro de próximos concertos, que vão se apoiar em um dos pilares da música erudita. “Na parte musical, a maior escola que podemos ter são as nove sinfonias de Beethoven, pela ordem numérica para que a gente possa depois, nas outras temporadas, encarar obras ainda maiores. A tendência é essa: crescer musicalmente e depois ver se a gente consegue fazer aquelas obras impressionantes que a gente fazia naquela época de ouro da orquestra”, finaliza o maestro, pronto para se tornar um protagonista do desenvolvimento musical da Paraíba.

Flautista chegou a João Pessoa em 1978, aos 20 anos de idade, sendo professor da UFPB e músico do Quinteto de Sopros na instituição

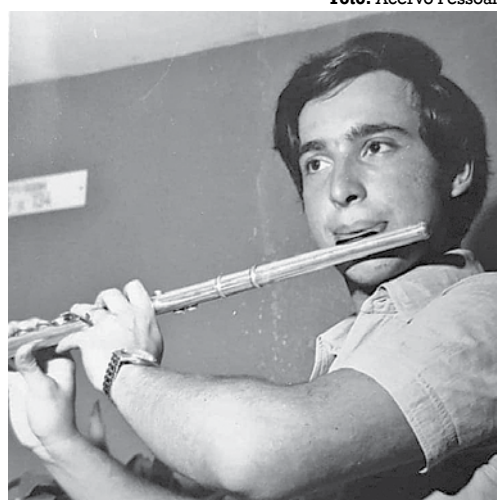


Foto: Acervo Pessoal

CONTINUA NA PÁGINA 12

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A intentona fascista

A recente intentona golpista do último dia 8 foi sendo gestada ao longo dos últimos anos. Ela envolveu a cooptação de militares, gestores públicos, o financiamento por parte de empresários e a ação de uma milícia bolsonarista, que acampou em frente de quartéis pedindo intervenção militar e a anulação das eleições presidenciais.

Desde a invasão do Capitólio, em 2021, pela extrema direita trumpista, que tínhamos algo semelhante no Brasil. Bolsonaro chegou a afirmar que “se nós não tivermos o voto impresso em 22 [2022], uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os Estados Unidos”. Uma ameaça clara à ordem democrática.

Lula tem pela frente um desafio para pacificar o país. A questão militar é chave nesse intrincado jogo político. Os militares, historicamente, procuram impor uma tutela ao poder civil e estão mais preocupados com um suposto inimigo interno do que com as ameaças externas. Eles foram reintroduzidos no mundo da política na última década. Aos poucos retomaram o protagonismo, que atingiu seu ponto máximo com a eleição de Bolsonaro e do general Mourão.

O bolsonarismo exerce forte influência ideológica nas forças de segurança, o que ajudou a criar instabilidade e a colocar em xeque valores republicanos, abalando desse modo o

funcionamento das instituições democráticas. Os indícios são fortes de que os ataques violentos à sede dos Três Poderes teve a leniência das forças de segurança do DF. Não teria sido algo espontâneo, mas estrategicamente planejado.

O contingente policial empregado não se mostrou suficiente para impedir o quebra-quebra. Os prédios não foram isolados. Vídeos mostram policiais fazendo vista grossa e até mesmo conduzindo os criminosos para a Esplanada dos Ministérios. Outro detalhe importante é que o secretário de segurança do DF, Anderson Torres, ex-ministro de Bolsonaro, trocou a chefia da PM um pouco antes da invasão. Durante o ataque ele estava nos Estados Unidos.

Diante desse quadro, o presidente Lula nomeou um interventor para cuidar da segurança do DF e o STF determinou o afastamento do governador Ibaneis Rocha do cargo por 90 dias, como também a prisão de Anderson Torres.

A intentona criou um cenário propício para uma ação mais enérgica do governo em relação aos grupos fascistas. Lula, desde o início do governo, parecia indicar que estava disposto a uma saída conciliatória com as forças de oposição e os militares. A nomeação de José Múcio para Ministro da Defesa, nome aprovado pelo alto-comando militar, deixa claro essa aposta.

A conjuntura política não é favorável para um golpe de estado. Não existe unidade entre as classes dominantes, o projeto fascista foi derrotado recentemente nas urnas e os principais líderes mundiais condenaram as ações golpistas. Um golpe provavelmente levaria a uma guerra civil e deixaria o país isolado no mundo.

Cabe perguntar qual estratégia Lula adotará. Ele deve enfrentar duramente as forças golpistas? Aproveitará o momento para enfraquecer os militares bolsonaristas, trocando o comando das tropas e exonerando algumas de suas principais lideranças? Ou seguirá apostando numa política de conciliação? Quais são os riscos de seu governo ser derrubado num futuro próximo?

Democracia

**O projeto fascista
foi derrotado
recentemente nas
urnas e os principais
líderes mundiais
condenaram as ações
golpistas**

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Arte e sua dignidade social

A falta de dignidade causada pelo ódio gera os perversos e os sedutores “falsos valores morais”, também estimulam violentos comportamentos psicóticos de massa. Todos esses sintomas são alimentados por um “poder político patológico” num determinado momento histórico de terror, bem como numa religiosidade adoecida na esquizofrenia. Por causa disso, alguns cidadãos – influenciados pela beleza da arte – constroem o próprio senso crítico com a finalidade de priorizar o ideal de pertencimento como um “bem comum de gosto estético”; também, de impulsionar as suas atitudes pacíficas na construção do bem-estar social.

Nos dias atuais, os sentidos de existência de muitos cidadãos estão fragmentados no medo e na mais terrível miséria humana. Diante disso, geralmente, observa-se a perda da sensibilidade e da intuição. Também, outra tragédia é o desaparecimento dos referenciais de respeito para com o outro. Contra essa loucura, um dos desafios é conciliar a liberdade com as determinações da “sensibilidade estética” através da própria felicidade, a partir da beleza de existir.

Johann Gottfried von Herder (1744-1803), escritor e filósofo alemão, defendia a ideia de que: “Os grandes poetas expressavam o pensamento e a experiência de suas sociedades e eram seus verdadeiros porta-vozes”. Esse argumento está fundamentado na sua obra *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade* (1774), que contribui para conceituar a identidade de uma nação. Nesse livro, com a necessidade de pensar a história, Herder apresenta a arte para construir a dignidade/felicidade de todo os cidadãos.

A poesia como construção de uma identidade de uma nação, também foi apresentada pelo poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) no seu livro *Poesia e Verdade* (1811), em que afirma que “Herder nos ensina a pen-



Filósofo alemão Johann Gottfried von Herder

sar na poesia como o patrimônio comum de toda a humanidade”. Outra sua tese, em comum com o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) é de que: “A afirmação e os destinos de um povo são determinados pelas questões regionais, e elas adquirem uma projeção nacional e se direcionam para o universal”. O conceito de ideal de “identidade nacional” em Herder foi influenciado pelo filósofo alemão Johann Georg Hamann (1730-1788), que é considerado um dos pensadores do irracionalismo alemão do século 18. Vários artistas e filósofos daquele século reconheceram a contribuição do Hamann para fundamentar os princípios estéticos, bem como da filosofia da arte e seus impactos nas transformações sociais ao bem-estar de todos. Isso despertava o otimismo entre os cidadãos para redescobrir a relação de harmonia entre a perfeição do universo com a beleza da natureza humana. Por isso, acreditava-se na sensibilidade do público para compreender os temas relacionados a essa unicidade (universo e natureza humana); e

no despertar – no povo – um gosto estético a partir desse equilíbrio. Eles acreditavam que o próprio homem é o herói de si mesmo e do seu próprio povo.

Gottfried von Herder apresentou na sua outra obra *Ideias para a Filosofia da História da Humanidade* (de 1784 a 1791), a tese de que: “O homem tem sua origem a partir de uma raça e sua formação e educação e modo de pensar são genéticos”. Nesse livro, apresenta o caráter dos povos sendo o resultado dos seus traços raciais e do clima em que viviam e do tipo de vida material que enfrentavam, também da educação que recebiam. Tudo isso forma – em cada cidadão e no povo – suas características imutáveis que estão fixadas na própria cultura e no idioma falado. Afirmava que a arte, o gosto e os costumes, somente podem ser valorizados pelo próprio povo e pela época em que surgiram. E que o caráter nacional – no indivíduo ou no povo – o acompanhava mesmo quando emigravam, fazendo-o preservar a cultura da “Mãe-Pátria”. Nessa tese, cria-se a “identidade nacional” que evidencia a cultura que existe em cada povo e o que diferencia entre eles e a relação da cultura com o seu passado, isto é, a sua ancestralidade como patrimônio imaterial. E os poetas são responsáveis por extrair essa cultura – do seu povo – através do idioma popular, da literatura, das cantigas e das lendas, a fim de renovar o tempo presente e fortalecer a cultura regional e nacional, e projetá-la para o universal.

Sinta-se convidado à audição do 403º Domingo Sinfônico, deste dia 15, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Apresentarei as peças do compositor e pianista austro-húngaro Johann Nepomuk Hummel (1778-1837). Conviveu numa época de revoluções e de guerras. Priorizava a arte e sua dignidade social diante dos conflitos.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Adalgisa viva!

Frida Kahlo escreveu 39 palavras sobre a poetisa e escritora brasileira Adalgisa Nery. Elas eram amigas. Entre os vocábulos – alumbre amor, aroma, antena, abismo e azul.

Recebi da editora José Olympio o livro *Do fim ao princípio - poesia completa de Adalgisa Nery*, organizado pelo escritor e jornalista Ramon Nunes de Mello. O livro é a consagração de uma mulher que sabia escrever e visitava os jardins da casa de Cândido Portinari, no Cosme Velho, Rio, na década de 1940. E muito mais.

Adalgisa trabalhou com jornalismo e literatura, teve seu nome esquecido. Quando perdeu o marido, o artista Isamel Nery, 10 anos depois casou-se com Louviral Fontes, que na época era diretor de imprensa e propaganda da ditadura de Getúlio Vargas. Pagou caro por isso.

Adalgisa escreveu os versos mais belos, os mais feridos, os mais delirantes e amorosos. Palavras outras, que nos deixam mais vivos, no que podemos pensar como a arte e a beleza da música. A música é, em si, um colosso.

Nos versos publicados agora num “livrão”, com poemas navalhados na carne, quase cios, círculos, a autora invade séculos da memória, que reflete na nossa vida toda. Memória signos, fontes e rios, evaporando e despedidas.

No poema *A Presença do Amado*, Adalgisa se dilacera ao se declarar ao amor, usando a palavra bendigo com a força da possibilidade íntima. É impressionante o jogo de palavras, que compõe os seus versos e (di)versos sentidos.

Adalgisa não deixa rastro, sequer sequelas, como se ela estivesse a sonhar em gozo e ninguém precisa saber com quem a gente se deita, nada sobre a mesa, jamais a sobremesa, faunos e feras dançam nos seus céus e infernos versos, em qualquer cerimônia, da estrela da manhã do Bandeira, a beleza da tarde ou à noite, em busca da madrugada.

Uma mulher ao vento, como uma estrela precoce que nos puxa e leva nosso olhar para a vida da poesia.

As leituras mais densas, também frágeis, ou a frase que faz de nós, os que se movem, os que leem, versos da década de 1940, perseguidos e perseguidores de uma forma que nos mantêm vivos, repito, vivos, num mundo morto a buscar uma memória tão esquecida e pura. Onde andarás Adalgisa Nery?

É preciso ler os poemas e romances de Adalgisa Nery, é preciso, é preciso. Tudo o que ela escreve e faz de nós seres ancorados, libertos ao largo no espaço das coisas que mais queremos, que desejamos, a luta da paixão, o luto e depois, a libertação.

De tanto vislumbre desses poemas inundados de desejos, está a aparição de uma fotografia dela no miolo do livro, com o indicador abaixo do queixo, um retrato de Paulo Cracez, de 1971, para *O Pasquim*. As unhas pintadas parecem afiadas e não sei como é que as mulheres usam unhas grandes, se o prazer vem pelo vento, do ventre, velas e caravelas.

Quem sou eu para escrever sobre Adalgisa Nery? Não sou nada, um leitor aprendiz. Talvez pela contemplação dos seus versos. Talvez eu esteja a sonhar com amantes e flores, talvez porque, segundo ela, os amantes se realizam na interpretação das almas. Não sei, não sei sequer quem sou a pensar em escrever sobre Adalgisa. Sei que Adalgisa, permanece viva.

Kapetadas

- 1 - Só não entendo essa obsessão por estado de sitio. A gente já está na roça faz tempo.
- 2 - Ser brasileiro é considerado comorbidade?
- 3 - Uns testam positivo, alguns, negativo, e outros testam grande.



Em 1956, a poeta e escritora carioca Adalgisa Nery (1905-1980)

Colunista colaborador

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Durier: maestro em nome da música

Em 2023, regente deixa o comando da OSPB, mas permanece como titular da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Há 10 anos, quando o maestro pessoense Luiz Carlos Durier aceitou o convite para assumir a regência da Orquestra Sinfônica da Paraíba, acumulando o mesmo trabalho exercido na Orquestra Sinfônica Jovem, o quadro era de grave crise. A saída do gaúcho Alex Klein para o Programa de Inclusão através da Música e das Artes (Prima), em 2012, levou Durier a enfrentar seus maiores desafios profissionais naquele período. “O governador havia me solicitado para que eu ficasse com as duas orquestras, que foi uma honra muito grande e um trabalho imenso. Fiquei muito feliz momentaneamente”, conta o maestro, que agora se despede da função. “Eu estou feliz e saí da Orquestra a pedido porque estava cansado”, confessa Durier, que completou 63 anos ontem.

O momento é de fazer um balanço desse período do desenvolvimento musical da Orquestra, de perceber o legado que ficou para a OSPB depois de uma década. “A Sinfônica da Paraíba sempre teve momentos grandiosos e outros de muita preocupação. Em todos esses momentos eu estive presente. Não sei o que meus colegas vão dizer, mas ninguém é uma unanimidade. Nos momentos de crise, eu estava sempre lá. E não foram poucos, foram muitos”, afirma Durier, que, segundo ele, apoiou a escolha de seu substituto. “Gustavo de Paco vem trazer um sangue novo na orquestra, um ex-componente de muita competência. Nós participamos da in-



Para Durier, todos os concertos foram importantes e emocionantes

dicação de vários maestros e o nome dele foi aquele que os músicos almejavam”.

Na OSPB desde o final dos anos 1980, em 2003 Durier já era assistente da Orquestra Sinfônica, uma vez que o re-



Na Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba sou um educador, antes de mais nada

Luiz Carlos Durier

gente da Jovem também tem essa atribuição. No momento de fazer a escolha entre as duas formações sinfônicas, ele não teve dúvidas ao tomar sua decisão. “Na Orquestra Sinfônica Jovem, da Paraíba sou um educador antes de mais nada. É um trabalho de identificação e eu gosto de realizar minhas coisas na construção de habilidades e competências nos jovens músicos que vão ascender à sinfônica profissional”, conta ele, que no seu trabalho jamais procurou diferenciar o nível de elaboração artística que cobra dos músicos sob sua batuta, independentemente da idade ou experiência que possuam. Por permanecer nessa função, Durier continuará auxiliando o novo regente da OSPB.



Maestro é responsável pela construção de habilidades dos músicos

Questionado a listar as passagens mais marcantes durante todos esses anos, inicialmente Durier diz que todos os concertos foram importantes e o emocionaram muito. “Para um artista, o importante é a realização daquele momento, mas teve alguns que eu tive que controlar o choro”. Mesmo assim, ele destaca a inauguração do Teatro A Pedra do Reino, em 2015, e os concertos populares no Espaço Cultural, na cidade de

Bayeux e no bairro do Valentina de Figueiredo, em João Pessoa. “Teve o concerto que fiz com Marinês, que era a voz mais linda e afinada de todas as cantoras brasileiras. Lembro também do nervosismo que tive por estar junto a Sivuca. Eu estava uma pilha de nervos porque ele era um monstro sagrado da música e mesmo assim foi muito gentil e simpático comigo”, lembra ele sobre a gravação do DVD *Sivuca, o poeta do som*.

Como regente-titular da OSPB, Luiz Carlos Durier ampliou o alcance da Orquestra através de concertos didáticos, com a presença de alunos da rede estadual de ensino, e de outros que contaram com solistas da música popular brasileira, em apresentações com grande presença de público, tais como Ângela Ro Ro, Arnaldo Antunes, Flávio José, Genival Lacerda, Alcione, Toninho Ferragutti, Dominguinhas, Geraldo Azevedo e as paraibanas Sandra Belê, Lucy Alves e Cátia de França. Em sua formação como regente, foi aluno de Wolfgang Groth, Nelson Nuremberg e Guilherme Scarabino, e por muitos anos estudou com o maestro Osvaldo Ferreira.

Outras referências que faz questão de citar estão os mestres José Siqueira, José Alberto Kaplan, Iara Bernette, Violeta de Gainza, Guilherme Campos, Horácio Schaffer e Kurt Masur. Desde que chegou à Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (Eman), em 1991, ele lidera atividades de educação musical ensinando Musicalização, Viola e Música de Câmara.

“Ao regente não cabe apenas reger. Ele precisa ter uma empatia com a orquestra, precisa ter credibilidade e a fé dos músicos naquilo que você está trabalhando. Eu conquistei isso por onde eu passei”, analisa Durier, em retrospecto. Prospectando o futuro, ele encerra dando a Gustavo de Paco um conselho que ele mesmo gostaria de ter ouvido quando assumiu a Orquestra Sinfônica da Paraíba. “Fale em nome da música”, conclui ele, emocionado.

‘STREAMING’

Famoso jogo ‘The Last of Us’ estreia como seriado

Mariane Morisawa
Agência Estado

Street Fighter, Assassin's Creed, Resident Evil. O histórico das adaptações de *videogames* para o cinema e a TV não é dos melhores. Mas *The Last of Us*, baseada nos jogos desenvolvidos pela Naughty Dog, que venderam impressionantes 37 milhões de cópias no mundo todo, pretende mudar essa sina. A série, que estreia hoje, é a maior aposta do ano da HBO, que não costuma atirar para errar. Craig Mazin (*Chernobyl*), que divide o posto de *showrunner* com o roteirista do *game*, Neil Druckmann, mostrou otimismo na CCXP: “Eu acho que nós acertamos”.

Druckmann criou *The Last of Us* quando tinha acabado de ser pai pela primeira vez, adaptando um *game* de zumbis feito como trabalho de faculdade. “Ele é uma exploração do amor incondicional de um pai por seus filhos, as coisas belas e horríveis que podem surgir daí”, disse ele em mesa-redonda com a participação do *Estadão*, em São Paulo. O jogo é conhecido por explorar os personagens e a história muito além das ações exigidas do *gamer*.

Joel (Pedro Pascal) é um sujeito de classe média, viúvo, que tem uma filha adolescente, Sarah (Nico Parker), e um irmão que vive se metendo em confusão, Tommy (Gabriel Luna). No espaço de um dia, uma pandemia causada por um fungo infecta a maior parte da população da Terra. Vinte anos depois, Joel, que só se preocupa com a sobrevivência, recebe, a contragosto, a missão de levar a adolescente Ellie (Bella Ramsey) em uma travessia pelos Estados Unidos, em meio a um governo autocrático combatido por grupos de resistência. A relação entre Ellie e Joel está no centro da narrativa.

Como Mazin, Druckmann também está confiante. Uma das razões são as diversas videoconferências durante a produção, em que mostrava clipes para seus colegas na Naughty Dog. “Quando terminava de compartilhar a minha tela, todos estavam se debulhando em lágrimas”, contou ele em entrevista coletiva. “Porque não apenas a série é boa – e é. Mas ela honra o que a equipe fez esses anos”.

Não que alguns tenham deixado de manifestar discordâncias. Como se sabe, muitos dos fãs de produtos da cultura



Bella Ramsey (E) e Pedro Pascal (D) são protagonistas da série sobre um mundo pós-apocalíptico: fim da maldição das adaptações de ‘games’?

pop gostam de se apegar a detalhes desimportantes, como a aparência. Choveram mensagens maldosas sobre o fato de Pedro Pascal não poder ter uma barba farta como o personagem no *videogame*. Ou críticas a Bella Ramsey, conhecida por roubar a cena como Lyanna Mormont em *Game of Thrones*. A atriz disse que entende os fãs, que criaram vínculos fortes com Joel, Ellie e outros. “Para mim foi uma honra fazer essa personagem, que me parecia familiar”, afirmou ela em mesa-redonda com participação do *Estadão*.

Se Craig Mazin sentiu qualquer pressão, escondeu bem, pelo menos nas entrevistas. Ele

lembrou que se afastar da interatividade inerente ao *videogame* foi libertador. “Os momentos do jogo de que mais gosto são aqueles em que não estou no controle”, contou, referindo-se às muitas passagens em que há apenas o relacionamento entre os personagens, sem que o jogador precise fazer nada. “Porque são esses que separam *The Last of Us* dos outros *games*. Para mim, é quase como se fosse uma série de TV tentando se libertar”.

Em sua opinião, as adaptações anteriores de *videogames* falharam por tentar reproduzir as ações do jogador. “Nós não fazemos isso. Nossa série é inspirada na história e nos per-

sonagens que Neil criou”. A interatividade, aqui, é mais sutil, com o intuito de fazer o espectador se deixar levar pela jornada de Joel e Ellie. *The Last of Us* é uma história sobre as superações e limitações dos seres humanos, sua capacidade de sobrevivência, de altruísmo e de amor diante da adversidade.

História

Para Druckmann, fazer a série permitiu expandir o mundo e os personagens, focando no drama. Sua abordagem foi sempre pensar em como fazer a melhor série de TV possível e isso implica algumas mudanças. “Não podíamos ficar muito presos ao

que já tínhamos feito. A televisão tem pontos fortes e fracos diferentes de um *videogame*. Então, às vezes o melhor era fazer de forma idêntica o que estava no *game* e, às vezes, desviar totalmente, por ser o melhor para a história”.

Ele quis fazer uma adaptação do *videogame* justamente porque nem todo mundo joga. “Minha maior esperança é que alguém assista à série e se emocione com ela. E aí pense: ‘Como assim ela é baseada em um jogo?’”, acrescentou, sabendo que, para muitos, o sinônimo de *videogame* é *Pac-Man*. “Elas vão perceber que esse outro meio é rico em narrativas e experiências”.

Fotos: HBO/Divulgação

NA ALPB

Novos deputados assumem em 15 dias

Parlamentares terão, como primeiro desafio, a eleição da Mesa que deverá reconduzir Adriano Galdino à presidência

Petronio Torres
petroniotorres@yahoo.com.br

Faltando apenas 15 dias do fim da atual legislatura, os futuros deputados estaduais eleitos e outros reeleitos para a Casa Eptácio Pessoa já começam o 'aquecimento para entrarem em campo'. E logo no primeiro desafio, na primeira sessão do ano le-

gislativo, uma eleição que está praticamente sacramentada e que deve reconduzir Adriano Galdino (Republicanos) à presidência da Assembleia Legislativa da Paraíba, para os próximos dois biênios (fevereiro de 2023 a fevereiro de 2025 e fevereiro de 2025 a fevereiro de 2027).

A maioria dos 36 deputados estaduais eleitos e reeleitos já foi diploma-

do pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba no último dia 19 de dezembro de 2022, no Centro de Convenções de João Pessoa. A preção de hoje, a nova legislatura terá 24 parlamentares irão compor a base de sustentação do governador João Azevêdo (PSB) e de seu vice-governador Lucas Ribeiro (Progressistas). Enquanto que outros 12 farão parte da oposição na Casa Epi-

tácio Pessoa.

Aliás, antes da posse dos deputados da nova legislatura, a vigésima da Casa, a antiga terá ainda que aprovar a Lei Orçamentária Anual para o exercício financeiro de 2023, que seria apreciada na semana que passou, mas foi adiada mais uma vez. A Peça está orçada em pouco mais de R\$ 17,6 bilhões. A previsão da Casa, segundo

a Secretaria de Comunicação do Legislativo estadual, para a votação da LOA é o dia 17. Essa será a última sessão da atual legislatura. Em números exatos, a LOA estima a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 2023 em R\$ 17.635.592.015,00 (dezesete bilhões, seiscentos e trinta e cinco milhões, quinhentos e noventa e dois mil e quinze reais).

Conheça os 36 parlamentares que assumirão o mandato

■ **Adriano Galdino** - (Republicanos) nasceu em Campina Grande, em 21/10/1960, Adriano Galdino é formado em Engenharia Civil e Direito. Foi vereador por dois mandatos e prefeito por três, do município de Pocinhos. Galdino tornou-se deputado estadual em 2010. Está no quarto mandato na Assembleia Legislativa da Paraíba.

■ **Anderson Monteiro** - (MDB) nasceu na cidade de Esperança, Agreste paraibano, em 23/05/1986. Advogado, formado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ele é pós-graduado e mestre pela Universidade de Coimbra, Portugal. Agora, exerce seu segundo mandato como deputado estadual e tem como lema a boa política.

■ **Branco Mendes** - (Republicanos) é natural de Aguiar. Iniciou a carreira política em 1992, quando foi eleito vereador em Alhandra. Em 1996, foi eleito prefeito, sendo reeleito em 2000. Em 2006 disputou sua primeira eleição para deputado estadual. Foi reeleito nas eleições seguintes em 2010, 2014, 2018 e 2022.

■ **Bosco Carneiro** - (Republicanos) nasceu em João Pessoa. Pautou sua vida política no Brejo paraibano. Foi eleito prefeito de Alagoa Grande. Filho do promotor João Bosco Carneiro, respeitado jurista paraibano. O parlamentar está no terceiro mandato de deputado estadual.

■ **Caio Roberto** (PL) nasceu em Campina Grande, no dia 15/05/1985, mas aos 12 anos se mudou para João Pessoa, para estudar Direito. Ingressou na política em 2010, quando se elegeu deputado estadual. Em 2014, colocou mais uma vez o seu nome à disposição da população na disputa pela vaga no parlamento estadual pelo PR. Vitorioso novamente em 2018, Caio ingressa agora no seu quarto mandato na Casa.

■ **Camila Toscano** (PSDB) é advogada por formação e exerce o terceiro mandato de deputada estadual da Paraíba. Iniciou sua carreira política em 2014, quando venceu a primeira eleição para deputada estadual. Como parlamentar, já atuou na Comissão de Constituição e Justiça e da Comissão dos Direitos da Mulher. Embora seja natural de João Pessoa, Camila Toscano tem atuação intensa no Brejo paraibano.

■ **Chico Mendes** - (PSB) natural de Cajazeiras, nasceu em 13/06/1967, o empresário Chico Mendes foi eleito para o seu primeiro mandato como deputado estadual da ALPB. Em 2020, foi eleito prefeito do município de São José de Piranhas, localizado no Sertão do Estado.

■ **Melchior Naelson Batista da Silva** - (Rede), ou simplesmente Chió, é natural do município de Esperança, nascido em 12/01/1977,

ele vem vivendo desde os primeiros dias de vida na cidade de Remígio, Brejo paraibano. Pesquisador da Embrapa, o parlamentar entrou na política em 1988. Em 2012 foi eleito prefeito de Remígio e quatro anos depois foi reeleito, para mais um mandato à frente do Poder Executivo do município.

■ **Cida Ramos** - (PT) é professora de Ensino Superior e doutora em Serviço Social, Cida Ramos é natural de Sapé. Iniciou sua militância política aos 15 anos, participando de atividades sociais mantidas pela Igreja Católica. Em 2018, foi eleita deputada estadual pela primeira vez, sendo a mais votada na história política do Estado. Atualmente, exerce seu segundo mandato na ALPB.

■ **Danielle do Vale** - (Republicanos) foi a primeira mulher eleita deputada do Vale do Mamanguape, exerce seu primeiro mandato como deputada estadual da ALPB. Graduada em Ciências Contábeis e pós-graduada em Gestão Pública, já atuou como servidora pública da Secretaria Estadual de Educação.

■ **Dr Eduardo Brito** (Solidariedade) é natural de Mamanguape. O médico assume seu primeiro mandato como deputado estadual, mas sua carreira política começou como vereador de Mamanguape. Em 2009, foi eleito prefeito de Mamanguape, sendo reeleito em 2013.

■ **Dr Romualdo** - (PSB) natural de João Pessoa. Dr Romualdo assume seu primeiro mandato na Assembleia Legislativa da Paraíba. Em 2020, foi eleito prefeito do Congo e teve como principal marca sua atuação durante a pandemia do novo coronavírus.

■ **Dra Paula** - (Progressistas) natural de São José de Piranhas, Dra. Paula Francinete foi eleita deputada estadual, pela primeira vez, em 2018 foi a primeira vez que a médica disputou um cargo eletivo, sendo reeleita em 2022

■ **Eduardo Carneiro** - (Solidariedade) nascido em João Pessoa, Eduardo Carneiro foi vereador por dois mandatos na capital do estado. Administrador de empresas, o parlamentar atuou no ramo da construção civil e está em sua segunda legislatura na Casa Eptácio Pessoa.

■ **Fábio Ramalho** - (PSDB) assume seu primeiro mandato como deputado estadual, na Casa de Eptácio Pessoa. Natural de São Roque (SP), ingressou na carreira política em 2004, quando foi eleito vereador em Lagoa Seca pela primeira vez. Em 2016 foi eleito prefeito da cidade, e reeleito com a maior votação da história política de Lagoa Seca.

■ **Felipe Leitão** - (PSD) é natural de João Pessoa e formado em Ges-

tão Pública. Iniciou sua vida política ainda muito jovem, no Grêmio Estudantil do Colégio PHD. Foi vereador de João Pessoa por dois mandatos, entre 2008 e 2016. Eleito deputado estadual em 2018, pela primeira vez, Felipe Leitão atuou como membro titular da Comissão de Constituição, Justiça e Redação (CCJ) e da Comissão de Direitos da Mulher.

■ **Francisca Mota** - (Republicanos) natural do município de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano, iniciou sua carreira política em 1992, como vice-prefeita de Patos. Em 1994 foi eleita deputada estadual pela primeira vez, sendo reeleita sucessivamente por mais quatro mandatos. Em 2012, foi eleita prefeita de Patos, onde permaneceu até 2016. Também já ocupou os cargos de vice-presidente e presidente da ALPB.

■ **Galego de Sousa** - (Progressistas) natural de São Bento, Galego de Souza entrou na política em 2004, ao ser eleito prefeito do município de São Bento, cidade onde nasceu, no Sertão paraibano. Antes da política, Galego foi comerciante e vendia redes pelo Brasil. Em 2008, Galego foi reeleito chefe do Executivo municipal e em 2014 conquistou a vaga de deputado estadual, na Assembleia Legislativa da Paraíba. No parlamento, Galego exerce seu terceiro mandato na Casa Eptácio Pessoa.

■ **George Moraes** (UB) natural de João Pessoa, George Moraes é advogado e professor universitário. Eleito para o primeiro mandato, pelo União Brasil, já exerceu o cargo de diretor-presidente da Companhia Paraibana de Gás (PBGÁS) e de secretário de mobilidade urbana de Cabedelo e de João Pessoa.

■ **Gilbertinho** - (UB) é advogado e natural de Pombal. Foi vereador e prefeito da cidade de Lagoa, localizada na região de Pombal. Ele fará parte da bancada de parlamentares da Assembleia Legislativa da Paraíba pela primeira vez.

■ **Hervazio Bezerra** - (PSB) antes de chegar à Casa Eptácio Pessoa, foi vereador de João Pessoa, sua cidade natal. Ingressou na Câmara Municipal da capital pela primeira vez em 1993, onde foi presidente por dois períodos. Foi líder do Governo entre os anos de 2011 e 2018, quando foi eleito, e dá início ao terceiro mandato como deputado estadual.

■ **Inácio Falcão** - (PC do B) nasceu em Campina Grande-PB. Iniciou na vida pública na militância política do Diretório Central dos Estudantes, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O primeiro cargo eletivo ocupado por Inácio Falcão foi o de vereador de Campina Grande, onde permaneceu por quatro mandatos consecutivos. ele está em seu terceiro mandato consecutivo como deputado estadual.

■ **Jane Panta** - (Progressistas) é médica cardiologista, Jane Panta é natural de Lorena, no estado de São Paulo. Seu trabalho é voltado para melhorias da população paraibana e a promessa de defender os interesses da cidade de Santa Rita, seu reduto eleitoral. Ela exerce seu segundo mandato como deputada estadual, sendo a mulher mais votada entre as parlamentares da Casa.

■ **João Gonçalves** - (PSB) natural de João Pessoa, exerce seu sexto mandato como deputado estadual. Disputou sua primeira eleição em 1992, sendo eleito vereador de João Pessoa, reelegendo-se em 1996 e 2000. Em 2019, atuou como secretário de Articulação Política do Governo do Estado, retornando à ALPB em 2020.

■ **João Paulo** - (Progressistas) é natural de Campina Grande e exerce seu primeiro mandato como deputado estadual. Foi prefeito de Boqueirão entre 2013 e 2020.

■ **Junior Araújo** - (PSB) é advogado e natural de Cajazeiras, localizada no Alto Sertão da Paraíba. Exerceu os cargos de secretário de Planejamento e Gestão (2006) e secretário de Governo e Articulação Política (2010), ambos junto à prefeitura de Cajazeiras. Em 2013 foi eleito vice-prefeito de Cajazeiras. Em 2022, foi reeleito para o seu segundo mandato de deputado estadual.

■ **Jutay Meneses** - (Republicanos) é baiano de Cairu. Formado em Direito e em Gerenciamento Administrativo, e também radialista, iniciou a carreira política aos 18 anos. O parlamentar assume pela quarta vez uma cadeira na Casa de Eptácio Pessoa.

■ **Luciano Cartaxo** - (PT) natural de Sousa, Luciano Cartaxo foi prefeito de João Pessoa por dois mandatos, entre 2013 e 2021, mas começou a sua carreira política ainda como estudante. Em 1996, foi eleito vereador em João Pessoa pela primeira vez. Reelegeu-se por mais três mandatos consecutivos nos pleitos de 2000, 2004 e 2008. Cartaxo também atuou como deputado estadual, nas eleições de 2010, e retorna à Casa para seu segundo mandato.

■ **Michel Henrique** - (Republicanos) é advogado e natural de João Pessoa, Michel Henrique exerce seu primeiro mandato como deputado estadual, pelo partido Republicanos. Sua vida política teve início nas articulações de campanhas vitoriosas dos seus pais. Ele foi presidente estadual do Partido PROS e, após o falecimento do seu pai, João Henrique de Souza, decidiu dar continuidade ao legado e ao sonho do patriarcado da família.

■ **Sargento Neto** - (PL) é natural de Campina Grande, tem formação

em Educação Física e é policial militar reformado. Foi artesão, trabalhou como bolacheiro, "cabecreiro" na feira e também carteiro, entre outras atividades. Ele foi eleito duas vezes vereador em Campina Grande, em 2016 e 2020. entre 2023 e -2024, foi presidente da Câmara Municipal.

■ **Taciano Diniz** - (UB) é filho natural de Curral Velho, mas passou sua infância e juventude no município de Itaporanga. Formado em Medicina, é especialista em Medicina Preventiva e Saúde da Família e Medicina Intensiva. Iniciou a atividade profissional no ano de 2012 até os dias atuais. Foi eleito deputado estadual no pleito de 7 de outubro de 2018. Ele vai para o seu segundo mandato na Casa.

■ **Tanilson Soares** - (PSB) é natural de João Pessoa, onde nasceu em 12 de julho de 1976. Formado em Administração de Empresas, foi eleito vereador de João Pessoa pela primeira vez em 2016, sendo o terceiro mais votado na época. Em 2020, foi reeleito pelo Avante com 7.570 votos, sendo o mais votado do pleito. Tem um mandato popular voltado para o social, com diversos serviços prestados nas comunidades pessoenses. Também tem uma forte atuação em áreas como infraestrutura, saúde e educação.

■ **Tião Gomes** - (PSB) é natural de Pombal, no Sertão da Paraíba, mas foi no município de Areia, no Brejo, onde começou a vida política. Mudou-se para lá aos 18 anos de idade e cursou Engenharia Agrônoma na UFPB. Em 1982, foi eleito prefeito de Areia e em 1990 se elegeu deputado estadual pela primeira vez. Atualmente, está no oitavo mandato como deputado.

■ **Tovar Correia Lima** - (PSDB) é natural de João Pessoa, mas foi em Campina Grande onde iniciou a vida pública como vereador do município, pelo PSDB, sendo eleito em 2008 e reeleito em 2012. Em 2014, disputou vaga no Poder Legislativo estadual e foi eleito deputado estadual, sendo reconduzido ao cargo mais uma vez nos pleitos eleitorais de 2018 e 2022.

■ **Wallber Virgolino** - (PL) nasceu no município de Pombal e é servidor público estadual como delegado de Polícia Civil. Virgolino foi eleito deputado pela primeira vez nas eleições de 2018 pelo Partido Patriotas. Em 2022, foi eleito novamente, para exercer seu segundo mandato na Assembleia Legislativa da Paraíba.

■ **Wilson Filho** - (Republicanos) natural de João Pessoa, é advogado e mestre em Administração Pública pela Faculdade IDP, em Brasília. Entre 2011 e 2018, atuou como deputado federal e, em seguida, foi eleito para seu primeiro mandato como deputado estadual.

COMBATE AO DESMATAMENTO

Fundo Amazônia poderá render R\$ 95 bi em 10 anos

Com a nova política ambiental do Brasil, países sinalizam em fazer doações

Vinicius Neder
Agência Estado

A reativação do Fundo Amazônia e a guinada na política ambiental com a mudança de governo deverão aumentar os fluxos de financiamento para preservação florestal e combate ao desmatamento. O Fundo Amazônia tem cerca de R\$ 3,7 bilhões e poderá receber novas doações.

A nova política ambiental poderá facilitar o lançamento de créditos de carbono nos mercados voluntários e o acesso a recursos de outras iniciativas, como a Coalizão Leaf, com US\$ 1,5 bilhão (R\$ 8 bilhões) em doações de governos e corporações.

Se a oferta de recursos pode aumentar, o potencial do Brasil é gigantesco. Considerando o preço mínimo de US\$ 10 por crédito de carbono (um crédito é igual a evitar a emissão de uma tonelada de gases do efeito estufa na atmosfera), a eliminação do desmatamento, legal e ilegal, na Amazônia permitiria ao país levantar US\$ 18,2 bilhões (cerca de R\$ 95,3 bilhões) em 10 anos.

A estimativa está em relatório de junho, elaborado por pesquisadores da organização sem fins lucrativos Fundo de Defesa Ambiental (EDF) para o projeto Amazônia 2030, e foi feita o com base no preço mínimo oferecido pela Coalizão Leaf.

A Coalizão Leaf (sigla, em inglês, para Reduzindo Emissões pela Aceleração do Financiamento Florestal), uma parceria público-privada, foi lançada em abril de 2021. O lançamento foi feito na conferência ambiental chamada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, que marcou a guinada na política americana para o setor. A meta era amealhar US\$ 1 bilhão até o fim daquele ano, na COP-26, cúpula climática das Nações Unidas.

Doações de Estados Unidos, Reino Unido e Noruega,



Foto: Agência Brasil

Os recursos vão permitir ações para evitar o desmatamento da Amazônia

entre os governos, e de multinacionais como Amazon, Nestlé, Unilever, Bayer, McKinsey, Boston Consulting Group, Salesforce, Airbnb e GSK foram as primeiras. Um ano depois, a coalizão chegou à COP-27, no Egito, com US\$ 1,5 bilhão.

Do lado dos governos, a Coreia do Sul aderiu. Entre as companhias, a cadeia de moda H&M e a Volkswagen foram as mais recentes adesões, num grupo que agora tem 27 corporações, incluindo companhias que ainda serão anunciadas.

O valor obtido com a flo-

Doações

As primeiras doações foram dos EUA, Reino Unido e Noruega, e das multinacionais Amazon, Nestlé, Unilever, Bayer, McKinsey, Boston Consulting Group, Salesforce, Airbnb e GSK

resta preservada, indica o cálculo, pode saltar a US\$ 26 bilhões (R\$ 136,1 bilhões) em 10 anos se, de 2027 a 2031, o preço médio do crédito for a US\$ 15.

A Coalizão Leaf é uma iniciativa de REDD+ (sigla para “reduzindo emissões por desflorestamento e degradação florestal”). A lógica é formar fundos para recompensar financeiramente países emergentes pela redução de emissões de gases associados ao desmate, remunerando governos nacionais ou subnacionais por manterem suas florestas em pé.

Governos apresentam projetos de preservação

O Fundo Amazônia, operado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), apoia projetos de preservação, desenvolvimento sustentável ou combate ao desmate ilegal. Eles são propostos por governos, instituições de ensino ou entidades sem fins lucrativos, que reduzam emissões de gases estufa associadas ao desflorestamento. O BNDES seleciona quem recebe verba, conforme critérios definidos pelos doadores.

A Coalizão Leaf tem um modelo diferente. O objetivo é remunerar os resultados apresentados, ou seja, investir recursos para a compra de créditos de carbono gerados por reduções nas emissões de gases, certificados conforme diversos critérios. Integran-tes da coalizão apresentam a

proposta para receber financiamento, após comprovar que reduziram as emissões, com a adoção de vários tipos de medidas.

Por isso, diz Juliana Santiago, diretora da Emergent, instituição americana sem fins lucrativos que coordena a coalizão, Fundo Amazônia e Leaf podem ser complementares.

Estados da Amazônia e até a União poderão apresentar propostas para receber financiamento por ações que tenham sido apoiadas antes pelo Fundo Amazônia. Com o projeto concluído, o resultado do corte de emissões pode servir de proposta para financiamento da Leaf, após comprovação.

“Isso mantém o ciclo de financiamento climático de forma permanente e positi-

va para o Brasil”, diz Juliana, funcionária licenciada do BNDES e chefe do departamento responsável pelo Fundo Amazônia de 2013 a 2018.

Na COP-27, houve assinatura de “cartas de intenção” com quatro Estados - Amapá, Amazonas, Mato Grosso e Pará.

Isolamento

De 2019 a 2022, o Brasil se isolou nos debates climáticos globais diante da escalada de crimes ambientais no país e da postura da gestão Jair Bolsonaro (PL). Com a troca de governo, diversos países já manifestaram interesse de colaborar de novo.

Apesar das ofertas de ajuda estrangeira, tem crescido a pressão sobre países ricos por mais verbas para ajudar na mitigação de impactos do aquecimento global.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Um doido contra a ditadura

João Pessoa, como toda cidade, teve e tem seus doidos, personagens folclóricos, tipos populares que ainda hoje são lembrados. Malucos históricos: Pão de Bico, Açoite, Vassoura, Tenente da Gelada, Caixa D’água e Mocidade. Pois é do Mocidade que quero falar, depois de ler sua biografia escrita pelo jornalista Gilvan de Brito.

Mocidade apareceu por aqui ninguém sabe de onde. Ele dizia que nasceu em Sousa, mas ninguém jamais conheceu um parente seu. Sabe-se que, desde 1937, Mocidade já andava pelas ruas de João Pessoa como garoto de rua. Em 1944 ele era lavador de carros no Ponto de Cem Réis. No ano seguinte, podia ser encontrado nos palanques e bancos de praças, defendendo a legalidade contra o nazismo e o fascismo. Virou tribuno do povo. Onde tivesse gente e um banquinho, Mocidade mandava ver o verbo.

E foi assim até morrer, em 1981. Esbravejou contra o Estado Novo de Getúlio Vargas, lutou pela redemocratização na Segunda República e combateu os militares na fase barra pesada da ditadura castrense. Ficou famoso pois, mesmo analfabeto, aprendeu a discursar com a garra e o lirismo de oradores do naipe de Alcides Carneiro e outros políticos, de quem absorveu o estilo. O povo dizia que Mocidade falava melhor do que todos os deputados da Assembleia Legislativa. Começava seus discursos com a frase: “Mocidade de minha terra!...”. Daí o apelido.

Mocidade dizia se chamar João da Costa e Silva. Depois, descobriu-se que o verdadeiro nome dele era João Silva da Costa. Perguntado se era parente do general Costa e Silva, Mocidade despistava: “Ele anda espalhando que é meu parente, mas não dou certeza”. As peripécias de Mocidade estão no livro “O Anjo Torto”, de Gilvan de Brito, publicado em 1985. Vivia entre os políticos, era amigo do governador João Agripino, mas sempre com o espírito de rebeldia contra os poderosos, sempre em defesa das causas populares.

Dizem que todo louco é um gênio enrustido. Mocidade era assim, um sujeito sem boa saúde mental, mas altamente criativo e inteligente. Vivia nos palanques dos políticos e, nos momentos de crise, entre os loucos dos pavilhões psiquiátricos. Seu tema era sempre a democracia, os ideais de liberdade. Na ditadura, quando todo mundo morria de medo da repressão brutal dos militares, Mocidade ia para as ruas meter o pau nos gorilas e outros tiranos civis. Pela coragem, era identificado com a opinião pública. Segundo o historiador José Octávio de Arruda Melo, ele chegou, em determinado momento da vida da cidade, a representar a consciência do povo paraibano.

Sempre presente nos comícios, festas cívicas ou atos de protesto, Mocidade estranhou o silêncio da cidade no dia 13 de dezembro de 1968, quando o governo baixou o Ato Institucional nº 5, que deu aos militares poderes ilimitados para agir de acordo com seus interesses e reprimir o povo brasileiro. Sem ambiente para protestar no centro da cidade, Mocidade foi para a Lagoa e subiu num banco da praça, fazendo um dos mais violentos discursos de que se tem notícia, criticando os militares e o AI-5. Depois, correu para se esconder na Praça do Bispo que se encontrava no escuro. A polícia andou atrás dele, sem encontrar. No dia seguinte, o comentário no Ponto de Cem Réis era o protesto solitário de Mocidade, substituindo a ação que deveria ter sido feita pelos políticos de oposição, naquele momento escondidos com medo das garras ferozes dos militares golpistas.

No auge da ditadura, fins da década de 1960, a polícia baixou o pau nos estudantes que protestavam no Parque Solon de Lucena. Indignado diante da violência policial, Mocidade subiu num banco de pedra e discursou, ironizando os militares. Uma frase desse discurso: as medalhas dos generais valiam tanto para ele como as tampinhas de Coca-Cola, símbolo do imperialismo americano sobre o Brasil. “Isso é um Exército desmoralizado! Onde já se viu bater em estudante? A única vitória que conquistou foi na Guerra do Paraguai, combatendo os meninos paraguaios, que só tinham pedra e cacete”, vociferava Mocidade. Desta vez não conseguiu escapar da prisão, onde passou alguns dias. Mocidade simbolizava independência e liberdade, e sempre foi uma grande figura humana. “Na verdade, Mocidade é o próprio povo paraibano, as suas angústias, sua incoerência, suas frustrações...” admite Gilvan de Brito

CANNABIS MEDICINAL

Preconceito atrapalha o debate

Nas discussões a serem feitas, é preciso mostrar que se pode, sim, retirar a Cannabis do circuito do crime

Ricardo Westin
Agência Senado

Foto: Isabela Vieira/Agência Brasil

Foto: Arquivo pessoal

Na avaliação do historiador Jean Marcel Carvalho França, os debates sobre a legalização da Cannabis medicinal têm avançado pouco no Brasil por causa de preconceitos.

França, que é professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e autor do livro História da Maconha no Brasil (Editora Jandaíra), lembra que se construiu no passado a visão negativa da Cannabis como uma droga de pessoas pobres e negras que leva à vadiagem, a transtornos psíquicos e a comportamentos criminosos. Esse estigma impulsionou o proibicionismo e permanece, ainda que cada vez menos, diz França, prejudicando os doentes que precisam das substâncias terapêuticas da erva.

“A maconha ajuda a financiar o crime organizado e está ligada à violência. Nas discussões a serem feitas, é preciso mostrar que se pode, sim, retirar a Cannabis do circuito do crime. Quando há plantio legalizado, controlado e com fins medicinais e científicos, o tráfico perde terreno, e a vida de doentes, médicos e pesquisadores fica mais fácil”, afirma o historiador.

No Brasil, não há regulamentação para o plantio da erva e a produção de medicamentos, atividades que não são autorizadas. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) libera a importação controlada de remédios a partir de pedidos de pacientes.

No Senado, onde tramitam projetos de lei que tratam do tema, a Cannabis medicinal divide opiniões. Para o senador Eduardo Girão (Podemos-CE), “a liberação do plantio significaria uma porta aberta para que o mercado bilionário da maconha recreativa crie tentáculos no Brasil”.

Para o senador Flávio Arns (Podemos-PR), a regulamentação é urgente, para que as pesquisas avancem e os doentes sejam beneficiados. A senadora Mara Gabrielli (PSDB-SP) entende que “o Brasil não pode ir na contramão de 40 países que já legalizaram a Cannabis medicinal”.

Estudos científicos mostram que substâncias da Cannabis amenizam dores, inflamações, náuseas, falta de apetite, des controle muscular, transtornos psiquiátricos e crises epiléticas. Beneficiam-se dela, por exemplo, pacientes de Parkinson, Alzheimer, esclerose múltipla e depressão. As substâncias aumentam a qualidade de vida das pessoas.

Em outubro, o Conselho Federal de Medicina (CFM) baixou uma norma estabelecendo que os médicos podem receitar esse tipo de medicamento só para dois tipos de epilepsia e nenhuma outra doença. Diante do protesto de doentes, o CFM decidiu suspender a norma e ouvir sugestões da sociedade até dezembro para redigir uma nova regra. O senador Confúcio Moura (MDB-RO) apoiou o protesto das famílias e a decisão do CFM de reabrir consulta pública.



Pais de crianças que precisam da maconha medicinal fazendo caminhada no Rio de Janeiro, em 2016, em favor da legalização



“ Não foi a partir das classes baixas que a Cannabis se disseminou, mas, sim, a partir da influência dos jovens europeus

Jean Marcel Carvalho

A entrevista

■ *Como o senhor vê a criação de regras a serem seguidas pelos médicos na prescrição da Cannabis terapêutica?*

A regulamentação, no meu entender, é necessária. Neste momento, a sensação é a de que a Cannabis medicinal é uma poção mágica capaz de resolver todos os problemas de saúde. Médicos, inclusive com consultas pela internet, estão receitando a Cannabis para resolver os problemas mais diversos, de dor muscular a insônia. A coisa saiu do controle. É mais ou menos como acontece com os antidepressivos, que vêm sendo receitados a torto e a direito por médicos de qualquer especialidade, até mesmo por ginecologistas.

Imagino que uma ala conservadora da classe médica, ao ver a corda sendo esticada demais para um lado, ficou apavorada e resolveu puxá-la para o outro com força. Há uma tensão, que só será resolvida quando o tema for discutido a fundo.

O problema é que, no Brasil, a discussão geral sobre a Cannabis medicinal não tem sido objetiva e pragmática e não tem avançado muito.

■ *Por que se recorre a preconceitos? De que forma a história da Cannabis no Brasil ajuda a entender a situação atual?*

Na Colônia e no Império, a maconha era um hábito das classes baixas, incluindo os escravos, enquanto o tabaco era um hábito das classes altas e a aguardente era um hábito generalizado. Por estar restrita às camadas mais pobres, a maconha não virou uma preocupação social relevante. Tanto é assim que se produziu pouca documentação nessa época sobre a Cannabis. Até hoje não sabemos, por exemplo, se ela foi trazida para o Brasil por marinheiros portugueses que haviam passado pela Índia ou por escravos africanos.

No máximo, o que houve na época foi uma ou outra lei local tentando restringir o consumo sob o argumento de que a maconha atrapalhava o rendimento do trabalho dos escravos. Não se tratava de uma questão moral. Esse tipo de lei, contudo, teve pouco efeito prático. No fim do século 19 e no início do século 20, os chamados cigarros índios, contra a asma, eram vendidos livremente em farmácias, e a Cannabis in natura era oferecida em feiras e herbanários.

■ *Quando a Cannabis se transformou em problema?*

A preocupação vem das décadas iniciais da República, quando surgiu o medo de que os hábitos dos grupos pobres, em especial dos afrodescendentes, subissem na pirâmide social, se disseminassem e “degenerassem” as classes médias e altas. A elite fez, então, um enorme esforço para impedir que a maconha se transformasse num “vício elegante”.

Psiquiatras, pedagogos, juristas e autoridades policiais da Primeira República deram início a uma campanha contra a Cannabis, relacionando-a à vadiagem, à marginalidade, à violência e até a perturbações psíquicas.

■ *A preocupação com a maconha não era internacional?*

No início do século 20, a droga que gerava preocupação era o ópio, em especial na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, países que clamavam por uma legislação internacional para reprimir o consumo e o tráfico. Numa conferência da Liga das Nações sobre o tema, o Egito argumentou que o haxixe, um derivado da Cannabis, deveria ser incluído nas discussões, já que esse era o real problema em seu território. A ideia ganhou o imediato apoio do Brasil e dos Estados Unidos e foi aprovada. Foi só então que a Cannabis se tornou uma questão internacional.

Em 1921, antes da conferência, um decreto assinado pelo presidente Epitácio Pessoa sobre “drogas venenosas” não incluiu a maconha. Em 1932, depois da conferência, Getúlio Vargas baixou um decreto enquadrando a Cannabis como “substância tóxica entorpecente”. Até mesmo o uso da fibra do cânhamo na fabricação de tecidos e cordas foi banido. Aí teve início a proibição sistemática.

■ *A campanha da primeira metade do século 20 contra a Cannabis teve sucesso?*

Sim. Por um bom tempo, a Cannabis se manteve como um vício das classes baixas do Brasil, restrita às periferias, favelas e zonas portuárias, onde continuou sendo corriqueira, fazendo parte do dia a dia das pessoas. A campanha conseguiu criar nas classes mais altas uma aversão à maconha. Isso, inclusive, ajudou a esvaziar as pesquisas sobre o potencial terapêutico da Cannabis.

A maconha só passou a ser consumida pelas classes médias e altas nos anos 1960, com a chegada da contracultura e do movimento hippie ao Brasil. Não foi a partir das classes baixas que a Cannabis se disseminou, mas, sim, a partir da influência dos jovens europeus e norte-americanos. O sentido da maconha passou a ser outro. Os jovens começaram a consumi-la para ter uma “iluminação”, diferentemente dos pobres, que, como sugeria Gilberto Freyre, só buscavam descansar e relaxar depois de um dia duro de trabalho.

Logo adotou-se o tom alarmista de que a juventude estava sendo consumida pela maconha. A imagem do maconheiro gerava pânico nas famílias, nas escolas e nas autoridades. Naqueles tempos da Guerra Fria, dizia-se que a droga era parte de um complot mundial do comunismo para cooptar mais facilmente os jovens.

Nos anos 1970, porém, a maconha passou a ter a concorrência da cocaína, que produz impactos muito mais significativos sobre os indivíduos que a consomem e sobre a sociedade. A cocaína trouxe consigo a violência em larga escala e enormes quantidades de dinheiro, dando uma nova dimensão ao narcotráfico e à criminalidade.

■ *O estigma da Cannabis é menor hoje do que era no passado?*

Há, sem dúvida, uma tolerância bem maior. Pessoas das classes médias e altas convivem diariamente com gente do mesmo espectro social

usuária de maconha e percebem que aquela relação obrigatória entre Cannabis, vadiagem, marginalidade, violência e perturbações psíquicas não corresponde à realidade. Muitos atletas defendem o uso de derivados da Cannabis para combater dores musculares.

Enfim, a imagem atual do usuário de maconha não é a antiga imagem do maconheiro, do jovem delinquente que entra no mundo do crime para sustentar o seu vício. Há, naturalmente, reminiscências disso, mas cada vez menos.

■ *De todo modo, a maconha é uma droga ilegal e seu tráfico envolve criminosos?*

Sem dúvida. A maconha ajuda a financiar o crime organizado e está ligada à violência. Nas discussões a serem feitas, é preciso mostrar que se pode, sim, retirar a Cannabis do circuito do crime.

Mas há algo que precisa ficar claro para todos: a legalização, mesmo a do uso recreativo, é um remédio ineficaz para acabar com a criminalidade entre os jovens e o seu encarceramento. É pouco provável que os envolvidos no comércio ilegal migrem para o legal. Isso não vai acontecer.

É uma ilusão acreditar que a legalização da Cannabis resolveria os problemas nacionais relativos à violência. A Cannabis não é uma poção mágica capaz de curar um número desmedido de doenças, a legalização tampouco é a solução para a criminalidade no Brasil.

■ *Por que o debate sobre a Cannabis medicinal avançou pouco no Brasil em comparação com outros países?*

Faltam à sociedade tanto o interesse quanto subsídios para uma discussão mais detida.

Os jargões não ajudam muito: a “guerra às drogas” fracassou ou a “descriminalização das drogas” é a única saída. “Drogas” é um termo que pode envolver tanto a maconha quanto a cocaína e o crack, por exemplo. Quando se fala em “descriminalização das drogas”, as pessoas podem imaginar que se trata de liberar tudo e que as cidades brasileiras vão se transformar em uma Seattle, com aquelas ruas de drogados, ou que o Brasil vai virar um narcoestado. Quanto à “guerra às drogas”, termo cunhado nos Estados Unidos, o seu alvo é a cocaína, e ela está longe de ter fracassado.

■ *A quem cabe despertar o interesse da sociedade?*

Aos grupos interessados em regulamentar a Cannabis, como os doentes que recorrem a ela para aliviar o seu sofrimento, as empresas que têm interesse em explorá-la, como as de medicamentos e cosméticos, e usuários em geral. Os lobbies sociais e comerciais, que são legítimos, precisam fazer pressão sobre os políticos e conquistar a opinião pública.

Acredito que será difícil convencer quem é contra recorrendo a agressões, chamando o oponente de “intolerante”, “ignorante” ou “reacionário”. Ninguém conquista aliados por meio da ofensa. É necessário promover um debate amplo e esclarecedor.



O evento de lançamento da 35ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, prestigiado pela madrinha do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), a primeira-dama Ana Maria Lins, ocorreu na Avenida Cabo Branco, no bairro do mesmo nome, no mesmo local da mostra que já está aberta ao público e que vai estar funcionando até o dia 5 do próximo mês. Esta edição, que homenageia a rica cultura indígena paraibana, tem 3,6 mil metros quadrados de área, onde cerca de 400 artesãos paraibanos estão expondo e vendendo artesanatos das etnias potiguar e tabajara, além de obras feitas através das rendas renascença, filé e labirinto, produtos elaborados com madeira e outros tipos de matérias-primas. Confira alguns dos melhores momentos.



A primeira-dama, Ana Maria Lins, Marielza Rodriguez, gestora do Programa de Artesanato Paraibano e Rosália Lucas, a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, entre representantes dos indígenas do estado e formadores de opinião



A presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, jornalista Naná Garcez (D), ao lado da advogada e escritora Ezilda Melo.

IMOBILIÁRIA

**PARAÍBA
PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

Neste domingo, o conceituado odontólogo Abdiel de Souza Rolim, sócio efetivo da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, reúne-se com a família e amigos, para comemorar noventa anos de vida bem vividos. O evento realiza-se no La Tertúlia, em Águas Finas, e a nota nos foi repassada pelo seu amigo, Prof. Francelino.

O escritor José Nunes, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), da Academia Cabedelense de Letras de Cabedelo e diácono na Arquidiocese da Paraíba, tomará posse na Academia Paraibana de Letras no dia 9 de fevereiro, na sede da entidade cultural, no Centro da capital paraibana. Nunes, que substituirá o saudoso acadêmico Sitônio Pinto, vai ocupar a cadeira de número 42, cujo patrono é o imortal Horácio de Almeida.

Com o término da gestão de Ricardo Barros, no cargo de defensor público-geral da Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), o jornalista e defensor público estadual, Gerardo Rabello, assumiu, interinamente, o comando do órgão autônomo integrante do Estado, até a eleição da lista tripla para escolha do próximo dirigente, que deve acontecer no próximo dia 20.

O famoso Bloco Imprensados, agremiação carnavalesca que faz parte do "Folia de Rua", vai se concentrar na Praça Rio Branco, com três atrações que prometem animar a imprensa paraibana. O presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), jornalista Marcos Werick, entre jornalistas amigos, já nos preparativos para receber foliões da tradicional edilidade.

Adriana Mattioli, empresária que lidera a badalada loja Diva Divina, está, também, na liderança da franquia Dr. Vacina. O empreendimento, localizado no térreo do MAG Shopping, em Manaíra, tem tido significativa procura, especialmente com relação a vacinas contra o herpes zoster.

Nossa Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajat-PB), seccional paraibana, entidade turística dirigida pelo jornalista Abelardo Jurema, vai reunir associados durante reunião no Hotel Hardman, no próximo dia 16. Na pauta do encontro estão: indicações e escolhas de agraciados com o Troféu Waldemar Duarte e com a Comenda Wills Leal, providências e preparativos para a posse da nova diretoria eleita, além de outros assuntos administrativos e financeiros.

O Bloco do Turista, agremiação carnavalesca liderada por Antonino Pinguim e por mim, depois dos 2 anos impedido de colocar foliões na rua, por conta da pandemia, volta a sair no dia 18 de fevereiro. Nesta edição, que tem como tema "Paraíba Indígena", a rainha do bloco é a jornalista Thereza Madalena e o jornalista Sales Dantas é o rei.



O casal Alberto e Regina Amorim (foto), durante estada na bucólica e encantadora Areia, cidade-sede do município, localizado no Brejo paraibano, se encantou com a nova recepção do Hotel Fazenda Triunfo, unidade hoteleira dirigida pelos familiares da arrojada empreendedora Maria Júlia Baracho.



O escritor José Nêumane Pinto, sempre acompanhando de sua bela esposa, Isabel de Castro Pinto, esteve na terininha, especialmente na padaria Bonfim, ponto de encontro de amigos, em Tambau.



O governador João Azevêdo, na foto ao lado do presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, entregou um exemplar da revista 'Paraíba da Gente', publicação que reúne as ações e conquistas de sua primeira e exitosa gestão. No encontro/audiência com o presidente, o nosso governador, na condição de presidente do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável Nordeste, discutiu projetos, obras e parcerias que venham a contribuir para melhorar a qualidade de vida do povo desta bela e importante região.



A rainha Thereza Madalena e o rei Sales Dantas vão liderar a Corte do Bloco do Turista



Quem passou férias em João Pessoa foi o famoso e querido casal Lola Melnyck (@lolamelnyck) e Márcio Rezende, o MC MM (@mcmoficial), que visitaram diversos pontos turísticos da cidade e da região. Lola é a russa mais querida do Brasil e, atualmente, é jurada do programa do Ratinho, no SBT. MC MM é famoso no mundo musical pelo seu hit "Só quer Vrau". Além de diversos pontos turísticos da cidade, conheceram alguns requintados restaurantes, a exemplo do Jun Sakamoto (@junsakamotocasualjp), onde foi recepcionado pelo publicitário Miguel Trindade.



Liszt Coutinho Madruga, Ruth Augusta Moura, Késsia Lilianna Bezerra, Diego Tavares, Evandro da Nóbrega e Naná Garcez são os aniversariantes da semana.

Selic

Fixado em 8 de dezembro de 2021

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.302

Dólar \$ Comercial

+0,12%

R\$ 5,106

Euro € Comercial

-0,04%

R\$ 5,530

Libra £ Esterlina

+0,34%

R\$ 6,246

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Dezembro/2022 +0,62

Novembro/2022 +0,41

Outubro/2022 +0,59

Setembro/2022 -0,29

Agosto/2022 -0,36

Ibovespa

110.916 pts

-0,84%



SETOR GASTRONÔMICO

Mercado vegano cresce e conquista consumidores

Estabelecimentos fogem dos rótulos, investem em sabores e atraem clientes

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Muito além do tradicional feijão com arroz e uma proteína de origem animal. Empresas do segmento alimentício enxergam o apetite de pessoas por outros interesses gastronômicos, seja por restrição alimentar, adesão ao veganismo ou vegetarianismo ou por escolher uma alimentação mais saudável em alguns dias da semana.

A empresária vegana, Adriana Barcelos, descobriu na alimentação uma forma de expressar seu ativismo. Bióloga por formação, ela conciliou sua visão política sobre a causa ambiental e animal a partir da alimentação, o que a fez abrir um restaurante vegano. No veganismo, todos os produtos são livres de ingredientes de origem animal, como leite, queijo, ovos e carne. Ao vir morar em João Pessoa, em 2018, ela abriu o Papoula, no bairro de Miramar.

“Antes da instalação na Paraíba eu analisei o mercado, fiz algumas parcerias e percebi que havia potencial de sucesso. O movimento vegano em João Pessoa é bem mais organizado do que em Manaus, que é de onde eu vim”, conta.

O restaurante dela é um espaço acolhedor e tranquilo, funcionando na hora do almoço com pratos montados com 300 gramas ou 500 gramas, que custam R\$ 21 e R\$ 29, respectivamente. Outra opção é a compra de alimentação congelada. Segundo Adriana Barcelos, que também é a chef do estabelecimento, os pratos congelados geralmente são vendidos para o cliente consumir durante a semana toda. O local ainda funciona como espaço para eventos, com a disponibilização de buffet.

“Nosso cardápio é montado conforme as orientações nutricionais da Sociedade Vegetariana Brasileira. Todo prato tem uma leguminosa que supre a demanda de proteína animal. Os demais nutrientes são uma porção de carboidrato, como arroz, ou um grão. Também incluímos verduras para garantir ao cliente as vitaminas e minerais necessários”, explica a chef de cozinha.

Quanto aos clientes, a maioria é fiel, frequentando o local ao menos uma vez na semana, não sendo necessariamente veganos ou vegetarianos. Outra fatia do público é referente aos turistas que encontram o restaurante por buscas na internet. Há também as pessoas com restrições alimentares.

Comida satisfaz diferentes bolsos

As sobremesas do Papoula são terceirizadas, o que, segundo Adriana Barcelos, fortalece o comércio local. Quem produz é Rafaela do Nascimento. Ela começou a trabalhar com doces em 2004. Vendia bolo de pote e brigadeiro, até que se descobriu vegana. Em 2016, mudou o negócio para o veganismo, criando a Rafa Vegan Cakes, e ampliou sua produção e clientela.

“Fazer doces pra mim era um hobby. Com o veganismo, eu transformei numa atividade”, frisa Rafaela. Formada em gastronomia, ela investiu no negócio e produz as sobremesas veganas também por encomenda para festas, como bolos, doces e salgados finos. Já para o restaurante, os produtos fornecidos são palha italiana, pão de melado e bolo de pote.

Segundo a empreendedora, o produto é um pouco mais caro porque é artesanal. “Eu utilizo como substituto do leite animal, a base vegetal. Então, é leite de castanha, de arroz ou amêndoas. Eu tento alcançar o gosto mais parecido com o leite de vaca, só que o produto não fica tão doce, e é isso que atrai os clientes. Eles gostam do bolo pelo fato de não ser tão doce e por ser mais leve”, explica.

O bolo de pote de 180 gramas custa R\$ 15. Segundo Rafaela, produto similar custa R\$ 20, inclusive de produtos não veganos. “O objetivo é deixar o preço competitivo, mas como não uso nenhum conservante, isto torna o produto mais perecível, algo que encarece a produção pela possibilidade de perdas”, comenta.

Mercado em crescimento

A estudante de nutrição, Tathiana Amorim, é vegana e avalia que o mercado de alimentação tem crescido bastante em João Pessoa. “Até alguns anos atrás, era difícil sair para comer fora. Eu mesma que cozinhava minha comida. Aconteciam algumas feirinhas e aí fomos conhecendo as marcas. Hoje, é possível até variar de estabelecimento”, conta ela, que é cliente fixa de um restaurante vegano, o Casa de Nara, localizado em Manaíra, na capital.

A proprietária, Nara Ferrer, é uma das pioneiras no segmento, em João Pessoa. Na época em que coordenou a Sociedade Vegetariana Brasileira, na década passada, tornou-se vegana e sentiu a necessidade de disponibilizar opções na cidade. Foi aí que surgiram as feirinhas veganas. “Eu percebi que havia um público

consumidor e resolvi montar o restaurante para mostrar para as pessoas que é possível comer uma comida gostosa e com preço acessível”, destaca. Os pratos principais custam de R\$ 30 a R\$ 40 no estabelecimento.

No almoço, o prato preferido dos clientes é o rubacão, com creme de castanha no lugar do leite e tofu defumado substituindo a carne. O parmesão feito com castanhas completa o prato. Já a parmegiana é produzida com bife de seitan (feito a partir do glúten) e queijo de castanha. O estabelecimento trabalha com massas e sobremesas e serve almoço e jantar.

O negócio está crescendo rápido. Inaugurado há quase quatro anos, passou pela terceira ampliação do segundo ponto comercial. A novidade é um mercadinho, onde os clientes podem encontrar opções de queijos congelados, proteínas, leites e seus derivados vegetais, como manteiga e requeijão. Também são vendidos produtos de limpeza e de higiene. “Nossa proposta para este ano é colocar à venda a coxinha do restaurante congelada ou outros pratos de nosso cardápio. Atualmente, comercializamos produtos de fornecedores de São Paulo. Infelizmente, ainda não há produtores locais que revendam”, lamenta a proprietária.

Segundo Nara Ferrer, o público do restaurante é bem diverso. A maioria não é vegana. “Há as pessoas com intolerância ou alergia a leite seus derivados ou a ovo. E há os que frequentam porque simplesmente gostam da comida e valorizam a questão da alimentação saudável, com menos conservantes”, explica.

A cliente Tathiana Amorim avalia o local. “É muito agradável, com ótima estrutura. Hoje há opções para todos os bolsos. Por exemplo, há um restaurante próximo à UFPB voltado ao público estudantil”, destaca.



Foto: Roberto Guedes

“

Nosso cardápio é montado conforme as orientações da Sociedade Vegetariana Brasileira. Todo prato tem uma leguminosa que supre a demanda de proteína animal

Adriana Barcelos

Opinião

Guilherme Terrengui
Head da SumsSub | Colaboração

Fraudes impulsionam indústria de verificação de identidade

Estudo realizado pela Grand View Research sobre a indústria de verificação de identidade mostra que, na medida em que o volume de fraudes cibernéticas aumenta - em função, entre outros fatores, da maior digitalização da população global - também se observa o crescente uso de tecnologia especificamente desenvolvida para lidar com questões de segurança.

Verificação de identidade diz respeito aos serviços e produtos usados para confirmar a validade da identidade física de uma pessoa ou de sua documentação, como carteira de motorista, passaporte ou outro documento de identidade emitido em todo o país. Portanto, trata-se um procedimento crucial que garante que a identidade de uma pessoa corresponda ao que se espera.

Em 2021, o tamanho do mercado global de verificação de identidade foi avaliado em US\$ 8,48 bilhões. Projeções indicam que esse mercado deve atingir US\$ 18,6 bilhões em 2026 e cerca de US\$ 33 bilhões em 2030, com crescimento anual superior a 16%. O segmento de grandes empresas vem liderando essa indústria, com uma participação de receita de 65,4%, em 2021.

Com aumento de 16% ao ano, é previsto que pequenas e médias empresas também passem a investir mais na verificação do usuário até 2030. Em linhas gerais, o software de verificação de identidade fornece uma solução descomplicada, simples, de relativamente baixo custo, intuitiva e segura para atender às crescentes necessidades.

Estudo divulgado pela SumsSub revela que 80% das tentativas de fraude de identidade no Brasil ocorrem na etapa de verificação. Trata-se de uma etapa obrigatória para todas as empresas reguladas pelo Banco Central (Bacen) e pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Ao cruzar informações anônimas de 4,3 milhões de verificações realizadas no Brasil em 2022, foram examinadas mais de 50 mil tentativas de fraude em 19 setores - destacando o país como um dos que mais contribuem para a fraude on-line.

Grandes corporações optam por sistemas de verificação de identidade devido ao expressivo aumento de atividade fraudulenta, lavagem de dinheiro, processamento de transações de alto risco, roubo de identidade, redução de custos em processos manuais e conformidade com várias legislações.

À medida que os cidadãos avançam em seu relacionamento com a tecnologia e os dispositivos digitais, a possibilidade de ataques cibernéticos e falhas de segurança também aumentam. Serviços de verificação, como Know Your Customer (KYC), Know Your Business (KYB), Know Your Transaction (KYT) e Prevenção à Lavagem de Dinheiro (PLD) - além da verificação de identidade na área da saúde - estão respondendo ativamente ao aumento da cibersegurança das organizações, atenuando riscos e vulnerabilidades.

Estudo divulgado pela Data Bridge Market Research mostra que a crescente adoção de tecnologias avançadas, como big data, computação em nuvem, inteligência artificial e aprendizado de máquina, influenciará positivamente o crescimento do mercado. Muitas organizações estão recorrendo a serviços de verificação de identidade para melhorar a consistência de suas ferramentas e plataformas de segurança.

Vale ressaltar que as tecnologias de gerenciamento de identidade são essenciais na indústria de serviços financeiros, já que permitem a construção de mecanismos seguros e eficientes para controle de acesso e verificação de identidade. Mas também o segmento de varejo e e-commerce deve crescer a uma taxa anual composta superior a 23% entre 2022 e 2030.

Terrengui ressalta que investimentos e pagamentos são dois segmentos bastante propensos a fraudes no Brasil. As indústrias de criptomoedas, jogos eletrônicos e comércio também sofrem com fraudes, embora em menor grau. “Tanto os estudos da SumsSub como os estudos do mercado devem dar às empresas que operam no Brasil uma compreensão clara dos riscos locais de fraude e indicar caminhos de como lidar com eles”.

**Excepcionalmente hoje não temos a coluna de João Bosco Ferraz de Oliveira.*

CERÂMICA SALEMA

Sucesso moldado no barro da PB

Com quase 42 anos de atividade, a empresa superou desafios e investiu em produtos que inovaram a construção civil



Fundada pelo empresário Francisco Xavier, a Salema deixou de ser uma empresa de tijolos para ganhar novos mercados

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Tradição, qualidade, sustentabilidade e inovação. Esses são alguns dos termos que qualificam a Cerâmica Salema. A empresa criada em 1981, no distrito de Salema, município de Rio Tinto, tem se mantido por mais de quatro décadas no mercado da construção civil e hoje emprega mais de 100 funcionários. A Salema deixou de ser uma empresa de tijolos e blocos, ao ter desenvolvido novos produtos e conquistado outros mercados. Neste ano, prepara-se para exportar mercadorias para outros países.

A empresa foi fundada pelo empresário pernambucano Francisco Xavier de Andrade. Ele veio à Paraíba há 50 anos, onde se graduou en-

genheiro agrônomo. Quando surgiu a oportunidade de comprar uma área de várzea, em Rio Tinto, ele contratou um geólogo para fazer uma análise do solo, o qual atestou uma “qualidade espetacular do barro”, afirma o empresário.

“No início, eu dividi a área entre o cultivo de cana-de-açúcar e a cerâmica. Comecei comprando uma máquina pequena de um ceramista vizinho e fui trabalhando. Recebi apoio de algumas pessoas e meu pai, João de Andrade, aconselhou a seguir nesse caminho”, relembra Francisco Xavier.

Com o desenvolvimento da atividade, a fábrica foi crescendo e ele foi adquirindo mais maquinário. “Um amigo, Antônio Barbosa, tinha uma cerâmica e me orientou sobre quais máquinas comprar e como fazer a estrutura da fábrica.

Hoje, temos um dos maiores maquinários e o melhor produto da Paraíba”, destaca.

A Salema é administrada pelo diretor-fundador e pelo filho dele, João Gomes de Andrade Neto, que também ocupa a direção da empresa. João Neto ingressou na empresa há 18 anos, fazendo acompanhamento de pedidos, até chegar à direção, estando a cargo da produção, vendas e finanças da fábrica.

Nos anos 1980, o foco da empresa estava na fabricação de tijolos, que é um dos principais produtos do setor cerâmico. Segundo João Neto, na década seguinte, a empresa iniciou a linha de blocos para laje e blocos estruturais, que hoje é o principal produto da Salema e um dos grandes diferenciais da empresa no mercado.

Para Francisco Xavier, a equipe de trabalho é um quesito importante no sucesso da empresa. “Os funcionários são quase todos da região, mas nem sempre foi assim. No começo, eu trouxe pessoas de fora e consultores para fazer a capacitação. Primeiro, nos preocupamos em encontrar pessoas de bem e depois investimento no treinamento”, pontua.

Produção

Conforme João Neto, o material cerâmico é retirado de jazidas da área da própria empresa e repousa por um ou dois anos. O período é necessário para que toda a matéria orgânica morra. Em seguida, o material é levado à fábrica para o preparo da massa, que passa pelo processo de extrusão e secagem. Por fim, o material vai para os fornos com chaminé.



Comecei comprando uma máquina pequena de um ceramista. Hoje, temos o melhor produto da Paraíba

Francisco Xavier

Tecnologia garante economia de custos e itens de qualidade

A partir do investimento em inovação e tecnologia, a Salema conseguiu ampliar mercados e fazer com que o custo de uma obra caia pela metade, o que permitiu a realização de edifícios maiores em áreas onde não era comum esse tipo de investimento, conforme relata o diretor. João Neto explica que os tijolos são apenas para vedações de ambientes não sustentam a construção, sendo necessária a utilização de vigas, com uso de concreto armado e fechado com tijolo.

A partir da linha Salema Tec, criada em 2019, a empresa começou a fabricar blocos cerâmicos com características técnicas diferenciadas, após

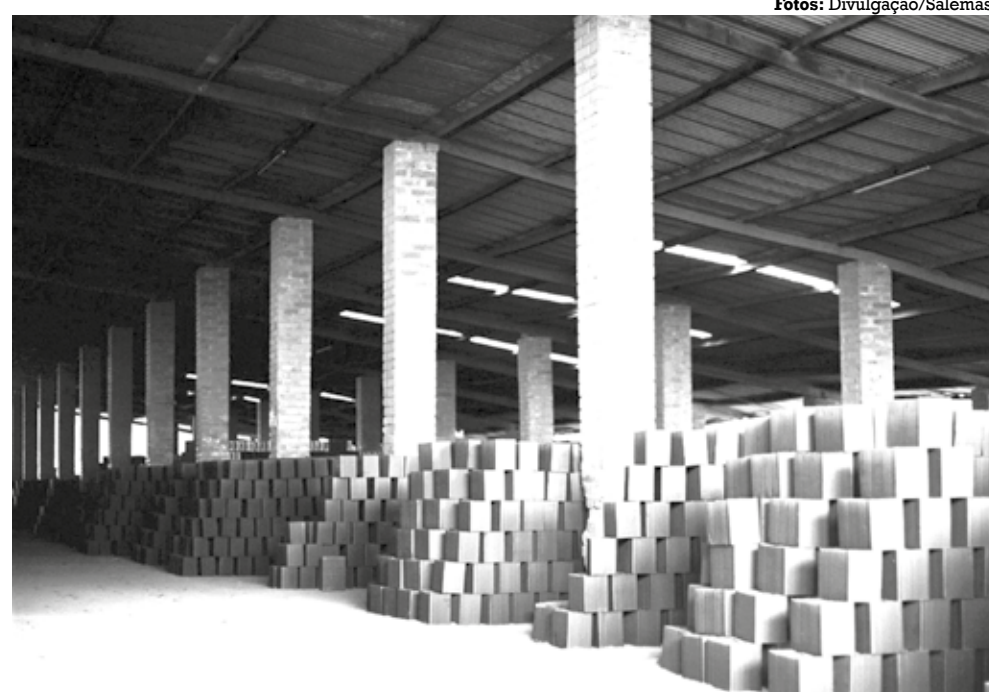
testes em laboratório. “Com as peças tradicionais de blocos cerâmicos é possível construir prédios de três ou quatro andares. Mas, com os blocos da Salema Tec, é possível edificar prédios de 10 andares sem a necessidade de utilização de vigas. Por exemplo, em vez de investir R\$ 5 milhões na construção, o custo pode cair para R\$ 2,5 milhões”.

Ele conta que essa mudança alterou o urbanismo da cidade. “As construtoras começaram a fazer prédios de 10 andares em bairros como Valentina, localidades onde as empresas não investiriam tanto na qualidade do equipamento”. Outra inovação da dé-

cada passada foi a construção de tijolos maiores. Sua utilização nas obras reduz o consumo de mão de obra e aumenta a velocidade de produção.

Sustentabilidade

Ele destaca que a empresa investe para que a produção não deixe resíduos ou poluentes e afirma que as áreas de extração da argila são repostas com água. “Os fornos do processo produtivo têm filtros internos que fazem com que o material queimado não chegue ao meio ambiente. Além disso, temos compromisso com o reflorestamento. Já contabilizamos um milhão de árvores reflorestadas”, enfatiza.



Fotos: Divulgação/Salemas

Produtos produzidos pela Salema levam em conta a durabilidade e o meio ambiente

Crescimento atrelado à sustentabilidade e visão de futuro



Empresa criou novos produtos e conquistou o mercado de design da Paraíba e do exterior

Para João Neto, a política federal de habitação adotada na primeira década do século e nos anos seguintes contribuiu para o crescimento da construção civil no país, o que beneficiou a indústria de insumos. “Nos anos 2000, os produtos eram subprecificados. A partir da necessidade de construção de habitações no Brasil conseguimos crescer. Neste período, surgiram várias construtoras no mercado local”.

Depois da boa fase, a em-

presa sofreu o impacto com a crise econômica do final do ano de 2014, que se prolongou pelos anos seguintes. “Este foi o período mais difícil. Operávamos com preços antigos e baixas demandas de materiais. Precisamos modificar muita coisa em nossa gestão”, aponta João Neto.

Francisco Xavier recorda ainda de uma fase anterior, da superinflação dos anos 1980. “Tivemos uma grande crise em 1987, no governo Sarney, passamos por um momento difícil, procuramos o Judiciário para nos salvar e fomos fortes. Estamos em dia com os nossos compromissos bancários e tributários”, destaca.

O início da pandemia de Covid-19 também deveria ser outra má fase, mas a Salema conseguiu contornar a situação com a venda de tijolos para o público em geral. “A demanda cresceu bastante pelos consumidores residenciais e por isso conseguimos passar pela pandemia. Aumentamos a produção de produto e obtivemos crescimento para a empresa”.

Segundo João Neto, a Salema, ao longo de quase 42 anos, é uma marca com padrão de qualidade e produtividade. “A gente não vende apenas um tijolo. A gente vende a garantia de que a obra aconteça com a entrega garantida de produtos de qualidade. O ti-

jolo é barato, representa 3% a 5% do custo de uma obra. O caro é ter funcionário parado porque não tem produto”, pontua.

Sobre a permanência no mercado, o diretor avalia que os empresários do ramo trabalham juntos por um mercado mais sustentável. “Eu fui vice-presidente da Associação Nacional de Cerâmica, então, estou muito conectado com as empresas. Tentamos fazer com que todos melhorassem no processo e aprendam um com o outro. Cada empresa faz uma linha de produto e tem sua fatia de mercado”.

Tendência do mercado

Em 2016, a Salema lançou a marca Obi, voltada para o mercado de design. O nome significa verde em tupi guarani – na região de Rio Tinto há um polo indígena. A linha de peças em cerâmica tem foco no mercado de decoração e arquitetura. “Sempre trabalhamos com material para colocar dentro da parede, até que decidimos fazer um produto que fique exposto dentro de casa”, ressalta João Neto.

O barro é o mesmo dos tijolos, mas as peças são assinadas por profissionais do design. A marca é vendida para todo o país e há planos de exportação para outros países. As construtoras também uti-

lizam os materiais para fazer áreas comuns dos prédios como churrasqueira e sala de recepções.

Conforme João Neto, os produtos da Obi passam por processo de laboratório e pesquisa para garantir sua qualidade. “Com a demanda de arquitetos, transformamos um bloco cerâmico em elemento de decoração”.

Perspectiva

Conforme João Neto, após a pandemia de Covid-19, os planos estratégicos não podem mais ser feitos para muitos anos à frente. O foco atual da empresa é simplificar processos, ter uma gestão mais simples, mais enxuta, e uma equipe mais eficiente. Francisco Xavier é claro em seus objetivos: “Queremos produzir, dar emprego e pagar as contas”.

■ Empresa conquistou a confiança dos consumidores e, mesmo em tempos difíceis, conseguiu superar as dificuldades

UEPB

Nutes terá investimento da Embrapii

Núcleo é credenciado por empresa financiada pelo Governo Federal para apoiar instituições de pesquisa tecnológica

Renato Félix
Assessoria SEC&T

No ápice da pandemia, o Ministério da Saúde se deparou com um problema grave: para a instalação das UTIs emergenciais para atender os pacientes com Covid-19, eram fundamentais monitores multiparamétricos e já não haviam mais disponíveis no Brasil. A solução foi encontrada em Campina Grande: o ministério contratou o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), para construir monitores capazes de atender cinco mil leitos, e que foram espalhados pelas unidades da federação. Este tipo de expertise credenciou o Nutes para ser escolhido, no fim do ano passado, como uma das novas unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii) para atuar na área de desenvolvimento de software e hardware para a saúde.

A Embrapii, financiada pelo Governo Federal para apoiar instituições de pesquisa tecnológica, tem 82 unidades pelo Brasil, somando já as novas 10 anunciadas em dezembro. Delas, o Nutes é a quarta na Paraíba. As três primeiras são a Unidade Embrapii de Tecnologias em Otimização de Energia, do Centro de Energias Alternativas e Renováveis da Universidade Federal da Paraíba (Cear/UFPB), a Unidade Embrapii de Sistemas para Manufatura, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), e a Unidade Embrapii de Software e Automação, do Centro de Engenharia Elétrica e Informática (Ceei) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O Nutes foi formado em 2008 e o professor Misael Elias de Moraes, coordenador do núcleo, participou de sua instalação. “Como núcleo dentro da universidade, a gente trabalha com vários departamentos”, explica. Existe um mestrado em Tecnologias de Saúde (e um doutorado já autorizado e em vias de implantação) e as pesquisas ligadas à cadeia produtiva da saúde, principalmente na área de dispositivos médicos: empresas contratam o Nutes para desenvolver soluções e equipamentos. A esses investimentos privados, agora soma-se o aporte da Embrapii, um investimento total de R\$ 45 milhões para as 10 novas unidades.

Além do Nutes, as novas unidades Embrapii no país estão em São Paulo (Embrapa Instrumentação, Univer-

sidade de São Paulo/ICMC, Universidade de São Paulo/IQ, e Universidade Estadual de Campinas/FEQ), Minas Gerais (Fundação para Inovações Tecnológicas, e Universidade Federal de Minas Gerais/CTNano), Pernambuco (Senai/DR, e Universidade Federal do Pernambuco/FITPEG) e Paraná (Senai/DR). Na área de equipamentos médicos, só o Nutes foi credenciado nessa leva.

“O nosso objetivo foi sempre tentar fomentar na Paraíba e principalmente em Campina Grande, pelas aptidões que temos aqui, fomentar uma indústria do setor da saúde, fortalecendo o parque do setor industrial da saúde no Brasil”, explica Misael Moraes. “A UEPB é muito focada nas questões regionais, locais. E Campina Grande é um celeiro de serviços na área da saúde”.

E investimento é fundamental. “A Embrapii ajuda a financiar e tem toda uma metodologia de acompanhamento dos projetos”, diz o coordenador, lembrando que a relação da universidade com o setor industrial é a base do núcleo. “Todo o nosso trabalho, nosso desenvolvimento, tem um solicitante por trás, uma empresa por trás. Tudo o que estamos fazendo é porque tem alguém financiando”.

No ano passado, o investimento por parte de empresas no Nutes girou em torno de R\$ 12 milhões. Entre elas, estão nomes poderosos do mercado, como a Famen, companhia que projeta berços neonatais e que produzia tudo na Índia, a Siemens, e a Lifemed, mais fabricante na área de desfibrilador cardíaco no Brasil. “Atualmente temos uma pessoa contratada em São Paulo apenas para captar projetos para o Nutes”, revela Moraes. O núcleo conta atualmente com cerca de 15 projetos em andamento, alguns deles com rigorosos acordos de confidencialidade.

“

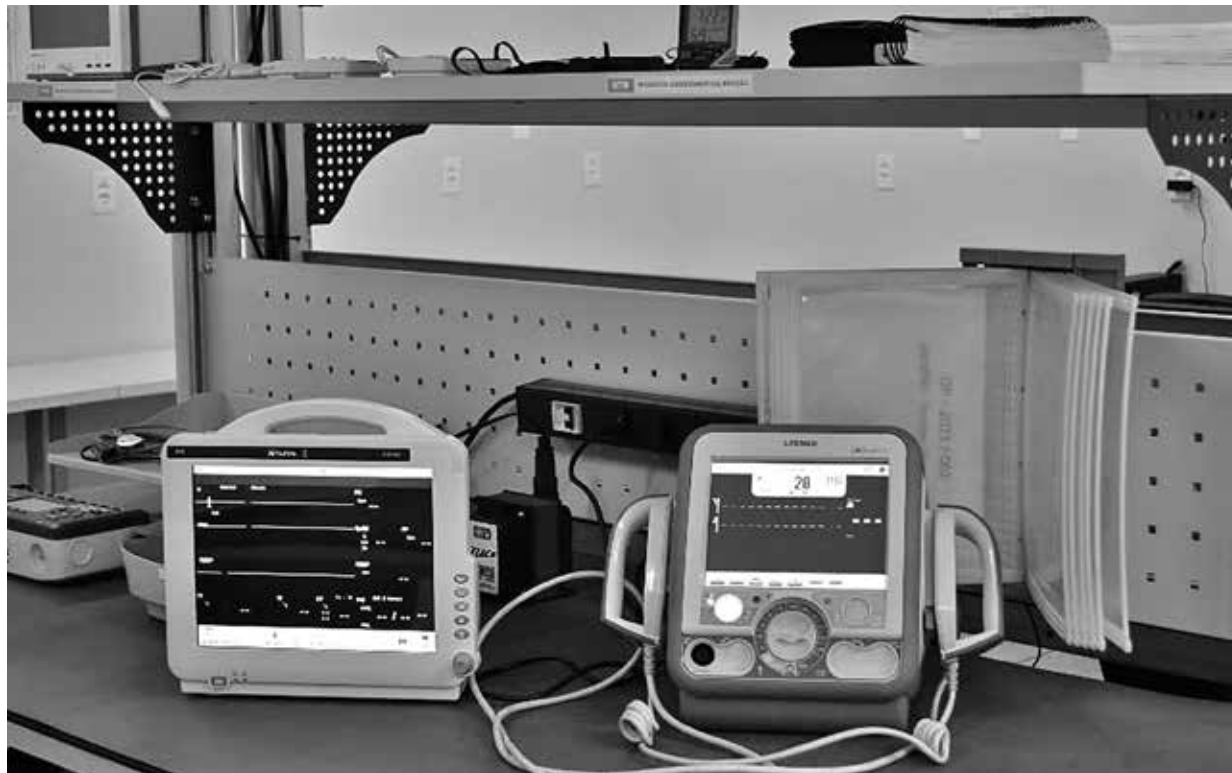
A UEPB é muito focada nas questões regionais, locais. E Campina Grande é um celeiro de serviços na área da saúde

Misael Moraes

■ O núcleo conta atualmente com cerca de 15 projetos em andamento, alguns deles com rigorosos acordos de confidencialidade



No ano passado, o investimento por parte de empresas no Nutes girou em torno de R\$ 12 milhões



O Ministério da Saúde contratou o Nutes para construir monitores capazes de atender cinco mil leitos

■ O Nutes da UEPB pode ganhar uma embaixada em João Pessoa, com uma base instalada no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação

Base no Parque Tecnológico de Inovação

O Nutes da UEPB pode ganhar uma embaixada em João Pessoa, com uma base instalada no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), cuja sede física está prevista para ser inaugurada em maio, no antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, em fase final de reforma, no Centro Histórico

de João Pessoa. “Nós pleiteamos um espaço para a gente no Parque Tecnológico e o Governo está muito receptivo”, afirma Misael Moraes.

Por enquanto, ele não pode afirmar que projetos o Nutes deve tocar no PTHI, dada a grande atividade do núcleo. “O surgimento de projetos ainda é muito di-

nâmico”, explica ele. Essa nova base será importante também para que projetos de empresas concorrentes possam ser tocados distantes um do outro. “Às vezes precisamos procurar outro lugar para desenvolver um projeto e há empresas que proíbem até o uso de celulares na área do seus projetos”.

Mas certamente a filosofia do Nutes será mantida no parque. “Acho que precisa muito focar nos arranjos produtivos locais (APLs) e ver a necessidade mais próxima”, diz. “Estamos sempre pensando nisso. Mas sem esquecer que estamos num país continental”.

Monitores ajudaram a salvar pacientes

“Cinco mil leitos de UTI para tratamento da Covid-19 não teriam sido montados, se não fosse nós”, afirma Misael Moraes. Ele se refere à produção de monitores multiparamétricos, que estavam em falta no mercado brasileiro

no ponto mais grave da pandemia. “O monitor multiparamétrico, que mede sinais do paciente, sumiu do mercado na pandemia”, lembra. “O ministério dizia que não se pode intubar uma pessoa sem esse equipamento, e pro-

curou a gente para que se fizesse um esforço para entregar mais equipamentos”. Para o coordenador, a tarefa foi urgente, mas não das mais complicadas. “Já tínhamos a tecnologia, foi só montar”.

Com esse esforço, incon-

táveis vidas foram salvas e a marca do Nutes, nos monitores, se fez presente nos 27 estados da federação. O núcleo conta, hoje, com a certificação ISO 13485. “É a norma de maior relevância para equipamentos médicos”, diz Moraes.

Outras unidades Embrapii na Paraíba

■ **Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI) da UFCG** - Desenvolve projetos na área de software e automação. Tem mais de 130 projetos contratados com mais de 70 empresas parceiras da indústria, em diversos domínios de aplicação, incluindo saúde, entretenimento, eletroeletrônicos, alimentos, educação, comércio, jurídico, transportes, segurança, energia e TIC.

■ **Centro de Energias Alternativas e Renováveis (CEAR) da UFPB** - É credenciada para atuar na área de otimização de energia, inclusive as renováveis, com foco nas áreas de gerenciamento de energia e sistemas de conversão e eficiência de energia. A infraestrutura conta com equipamentos de ponta que possibilitam protótipos físicos alinhados com o mercado, emulação de

pequeno porte, simulação em tempo real (Hardware in the loop e Power Hardware in the loop) e medição de alta resolução.

■ **Instituto Federal da Paraíba** - Dentre os projetos já executados, a maioria está ligada a tecnologias necessárias para a execução das sublinhas definidas sob a área de competência de credenciamento em sis-

temas para manufatura. Destacam-se neste contexto tecnologias como software embarcado, eletrônica e sistemas inteligentes. Entre seus laboratórios estão o Assert, o de Instrumentação, Sistemas de Controle e Automação (Lisnca), o de Ações de Controle e Automação (Laca), o de Automação de Processos e Manufatura Integrada e o de Eletrônica.



Equilíbrio

As árvores têm importância não apenas ambiental, mas cultural e socioeconômica. Protegê-las é ajudar a manter o bioma equilibrado

Os ipês amarelos tornam a paisagem mais bela durante o período de floração, além de proporcionarem sombras e atrair pássaros; essas árvores são uma marca da cidade de João Pessoa

NA PARAÍBA

Árvores nativas e suas utilidades

Viveiro Florestal colabora para plantio em áreas públicas e privadas, reforçando o verde e o meio ambiente sadio

Nalim Tavares
Especial para A União

No imaginário paraibano, existem árvores que evocam sensações. O sereno fascínio durante o período de floração dos ipês que colore as cidades; o afeto pelo cajueiro repleto de frutos, ilustrados em tantas pinturas e xilogravuras, e a imponência e resiliência das paineiras — conhecidas como “barrigudas” — que armazenam água nos troncos inchados para resistir às secas. Essas árvores não apenas fazem parte da vivência dos paraibanos. São espécies nativas, que sempre tiveram um papel fundamental e fizeram parte da Paraíba.

De acordo com o Serviço Florestal Brasileiro (SFB), os principais biomas paraibanos são a Caatinga, que se estende por quase todo o estado, e a Mata Atlântica, em regiões mais próximas ao litoral. Assim, a vegetação natural do estado é composta por árvores baixas com troncos sinuosos, espinhos e folhas, e árvores de grande porte, com copas frondosas e troncos impressionantes. Ao todo, entre árvores, arbustos, palmeiras, cactos, lianas e ervas, existem 262 espécies nativas no estado. Consi-

derando apenas árvores e palmeiras, são 198 espécies arbóreas naturais da Paraíba.

Cada uma dessas árvores tem uma importância ambiental, cultural e socioeconômica, entretanto, algumas se destacam. Ainda segundo o SFB, o marmeleiro, a jurema, a jurema-preta, a catingueira, aroeira, angico, pereiro, cajueiro, cumaru e mororó são de extrema relevância no meio rural, que se utiliza dos troncos, galhos, folhas, frutos, sementes, cascas e raízes dessas plantas para a obtenção de produtos florestais, madeireiros ou não.

“O cajueiro é a espécie nativa com maior importância para produção de frutos. Da aroeira, destaca-se a utilização da casca para fins de fitoterapia”, relata o SFB na edição paraibana do Inventário Florestal Nacional, custeado pelo Fundo Mundial para o Ambiente, a fim de levantar dados sobre a qualidade e situação das florestas ao redor do globo. Já o marmeleiro, a jurema-preta e a catingueira são importantes, principalmente, para obtenção de produtos florestais madeireiros, por meio do uso de seus troncos e galhos.

Especificamente na capital do estado, as árvores mais comuns

são as típicas de Mata Atlântica, como ipês, sibipirunas, cupiúbas, paus-formiga, paus-ferro, jucás, angicos e aroeiras da praia. As barrigudas, caraibeiras, cedros, patas de vaca, trapiás, imbaúbas, ingás, jenipapos, sucupiras e abricós-de-macaco também são comuns na flora de João Pessoa.

Segundo o chefe da Divisão de de Arborização e Reflorestamento (Divar) da Secretaria do Meio Ambiente (Semam), Martinho Queiroga, proteger essas áreas de vegetação nativa é fundamental para “manter o bioma da Mata Atlântica e um equilíbrio e ordenamento das espécies.” Além de contribuir para a manutenção das florestas e áreas verdes da cidade, essas árvores também servem de lar para pássaros e outros animais.

Na Paraíba, estão catalogadas 34 espécies em risco de extinção, de acordo com a classificação do Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora). Destas, três aparecem, também, na Lista Nacional Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção, definida pelo Ministério do Meio Ambiente: a guarda-orvalho, em perigo de extinção, e a jitai e o cedro, como espécies vulneráveis.

Martinho explica que, para prevenir a extinção das árvores nativas, a Semam trabalha através do Viveiro Florestal, produzindo mudas de diversas espécies. “Com isso, ajudamos a diminuir o risco de extinção”, diz o chefe da Divar.

No ano passado, o Viveiro Florestal produziu 6.463 novas mudas, e plantou e distribuiu 17 mil árvores nativas. Segundo informações da assessoria da secretaria, “o plantio foi feito em áreas públicas, como praças, canteiros e rotatórias das ruas e avenidas; áreas verdes, como o entorno das nascentes de rios; Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis) e escolas municipais; na recuperação de áreas degradadas e nos condomínios residenciais entregues à população pela prefeitura.”

As mudas também são oferecidas à população interessada, que pode ir até o Viveiro e pegar duas plantas por pessoa. O espaço funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h, na Rua Embaixador Sérgio Vieira de Melo, no Valentina Figueiredo. Além de ser um berçário para a produção de novas árvores, o Viveiro também é composto por um espaço para ações de educação ambiental

e formação profissional, em que a população recebe orientações sobre o transporte, plantio, cultivo e manutenção de cada árvore.

A produção das mudas de árvores nativas é feita a partir de sementes selecionadas pelos técnicos do Viveiro Florestal. A coleta das sementes é feita em árvores consideradas matrizes, em várias cidades da Paraíba. As sementes são colhidas, selecionadas e nutridas, até se transformarem em pequenas mudas que, um dia, serão árvores grandes. As maiores, segundo Martinho, são “os ipês amarelo e roxo, a caraibeira, cupiúba, barriguda, cedro e pau-ferro,” que podem alcançar até 30 ou 35 metros.

Por se localizar em João Pessoa, o Viveiro trabalha especialmente com plantas naturais da Mata Atlântica, que é o principal bioma da cidade. As principais árvores produzidas são sibipiruna, pau-brasil, pau-formiga, jacarandá, castanheira do maranhão, castanha do pará, ipezinho-de-jardim, guapuruvu, barriguda, craibeira e chichá, além das variedades de ipê rosa, roxo, amarelo e branco. Atualmente o Viveiro também produz mudas de frutíferas como cajueiro, jaqueira e cajá.

40 anos

sem o baile de Garrincha

No próximo dia 20, haverá mais um aniversário de morte do craque que fez história na Seleção e no Botafogo, e até jogou amistosos em clubes da Paraíba

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Manuel Francisco dos Santos, é esse o nome de um dos maiores jogadores de futebol do Brasil de todos os tempos. No próximo dia 20 é lembrado os 40 anos da morte de Mané Garrincha. Além de ídolo máximo do Botafogo-RJ, o 'anjo das pernas tortas' foi, ao lado de Pelé, protagonista das conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, que colocaram a Seleção Brasileira em posição de destaque no mundo inteiro.

Foram 19 anos de uma carreira que teve início no Botafogo-RJ e terminou no Olaria, ambos do Rio de Janeiro. Mas o craque passou por outros times como o Flamengo e o Corinthians, que recebeu na época o apelido de 'Timão', graças à chegada do ponta direita. Apesar do talento incontestável, marcado pelos dribles desconcertantes, Garrincha brilhou em uma época em que o futebol não trabalhava os supersalários sustentados por patrocínios milionários, pelo contrário, o atleta chegou a enfrentar dificuldades financeiras.

Para driblar a situação e arrecadar recursos, depois de encerrada a carreira profissional, em 1972, Garrincha passou a fazer alguns jogos pelo país e por onde passava reunia uma multidão. Na Paraíba não foi diferente. Quem lembra com detalhes é o delegado de polícia aposentado, colunista do Jornal **A União** e Rádio Tabajara e escritor do livro 'Causos & Lendas do Nosso Futebol', Francisco de Assis Di Lorenzo Serpa.

"Garrincha, a alegria do povo, participou de quatro partidas festivas no estado da Paraíba, em todas vestindo a camisa dos times paraibanos", inicia. A primeira, inclusive, foi ainda durante a carreira, em 1968. Na partida contra a Seleção da Romênia, no Estádio Presidente Vargas, o jogador vestiu a camisa do Treze Futebol Clube.

Em 1973, os paraibanos tiveram mais três oportunidades de ver o 'anjo das pernas tortas' jogar, ainda que comprometido por uma lesão mal curada no joelho e pelo agravamento da dependência do álcool. Garrincha vestiu a camisa alvirrubra do Esporte Clube de Patos em jogo realizado no Estádio José Cavalcanti. Jogou pelo extinto Botafogo de Cajazeiras, no Estádio Higino Brito, quando venceu o Guarani Esporte Clube de Juazeiro do Norte. E no Campo da Graça, em João Pessoa, vestindo a camisa do Botafogo Futebol Clube que venceu por 3 a 1 do Maguary Esporte Clube, do Ceará. Em todas as partidas o bicampeão brasileiro esteve em campo apenas no primeiro tempo.

"O jogo de João Pessoa, foi noturno e eu assisti na arquibancada que ficava por trás de uma das traves. Inesquecível. Mesmo ele já considerado velho e fora de forma, mostrou em poucos minutos a sua intimidade com a bola. Humildemente, ele correu, vestindo a camisa do Botafogo-PB, para os três antigos lances de arquibancada do campo e acenou para os torcedores, foi um delírio", relembra.



Garrincha conquistou os títulos mundiais pela Seleção em 1958 e 1962, mas encerrou a carreira de forma dramática, participando de amistosos pelo país

Ilustração: Tonio

Jogador foi rejeitado pelo Vasco da Gama

Manuel dos Santos nasceu dia 18 de outubro de 1933, em Pau Grande (RJ). Ponta-direita de dribles desconcertantes, jogou no Botafogo de 1953 a 1965. Estreou no Campeonato Carioca de 1953, marcando de pênalti o gol de empate com o Bonsucesso, que venceu por 2 a 1. Considerado o mais habilidoso jogador de futebol de todos os tempos, dono de uma incrível capacidade de driblar sempre para o mesmo lado, ele é até hoje

o símbolo máximo do Botafogo. O curioso é que, após ser rejeitado no Vasco e no São Cristóvão, por causa de suas pernas tortas e do desvio na coluna lombar, Garrincha foi treinar no Botafogo. Em sua primeira jogada, pôs a bola entre as pernas do lendário Nilton Santos e acabou contratado a pedido do próprio lateral.

Pelo Botafogo, disputou 612 partidas e marcou 245 gols. Conquistou três Cam-

peonatos Cariocas (57, 61 e 62) e dois Torneios Rio-São Paulo (62 e 64). Titular da Seleção Brasileira da Copa de 58, além de ter sido o principal responsável pela conquista do bicampeonato mundial no Chile (62), Garrincha detém até hoje a impressionante marca: perdeu apenas uma das 61 partidas que fez com a camisa do Brasil. Pela Seleção, disputou 60 jogos, marcando 17 gols.

Vítima de cirrose hepá-

tica, morreu no Rio, dia 20 de janeiro de 1983. Em 1998, foi escolhido, em votação de jornalistas do mundo inteiro, para a seleção de todos os tempos da Fifa. Garrincha teve passagens discretas por Corinthians, Portuguesa (RJ), Atlético Júnior, da Colômbia, Flamengo e Olaria. Seus principais títulos: Copa do Mundo (1958 e 1962), Campeonato Carioca (1957, 1961 e 1962) e Rio-São Paulo (1962, 1964 e 1966).

REUNIÃO NO MÉXICO

Lei do Futebol vai passar por revisão

Evento, transmitido pelo Fifa.com, vai reunir atores do esporte em discussões sobre as últimas questões legais

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Em 2022, houve uma série de mudanças regulatórias importantes que tiveram um impacto direto nas operações diárias de futebol de milhares de clubes e jogadores e outras partes interessadas no futebol. Ao mesmo tempo, foram lançadas importantes iniciativas e criados novos mecanismos para atualizar o quadro jurídico do futebol e alinhá-lo com as últimas evoluções da indústria do futebol.

Todos esses desenvolvimentos serão apresentados, discutidos e analisados na próxima 5ª edição da Revisão Anual da Lei do Futebol da FIFA (FLAR) na Cidade do México nos dias 2 e 3 de março de 2023. A FLAR deste ano reunirá mais uma vez muitos dos principais especialistas em leis do futebol e inúmeras partes interessadas de todo o mundo para discussões sobre os temas mais urgentes e interessantes do direito do futebol. A agenda apresentará, entre outros tópicos importantes, apresentações sobre a nova Câmara de Compensação da FIFA, o novo Regulamento para Agentes de Futebol da FIFA e outras reformas recentes do sistema de transferências, bem como alterações no Código Disciplinar da FIFA e no Código de Ética da FIFA.

Desde 2019, a FIFA está abrindo suas portas para apresentar a Revisão Anual da Lei do Futebol da FIFA. Todos os anos, a FIFA compartilha com os atores jurídicos do futebol o trabalho regulatório, a jurisprudência e as principais decisões de seus órgãos decisórios e judiciais, bem como os principais processos do Tribunal Arbitral do Esporte (CAS) decorrentes de decisões da FIFA.

A participação na Revisão Anual da Lei do Futebol da FIFA 2023 é gratuita e aberta a todos os representantes de associações mem-



Algumas mudanças regulatórias no futebol aconteceram em 2022 e novas propostas serão apresentadas na 5ª edição da revisão anual, que vai acontecer em março

bro, confederações, ligas, clubes e sindicatos de jogadores e agentes.

Todas as apresentações serão feitas em inglês, com tradução simultânea para espanhol e francês para os participantes presenciais e on-line.

No interesse de garantir que a comunidade do futebol possa acompanhar este evento e que todos os interessados tenham acesso às informações apresentadas, a Revisão Anual da Lei do Futebol da FIFA 2023 também será transmitida ao vivo, gratuitamente, no Fifa.com.

Agentes de futebol

Após sua aprovação pelo Conselho da FIFA em dezembro de 2022, o novo Regulamento para Agentes de Futebol da FIFA (FFAR) entrou em vigor na última segunda-feira, marcando assim um passo histórico para o estabelecimento de um sistema de transferência de futebol mais justo e transparente. O novo regulamento introduz padrões básicos de serviço para os agentes de futebol e seus clientes, incluindo um sistema de licenciamento obrigatório, a proibição de

representação múltipla para evitar conflitos de interesse e a introdução de um teto para os honorários dos agentes, tudo com o objetivo de reforçar a estabilidade contratual, protegendo a integridade do sistema de transferências e alcançando maior transparência financeira.

Embora os processos de obtenção de licença ao abrigo dos FFAR tenha entrado em vigor, haverá um período de transição antes da obrigatoriedade de utilização apenas de agentes de futebol licenciados e do limite

■ Novo regulamento para agentes de futebol entrou em vigor no início dessa semana, após aprovação do Conselho da FIFA

de honorários dos agentes, que acontecerá 1º de outubro de 2023. Os FFAR foram aprovados pelo Conselho da FIFA em sua reunião em Doha em dezembro de 2022, após um processo de consulta muito robusto e aberto realizado pela FIFA, desde 2018, e envolvendo todas as principais partes interessadas no futebol internacional. O processo de consulta e reforma da FIFA para o FFAR como um todo foi, e é, publicamente acompanhado e apoiado por diversas instituições e órgãos.

ACADEMIAS

Pesquisa mostra o Brasil em segundo lugar no ranking mundial

Foto: Marcos Russo

Os brasileiros são o segundo povo do mundo que mais frequenta as academias de ginástica. Esse é um dos números levantados por uma pesquisa conduzida pelo Cupom Válido, plataforma de cupons de descontos, com dados da Numbeo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Statista sobre o mercado fitness no Brasil.

Segundo o levantamento, mais de 21% da população do Brasil pratica atividade física em uma academia. O país está empatado com a África do Sul, que também possui índice de 21% de sua população que frequentam esses espaços.

Apenas a Índia, com 24%, está à frente. Atrás do Brasil, mas com números próximos, figuram China (20%), Austrália e Suécia (19%), Finlândia (15%) e México, Espanha e Reino Unido (14%).

Na ponta oposta do ranking, está a França. Os fran-

ceses são os menos entusiasmados quando se trata de se exercitar nas academias. Apenas 4% frequentam usualmente.

A enquete também mostrou que mais de 30% dos brasileiros realizam exercícios no nível recomendado, sejam eles caminhada, corrida ou algum outro esporte ao ar livre. No entanto, nos grandes centros urbanos, para evitar a violência ou até mesmo pela comodidade, muitos preferem pagar uma academia para se exercitar.

Número de academias

O Brasil também é o segundo país com o maior número de academias no mundo, atrás dos Estados Unidos, que contam com 41.190 unidades desse tipo de empreendimento. O Brasil possui 29.525 academias.

Bem atrás vêm México (12.871), Alemanha (9.669), Argentina (7.910), Itália (7.760), Reino Unido (7.239), Coreia do Sul (6.490), Canadá (6.587) e Japão (4.950).

Custo

A maior quantidade de academias e a competição pelos alunos contribuem para um menor custo nas mensalidades. No Brasil, o custo médio da mensalidade de uma academia é de R\$ 110,85, que é um dos menores valores do mundo.

No entanto, há países onde esse custo é ainda menor: Tunísia (R\$ 109,75), Vietnã (R\$ 108,45), Marrocos (R\$ 104,35), Índia (R\$ 102,10), Turquia (R\$ 92,75), Bangladesh (R\$ 89,40), Paquistão (R\$ 82,50), Argélia (R\$ 76,45) e Sri Lanka (R\$ 41,50). A média mundial é de R\$ 196,37 por mês.

Já o Oriente Médio é a região onde é preciso desembolsar os maiores valores para se exercitar. No Catar, é preciso pagar, em média, R\$ 545 por mês para frequentar as academias do país. Logo atrás, vêm Kuwait (R\$ 509,65), Singapura (R\$ 458,30), Arábia Saudita (R\$ 453,80), Hong Kong (R\$ 418,30), Bahrein (R\$ 396,65), Suíça (R\$ 388,30), Emirados Árabes Unidos (R\$ 357,90), Israel (R\$ 348,25) e Islândia (R\$ 326,85).



No Brasil, segundo a Cupom Válido, o custo médio mensal da academia chega a R\$ 110,85

JOGOS ELETRÔNICOS

Ana Moser não vê como modalidade

Ministra enxerga os 'eSports' como indústria de entretenimento, e não projeta nenhum investimento nos próximos anos

Agência Estado

A ministra do Esporte no governo Lula, Ana Moser, afirmou, em entrevista ao UOL, que os eSports, também chamados de esportes eletrônicos, não devem ser considerados esporte, mas sim uma "indústria de entretenimento". É a primeira vez que o novo governo se manifesta sobre o tema e deixou claro uma posição de que a pasta não deve investir no eSports nos próximos anos.

"O esporte eletrônico é uma indústria de entretenimento, não é esporte. 'Ah, mas o pessoal treina para fazer'. Treina, assim como o artista, assim como a Ivete Sangalo também treina para dar show", afirmou a ministra. No discurso de sua posse, realizado na última semana, Ana Moser defendeu uma separação da pasta com o esporte de alto rendimento, ao focar nas políticas públicas.

As ideias da ministra expostas quanto ao tema dos eSports reacendem uma questão que é discutida no cenário esportivo: o que é esporte e qual os motivos dos jogos eletrônicos serem - ou não - classificados como tal. Usuários, jogadores profissionais e participantes do cenário rejeitaram a visão da ministra nas redes sociais.

"Exatamente isso que você leu. eSports são similares a um show da Ivete Sangalo porque ela também treina para o show", escreveu Nicolle Merhy, fundadora da Black Dragons, organização brasileira de eSports, em seu Twitter. "Seria importante não desmerecer algo que não detém conhecimento."

O que é esporte?

Não há uma definição clara e definitiva quanto ao tema. No dicionário Michaelis, como substantivo masculino, diz que a palavra é considerada "prática metódica de exercícios físicos visando o lazer e o condicionamento do corpo e da saúde; desporto, desporto. O conjunto das atividades físicas ou de jogos que exigem habilidade, que obedecem regras específicas e que são praticados individualmente ou em equipe; desporto, desporto. Cada uma dessas atividades; desporto, desporto. Atividade de lazer ou de divertimento; hobby, passatempo."

O dicionário Aurélio na edição de 2008 diz que "esporte" significa o "conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipe; desporto, desporto. Qualquer deles. Entretenimento".

Ary Rocco Jr., professor doutor na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) esclarece questões sobre o tema, mas tende a concordar com as visões da ministra. "Uma série de fatores diferenciam o esporte de um jogo qualquer. Ele (esporte) é caracterizado por um conjunto de regras, que são aceitas universalmente, e por um sistema esportivo institucionalizado e até mundial, como o COI, federações, confederações e assim por diante", afirma.



Ana Moser, ministra do Esporte, com o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Paulo Wanderley, na cerimônia de posse realizada em Brasília

"No Brasil, há uma Confederação Brasileira de eSports, mas ela não faz parte do sistema olímpico. Está isolada", ressalta o professor. Ana Moser participou, no último ano, de discussões para a aprovação do texto-base da Lei Geral do Esporte (PL 1153/2019), em especial para garantir que o conceito de esporte não se tornasse tão amplo, a ponto de poder incluir eSports.

"O esporte conta com várias dimensões: recreativa, educacional, rendimento, entre tantas outras", explica Rocco. "Os eSports caminham para, ao meu ver, essa generalização dos conceitos dos esportes, mas ainda é um conceito muito amplo."

Nos jogos eletrônicos, além de não haver uma regra universal, como o futebol, basquete e vôlei, encontra dificuldades na implantação de um sistema regido por organizações ao redor do mundo. Há diversas esferas no eSports: jogos de estratégia, ação, simulação etc. "Estar fora do sistema olímpico é um obstáculo para que ele seja aceito como esporte", conta o docente.

Neste quesito, os eSports se assemelham a outras modalidades, como xadrez e damas, nas quais não há o treino físico intenso dos atletas, mas sim um foco no desenvolvimento mental. "Alguns autores classificam estes no âmbito de 'esportes da mente'. Nestes, há um claro aprimoramento na capacidade de raciocínio e agilidade no pensamento", explica Rocco.

O que diferencia o xadrez, por exemplo, dos games, é esta "universalidade" da modalidade, aponta o professor. Apesar de ainda não ser tido como um esporte olímpico, há órgãos internacionais e federações, nacionais e internacionais, reconhecidas. "A Confederação Brasileira de Xadrez é reconhecida pelo COB, muito embora não seja um esporte olímpico."

Realidade dos eSports

Outro aspecto a ser considerado é que os eSports tradicionais, como Fifa, Counter Strike, League of Legends, entre outros, estão atrelados a uma empresa - EA Sports, Valve e Riot, respectivamente.

"A única diferença (dos eSports) para os esportes tradicionais está na questão da propriedade intelectual, que é sim detida pelas desenvolvedoras dos jogos, algo que não ocorre no esporte tradicional, visto que as modalidades são de domínio público", afirma Pedro Oliveira, CEO e cofundador da OutField, empresa de investimentos em esportes e games.

"No entanto, o argumento (da Ana Moser) de que não há aleatoriedade ou de que o sistema é fechado não faz sentido, uma vez que os próprios jogos possuem combinações infinitas, fruto de variáveis programadas no jogo", explica.

Ainda que não sejam considerados esportes de forma unânime, os atletas dos jogos eletrônicos - ou pro players - passam por rotinas de treinos tão desgastantes quanto aqueles dos "esportes raízes", termo utilizado por Ana Moser em sua entrevista para o UOL. Há a disputa de competições internacionais, que reúnem milhares de torcedores e fãs, e passam por oito ou até mais horas de treinamentos diários.

A popularidade dos eSports resulta em mudanças nas organizações socioculturais dos esportes universitários. Em junho de 2014, a Robert Morris University em Pittsburgh, Estados Unidos, se tornou a primeira a reconhecer os jogos eletrônicos como esporte e oferecer bolsas de estudos para seus atletas. No último ano, Matheus Montenegro, de 20 anos, conquistou 28 bolsas de estudo em universidades dos EUA por meio de suas habilidades no Fortnite, jogo multiplayer e febre entre os mais jovens.

Na Câmara e no Senado brasileiros há projetos de lei em tramitação quanto à regulamentação dos esportes eletrônicos no país, como o PLS 383/2017, que define "como esporte as atividades que, fazendo uso de artefatos eletrônicos, caracteriza a competição de dois ou mais participantes, no sistema de ascenso e descenso misto de competição." Na Paraíba, a Lei 11.296/2019 foi a primeira a regulamentar o esporte eletrônico no região.

COB e COI discutem há anos a inclusão nos Jogos Olímpicos

As discussões para inclusão dos eSports em Jogos Olímpicos, na organização do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e do Comitê Olímpico Internacional (COI) ocorrem há anos. Em 2022, James Macleod, diretor de Relações com os Comitês Olímpicos Nacionais e da Solidariedade Olímpica, afirmou ao jornal Folha de S.Paulo que os eSports não estão descartados para entrarem no ciclo olímpico nos próximos anos. Entretanto, jogos tradicionais, como League of Legends e Counter Strike, não são possibilidades.

"O COI reconhece que a indústria de games evolui constantemente. Olhamos para estes jogos que estão ligados a esportes e onde há atividade física. No ano passado, lançamos a Série Olímpica Virtual. Vela, ciclismo... Tudo apoiado por federações internacionais. Podemos ver os números e a demografia", afirmou. Paulo Wanderley, presidente do COB, já se mostrou contrário à ideia de incluir os games em disputas olímpicas e na entidade.

No último ano, o COI anunciou que Cingapura sediará, em 2023, a Semana Olímpica de eSports, em modalidades que promovam atividades físicas,

como Beisebol e Ciclismo virtuais. Em setembro de 2022, os Jogos Olímpicos Asiáticos deram um passo além, com oito modalidades de esportes eletrônicos com distribuição de medalhas, como o League of Legends e Fifa.

Ministério

A postura da ministra quanto aos eSports delimita a visão do governo sobre o tema. Além de já ter participado durante as discussões do texto base da Lei Geral do Esporte no último ano, Ana Moser defende que a pasta deva se concentrar nas políticas públicas para o esporte no país, diferentemente do que aconteceu nos últimos anos.

Antes de o Ministério do Esporte se tornar uma secretaria especial sob o jugo do Ministério da Cidadania durante o governo de Jair Bolsonaro (PL), os investimentos da pasta se concentraram, em especial, no "esporte de rendimento". Nas últimas décadas, o Brasil sediou três eventos esportivos, sendo dois a nível mundial: o Pan-Americano de 2007, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio-2016.

Durante a campanha presidencial, Lula (PT) assumiu o compromisso de recriar a pasta caso eleito.

Segundo Ana Moser, ela foi procurada pelo petista para fazer uma "revolução" na área, atrelando o esporte à educação, saúde e assistência social, para que mais pessoas se beneficiem da prática esportiva em todos os sentidos possíveis. O desenvolvimento do esporte amador também está em pauta.

Outra preocupação da pasta é uma questão de saúde pública. O Relatório Global de 2021, produzido por agências da ONU, apontou que mais de 2,3 bilhões de pessoas não tiveram acesso à alimentação saudável em 2020. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) é que para 2025 o número de crianças obesas no planeta chegue a 75 milhões.

"Um dos problemas decorrentes da pandemia é o sedentarismo. O benefício que estes esportes têm, defendidos pela ministra, surge no ponto de vista de políticas públicas. Eles fazem as pessoas movimentarem os seus corpos e se socializarem", pontua o professor. "Ajuda a combater problemas de saúde relacionados à obesidade infantil." Isto justificaria os investimentos, defendidos por Ana Moser em seus primeiros discursos à frente da pasta.

Foto: Confederação Brasileira de eSports/Divulgação



Os eSports não estão descartados para serem incluídos, em breve, nos Jogos Olímpicos

4 anos EPC

Há 4 anos, juntamos Tabajara e A União para formar a Empresa Paraibana de Comunicação.

Mas, somos muito mais!

Além das páginas impressas e programas veiculados, diariamente, nesses tradicionais veículos, somos os livros realizados pela **Editora A União** e, agora, comercializados na **livraria virtual A União** (https://livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/). Somos os produtos impressos por nossa excelente **indústria gráfica**. Somos o substrato da cultura paraibana no **Correio das Artes** e o potente trabalho de inclusão do **Braille A União**. Somos **Diário Oficial**, lugar de publicação dos conteúdos de interesse de toda a população.

Somos muitos. E seremos mais!

Seremos mais música e entretenimento, na **Parahyba 103.9 FM**, nossa nova emissora de rádio. E, além de vários outros projetos de conteúdo, conhecimento e cultura em andamento para 2023, seremos oportunidade e transformação com a realização do Concurso Público para contratação de profissionais de diversas áreas em nível médio, técnico e superior.



JORNAL
AUNIÃO



GRÁFICA
AUNIÃO

BRILLE
AUNIÃO

DIÁRIO OFICIAL
ESTADO DA PARAÍBA

Livraria
AUNIÃO
online

Em breve:
Parahyba
103.9fm



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

NO CARIRI PARAIBANO

O amor estava no ar

Destino de uma paraibana da cidade de Serra Branca começou a ser traçado depois de uma quase tragédia, ocorrida com um avião da Força Aérea Brasileira

Hilton Gouvêa
 araujougouvea74@gmail.com

Josefa Araújo Bostellmann não tinha ainda 20 anos quando em sua cidade natal, Serra Branca, no Cariri paraibano, a 198 quilômetros de João Pessoa, um avião Hudson-B2 da Força Aérea Brasileira (FAB) “caiu” na área conhecida por Lagoa do Panati, após uma aterrissagem forçada no caminho que conduz à cidade de Coxixola.

O aparelho levava militares que iriam garantir as eleições no município de Sousa, no Sertão. Mas uma pane em um dos motores contribuiu para a queda que resultou, apenas, em ferimentos no mecânico de bordo, o paranaense Rubens Bostellmann. Foi aí, numa tarde de 2 de outubro de 1950, que uma quase tragédia deu início a uma história de amor, que resultou em grande felicidade.

Quem socorreu os “náufragos do ar” foi o padre João Marques. Ele acolheu passageiros e tripulantes da nave avariada. Rubens, por se encontrar ferido, foi levado para Recife, capital pernambucana. Ele tinha

um corte profundo nas costas e isso preocupou a todos. Mas retornou curado dois meses depois e foi fazer um passeio pela festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição. Lá, entre as diversas moças que se encontravam olhando o pavilhão central, Rubens notou Josefa.

O jovem sargento da FAB aproximou-se e disse: “Você acredita em amor à primeira vista?”. “Não acredito em amor antigo, quanto mais à primeira vista”, respondeu a moça.

A pergunta serviu para o casal iniciar uma conversa, que durou muitas horas. O mecânico aviador disse a ela que estava hospedado na casa paroquial, onde vivia o seu salvador terreno, o padre João Marques. Dessa vez, ele passou cinco dias em Serra Branca. No último dia, quando já ia viajar, Rubens perguntou a Josefa se poderia vir passar o Natal daquele ano em Serra Branca. Ela respondeu: “Claro. Se é o padre quem vai lhe hospedar, tudo bem”. A menina fez bico-doce. O jovem ficou um pouco triste.



Ilustração: Tônio

Namoro é iniciado com a bênção do período natalino

Quinze dias depois, já durante o Natal, Rubens retornou a Serra Branca. Josefa ainda não considerava namoro aquele relacionamento recente. O Natal passou sem maiores novidades. Rubens, caindo de amores, porém, com medo de se declarar. Josefa, firme como uma rocha, sem fornecer colher de chá. Muito vigiada pela família e ainda indecisa, ela respondeu sim, quando ele indagou se poderia passar as férias em Serra Branca. Sim... e não... pois ela apenas disse que ele era quem sabia.

É bom citar que Rubens era destacado na Base Aérea da FAB em Recife. Em janeiro de 1951, ele voltou a Serra Branca, mas teve o cuidado de antes pedir permissão ao pai de Josefa, o comerciante Antônio Bezerra de Souza, para conversar com a moça em casa. Na época, Bezerra era um dos maiores comerciantes do Cariri. O consentimento foi imediato. “O futuro sogro topou com a cara do futuro genro”, brincou Josefa.

Depois desse colóquio com os familiares da futura mulher, Rubens fez 13 viagens de Teco-Teco a Serra Branca. Ele e Josefa combinaram um código de reconhecimento: o avião dava um rasante sobre a loja do pai da namorada, subia, entrava em parafuso no centro da cidade, depois aterrissava no campo de futebol de Serra Branca, onde atualmente é o campo do Flamengo. Ele também adotava sobrevoar a cidade até o Riacho do Aú, dava rasante

em cima da loja e ia para o pouso. Quem primeiro corria ao encontro de Rubens era o padre João Marques e Josefa. “A gente ia a pé, pois o campo sempre foi pertininho”, explicou.

Quem primeiro denunciava a presença do avião de Rubens sobre Serra Branca era Maria Íris, irmã de Josefa, que gritava: “É o galego, é o galego!”. E era mesmo. Branco, loiro e de olhos azuis, Rubens era o típico descendente de alemães conquistando o coração de uma donzela do Cariri da Paraíba.

Já muito ciosa dos gostos do namorado, Josefa mandava buscar gasolina de avião em Campina Grande. Não fosse assim, Rubens não teria como retornar para Recife. Por antecedência, ela adquiria 40 litros. O galego chegava às

16h dos sábados e retornava às oito da manhã dos domingos. Era uma rotina que não agradava a Josefa. Um dia, ela deu um muxoxo e disse que era melhor ele não vir mais. Rubens ficou desgostoso, mas, seis meses depois de iniciado o namoro, ele noivou.

Em tempo: muxoxo é um brasileirismo reproduzido como um som de clique feito com a língua que indica descontentamento ou desprezo. É presente na língua portuguesa, e tem origem em Luanda (Angola), na língua quimbundo. É representado pela onomatopeia “tsc”, e corresponde ao clique bilabial no alfabeto fonético internacional.

O casamento veio 180 dias após o noivado, em 2 de maio de 1952, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Serra Branca. Dias depois, o casal foi morar em Recife, onde passou dez anos. Também morou dois anos em Curitiba,

do em Curitiba. Era comerciante autônomo. Suzana era dentista em Canoinhas, interior de Santa Catarina. E Roseane trabalhava como médica obstetra em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Josefa teve seis netos dos três filhos.

Apesar de ter vivido um amor super diferente, Josefa foi a única do lugar a casar assim, de forma inusitada. Ela contava que Rubens era um homem muito sério. “As moças e até mulheres casadas davam em cima, mas ele só tinha olhos para mim. Fui feliz nos 47 anos de casada. E, durante o namoro, eu nunca soube de outra namorada dele”.

Após uma ausência de mais de 50 anos, o casal retornou para Serra Branca. Rubens morreu em 10 de outubro de 1999. Quatro anos antes, recebeu o título de Cidadão Serra-Branquense. Reformou-se como segundo-tenente da Aeronáutica. Nesse período, foi o único

dessa força a morar por lá. Qualquer avião que passava por Serra Branca despertava a curiosidade de Josefa. Ela guardava a foto de um Bombardeiro C-130, que a FAB mandou Rubens buscar nos Estados Unidos. Foi o último avião que Rubens trabalhou, ora pilotando, ora fazendo a manutenção.

Natural de Rio Negro, no interior do Paraná, Rubens era filho de casal teuto-italiano. Seu pai, Henny Bostellmann era casado com Laura, de cujo sobrenome Josefa não lembra. Numa das vezes que chegou a Serra Branca, o Rio Aú estava cheio. Rubens, então, mostrou suas qualidades de bom nadador: estacionou o avião do outro lado e atravessou a nado para chegar ao caminho da casa da namorada. “Ele não via obstáculos entre nós. O que aparecesse, ele superava”, contava a viúva, que morreu poucos anos depois após a morte do marido.

Sotaque sulista e chimarrão

O pai de Josefa, Antônio Bezerra da Silva, tinha um empório em Serra Branca que seria o precursor dos supermercados de hoje. Vendia de café a açúcar, tecidos, sapatos e ferragens. Ele gostou do genro por sentir a sinceridade do rapaz. Josefa, a mãe de Josefa filha, considerava Rubens como um dos filhos. O sotaque sulista de Rubens chamava a atenção. Em Serra Branca, o pessoal ficava espantado quando via ele sorvendo chimarrão.

O pessoal de Rubens recebeu Josefa sem preconceitos, embora ficasse admirado com o sotaque nordestino da moça. Antes de morrer, Josefa ainda vive na casa onde habitou por muitos anos com o marido, num bairro central de Serra Branca, no Cariri paraibano. Passava o tempo a olhar fotos colocadas em molduras, onde Rubens aparecia ora exibindo sua juventude, ora curtindo sua fase de avô.



Foto: Reprodução

Josefa passou seus últimos anos na lembrança do seu amor



Foto: Reprodução

Rubens Bostellmann encontrou seu amor na Paraíba

capital do Paraná. Dona Josefa, cariense da gema, estranhou o frio sulista. Dos seis filhos que nasceram do casal, só três estavam vivos na época em que Josefa concedeu a entrevista: Luís, Suzana e Roseane.

Luís continuava moran-

Paulo Brandão

Jornalista, advogado, empresário extrovertido e com o poder da retórica



Ilustração: Tônio

Tendo manifestado desde muito cedo o amor pela escrita e pela conversa política, Paulo Brandão participou ativamente da redação do Jornal Correio da Paraíba

Nalim Tavares
Especial para A União

Um homem extrovertido com o poder da retórica. Esse era Paulo Brandão, jornalista, advogado e empresário que, em 1984, foi assassinado por expor possíveis “crimes de corrupção do governo paraibano da época”. Permanente na memória do jornalismo, Paulo é lembrado sempre como um dos “símbolos da liberdade de imprensa no estado”.

Nascido no Rio de Janeiro, Paulo Brandão se formou em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. Sua trajetória no jornalismo teve início em 1979, quando, em parceria com Roberto Cavalcanti, comprou o Jornal Correio da Paraíba, para impedir seu fechamento. Tendo manifestado desde muito cedo o amor pela escrita e pela conversa política, Paulo participou ativamente da redação do impresso de circulação diária. O jornal deixou de ser publicado em 2020, anos após a morte de Paulo Brandão.

“Paulo tinha paixão pelo jornalismo, sobretudo por temas políticos e econômicos”, lembra o jornalista Nonato Guedes, que trabalhou no Sistema Correio de Comunicação na época em que Brandão era diretor, ao lado do irmão Roberto Cavalcanti, atual diretor-presidente. “Era uma figura dinâmica, com senso crítico agudo, e deu aval a matérias polêmicas, fazendo denúncia ostensiva. Lamentavelmente pagou um alto preço, refletido no seu assassinato por figuras ligadas ao governo”.

Paulo foi morto aos 36 anos, na noite do dia 13 de dezembro, há 38 anos, quando saía da Fábrica Polyutil – de propriedade da família Cavalcanti –, no Distrito Industrial, às margens da BR-101, em João Pessoa. Foram 34 tiros, disparados de uma metralhadora pertencente à Secretaria da Segurança Pública do Estado da Paraíba e pistolas. Entre as denúncias publicadas pelo Correio da Paraíba estavam o alegado superfaturamento na compra de caçambas, o caso conhecido como “o escândalo dos hotéis” e irregularidades em licitação para compra de tratores e equipamentos de terraplenagem.

Caso do assassinato ganha repercussão nacional

O caso da morte de Paulo Brandão ganhou repercussão nacional quando a família do jornalista e empresário foi à Justiça, com o apoio de entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), pedindo que a Polícia Federal (PF) assumisse as investigações. Com o fim da ditadura militar em 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente da República, com José Sarney como vice-presidente. Após a morte de Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985, Sarney assumiu a Presidência e ordenou a entrada da PF nas investigações acerca do assassinato de Paulo Brandão.

Após exames de balística feitos por peritos criminais em Brasília, constatou-se que a arma utilizada para cometer o crime pertencia ao Palácio da Redenção. Havia cinco suspeitos – o então chefe da Casa Civil do Governo da Paraíba, José Geraldo Soares de Alencar; o sargento Manoel Celestino da Silva; o subtenente Edilson Tibúrcio de Andrade e o cabo José Alves de Almeida. O governador da época, Wilson Braga, estava no Rio de Janeiro na noite do crime. Dos cinco investigados, coronel Alencar, sargento Manoel Celestino e o subtenente Edilson foram condenados à prisão, pelo planejamento e participação no assassinato.

Em abril de 2007, o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) determinou que o estado pagaria uma indenização de R\$ 408 mil à família de Paulo Brandão e, por unanimidade, uma pensão alimentícia para a viúva e os dois filhos de Paulo.

O jornalista Nonato Guedes lembra de ter estado no Jornal Correio da Paraíba na noite do crime. “Fui um dos participantes da redação de matérias sobre sua morte, em dezembro de 1984. O assassinato foi uma violência inominável contra a imprensa, e isso o tornou um símbolo, como um dos mártires da liberdade na Paraíba e no Brasil”, fala ele. Outro jornalista, editor do Correio da Paraíba à época de Paulo Brandão, Rubens Nóbrega conta que “Paulinho era uma pessoa muito extrovertida, e era um rapaz bastante sincero no que falava e no que sentia”.

Já o atual diretor-presidente do Sistema Correio, Roberto Cavalcanti, que dirigia o jornal ao lado de Paulo Brandão, fala que “Paulinho era um jovem inteligentíssimo”, que adorava se reunir no fim da tarde com amigos, para conversar sobre política. Em memória de Paulo, anualmente, todo dia 13 de dezembro, o Correio lança uma matéria relembrando o caso. “O desejo nosso é que não caia no esquecimento”, diz Roberto. “Acreditamos que lembrar é importante, para não deixar acontecer de novo”.

O jornalista Nonato Guedes trabalhou no Sistema Correio de Comunicação na época em que Paulo Brandão era diretor



Foto: Arquivo/Marcus Antonius

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

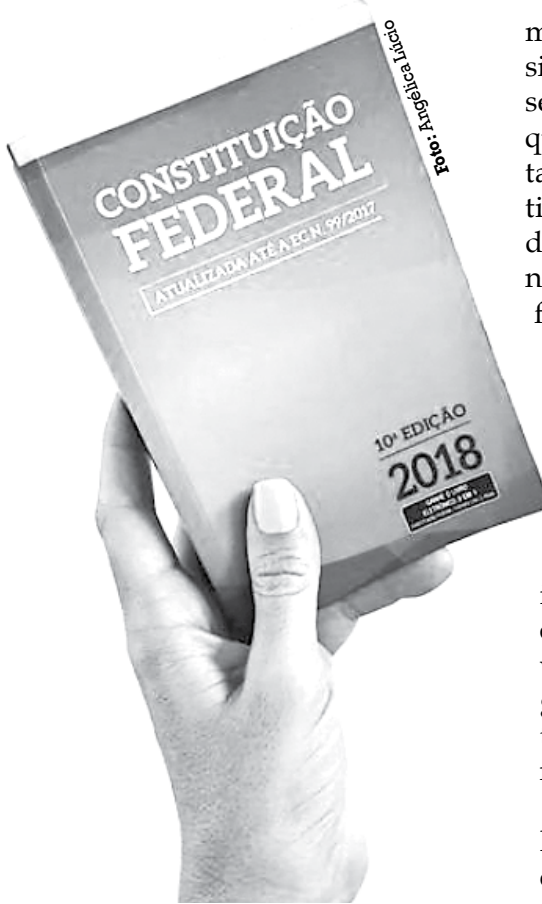
Sobre jornalistas que “passam pano” para golpistas

No dia 8 de janeiro de 2023, segundo domingo do ano, resolvi tirar um cochilo após o almoço. Mal acordei e fui conferir os portais de notícias no celular. Entrei em choque com o que vi: manifestantes bolsoneiros de extrema direita tentavam dar um golpe de estado no Brasil. Os golpistas invadiram as sedes dos Três Poderes e promoveram cenas de verdadeira barbárie, registrados por veículos de comunicação daqui e de alhures.

Os atos perpetrados atentam contra o estado democrático de direito e visam ao enfraquecimento dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e da Constituição Federal. Infelizmente, há influenciadores e muitos jornalistas que não apenas concordam com a tentativa de golpe de estado, como colaboraram e vêm colaborando para isso.

Se não bastasse falta de repertório histórico, tais profissionais revelam também um grande desconhecimento da legislação brasileira – ainda que a Constituição Federal esteja disponível gratuitamente para leitura...

Antes que alguém saque o argumento de que se trata de exercício da liberdade de imprensa e de expressão, deixo claro: utilizar canais de comunicação (pessoais, privados ou públicos) para apoiar



meses; vem se desenhando há anos no Brasil. E há anos também que vejo jornalistas sendo lenientes com posturas e discursos que não deveriam merecer nem uma levatada de sobrelanceira como aceno de simpatia. “Ah, mas precisamos ouvir os dois lados”. Não. Há certas ideias e pessoas que não merecem espaço algum, sob pena de funcionarmos como sementeiras para ervas daninhas que, após instaladas, irão exigir bem mais do que uma simples borrifada de algum composto químico.

Registro aqui uma frase do jornalista e professor Eugênio Buccì, extraída do livro ‘Sobre Ética e Imprensa’. “A liberdade de imprensa é um princípio inegociável, ele existe para beneficiar a sociedade democrática em sua dimensão civil e pública, não como prerrogativa de negócios sem limites na área da mídia e das telecomunicações, em dimensões nacionais e transnacionais”.

Especificamente sobre radiodifusão, lembro aos que se fazem de desavisados que rádio e televisão são outorgas públicas concedidas ao estado em nome de toda a sociedade. Aliás, o Código Brasileiro de Telecomunicações, que completou 60 anos em 2022, expressa em seu Artigo 52 que “a liberdade de radiodifusão não exclui a punição dos que praticarem abusos no seu exercício”.

Já no Artigo 53 do Código, está evidente que “constitui abuso, no exercício de liberdade da radiodifusão, o emprego desse meio de comunicação para a prática de crime ou contravenção previstos na legislação em vigor no país”. Dentre os abusos, temos: incitar a desobediência às leis ou decisões judiciais; fazer propaganda de guerra ou de processos de subversão da ordem política e social; insuflar a rebeldia ou a indisciplina nas Forças Armadas ou nas organizações de segurança pública; caluniar, injuriar ou difamar os Poderes Legislativos, Executivo ou Judiciário ou os respectivos membros; veicular notícias falsas, com perigo para a ordem pública, econômica e social; colaborar na prática de rebeldia, desordens ou manifestações proibidas.

Eu e você conhecemos algum veículo, influenciador ou jornalista que está “passando pano” (para usar um termo comum nas redes sociais) para atos golpistas e pensamentos fascistas. De minha parte, tenho buscado me afastar cada vez mais (na vida profissional e pessoal) dessa gente que se diz “de bem”. O pouco que sei da vida (e da ética jornalística) me leva a ter essa leitura de mundo. E tive uma excelente professora de História para me auxiliar nisso. Obrigada, dona Terezinha!

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O Som que vem da Bahia – Dorival Caymmi – Parte I

Com certeza, se podemos afirmar que a Bahia já “deu régua e compasso” à nova música popular brasileira, como cantou Gilberto Gil (‘Aquele Abraço’, 1969), é igualmente seguro se dizer que Dorival Caymmi foi uma espécie de “divisor de águas” entre a chamada velha guarda e a turma nova, mais recente de nossa MPB, sendo ele considerado, em homenagem pós-morte, como um dos fundadores do atual cânone da MPB.

Dorival Caymmi (Salvador-BA, 1914 – Rio, 2008) foi cantor, compositor, instrumentista, letrista (poeta popular) e ator. Devem-se acrescentar os seus dotes de pintor, fato que motivou a afirmação de que não se pode determinar se ele foi um músico inspirado na pintura, ou se um pintor que buscava inspiração na música. Tendo falecido aos 94 anos, é tido como um legítimo precursor da nossa música popular, como a temos hoje.

Foi o pai dele, Dorival Henrique Caymmi, de ascendência italiana, junto com o tio Cici que lhe ensinaram os primeiros acordes do violão, que passou a dedilhar com igual facilidade como aquela com que usava os pinéis. A mãe de Dorival, o compositor, tinha ascendência mestiça de portugueses com africanos, o que, certamente, induziu o filho aos costumes e hábitos ligados às tradições do Candomblé. Tanto é que a quase totalidade de suas criações musicais são inspiradas nas tradições do povo baiano, com claras referências à música negra que o influenciou.



Dorival Caymmi, Carmen Miranda e Assis Valente (Tiba)

Desde menino, ele já fora introduzido como cantor de coro da igreja. O gosto pela música o levou a criar, por volta dos dezesseis anos, em 1930, a sua primeira composição (a toda ‘No Sertão’), caracterizada pelo perfeccionismo que de si próprio ele já exigia – beleza harmônica, afeição evocativa do mágico folclore de Salvador ao qual se juntava o seu gosto extremamente refinado. É sabido que suas composições eram praticamente feitas “de ouvido”. Logo cedo começou a participar de programas radiofônicos na Rádio Clube da Bahia, estreando como cantor e violonista e apresentando o programa musical ‘Caymmi e suas Canções Praieiras’, já embrionário do tema que pontificou suas criações musicais: as coisas e os hábitos da comunidade baiana, mormente aqueles ligados às praias e ao mar, aos costumes locais, às entidades da Candomblé, aos pescadores... Foi naquela emissora que recebeu o incentivo de um diretor (Gilberto Martins) para que buscasse “fazer carreira” no Sul do país. No ano de 1937, ele “pegou um ita [o pequeno navio Itapé] no Norte”, rumo ao Rio de Janeiro, fato ce-

lebrizado em uma sua composição de 1945. Já no Rio, com a ajuda de amigos, conseguiu um emprego de jornalista nos Diários Associados, enquanto se preparava para cursar uma Faculdade de Direito cujo objetivo não se sabe ao certo se atingiu. Na redação, conviveu com os já influentes jornalistas Carlos Lacerda e Samuel Wainer, dos quais se tornou amigo. Foram esses que o apresentaram ao diretor da Rádio Tupi, o que o fez circular também pelas emissoras Rádio Transmissora, levado por Almirante, e Rádio Nacional, a que foi apresentado por Assis Valente e Lamartine Babo, além de haver se infiltrado na Rádio Mayrink Veiga. Convém lembrar que foi no meio radiofônico que conheceu a já estrela Carmen Miranda, com quem gravou, em dueto, a composição ‘O que é que a baiana tem?’, fato acontecido em 1939, aos 25 anos dele. A música serviu de tema/trilha para o filme ‘Banana da Terra’, de fevereiro daquele ano, uma produção de Wallace Downey, com direção de Ruy Costa e roteiro cênico/musical de João de Barro (o Braquinha) e Mário Lago. Aliás, foi essa a última aparição de Carmen em um filme nacional, antes de ir de vez para os Estados Unidos. Foi por essa ocasião que ele a iniciou no uso, nos trajes e nos requiebros baianos, fazendo dela uma usuária dos balangandãs que se tornaram famosos e, com certeza, alavancaram a carreira dela nos Estados Unidos.

No cinema também, Dorival Caymmi se destacou, em 1944, com participação musical, na película norte-americana ‘The Three Caballeros’ que, entre nós, recebeu o nome

de ‘Você já foi à Bahia?’, gravando em dueto com Aurora Miranda, a irmã mais nova de Carmen, em cena consagrada como antológica do cinema de animação.

Requisitado, Dorival Caymmi andou por São Paulo, contratado pela Record (1954/1955), tendo voltado ao Rio em 1956.

Como já explicitado, a temática motivadora do compositor está vinculada ao dia a dia e às vivências dele na Bahia, a que buscava imprimir um cenário próprio e exótico estabelecido a partir das primeiras décadas do século 20, com alusões diretas e inquestionáveis à cultura africana, às danças, aos trajes, aos trejeitos, à comida e, sobretudo, ao exotismo e à diversidade religiosa, e às belezas praieiras do mar baiano.

Dentre as mais festejadas composições que nos legou, temos, além dos já citados, alguns sambas enquadrados na chamada Era de Ouro do Rádio, como ‘Acontece que sou baiano’, ‘Requebre que eu dou um doce’, ‘A Preta do Acarajé’, ‘Dora...’; depois, vieram os sambas tidos como “mais sofisticados”, como ‘Marina’, ‘Maracangalha’, ‘O denço que a negra tem’, ‘Modinha para Gabriela’, ‘Saudade de Itapoá’ (também conhecida como ‘Coqueiro de Itapoá’), ‘A Lenda do Abateú’; merecem destaque as criações inerentes à vida dos homens do mar: ‘História de Pescadores’, ‘O Mar’, ‘O Ventô’, ‘Pescaria’, ‘É doce morrer no mar’, ‘A jangada voltou só... Como numa apoteose, em 1970, fez a ‘Suite do Pescador’, baseada na obra ‘Capitães de Areia’, do amigo Jorge Amado, e que, até pela temática abordada, obteve enorme sucesso na então União Soviética.



Prato do dia

Walter Ulysses

Salada fria

Foto: Divulgação



Modo de preparo:

■ Junte tudo em uma tigela grande e misture bem. Deixe gelar por 30 minutos e sirva. Pronto! Essa receita serve oito porções.

Ingredientes:

- 1 pacote de macarrão tipo parafuso cozido e frio
- 1 cebola picadinha
- 1 cenoura ralada
- 200g de peito de peru defumado cortado em cubos
- 200g de mussarela cortada em cubos
- 1 tomate cortado em cubos
- 1 caixinha de milho verde em conserva
- 1 caixa de ervilha em conserva
- Salsinha e manjeriço picadinhos a gosto
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Suco de 1/2 limão
- 1 caixa de creme de leite
- 3 colheres de maionese
- 1 colher de azeite extra virgem

Comida de verão

Opção nos dias quentes, a salada de macarrão pode ser feita ao gosto de cada um, com ingredientes variados.

O verão é a estação do ano mais quente e a mais aguardada para a maioria dos brasileiros, afinal, moramos em um país tropical, que é sinônimo de altas temperaturas, ideal para aproveitar as muitas praias e cachoeiras.

Contudo, é preciso o cuidado com o nosso corpo e a nossa alimentação que é fundamental durante este período de calor, principalmente considerando a hidratação. Por isso, é essencial dar preferência a pratos mais leves e saudáveis, já que as comidas mais pesadas não caem muito bem quando está um calor excessivo e os riscos de intoxicação alimentar são maiores nesta época.

Pensando nisso, trazemos para vocês uma refeição super refrescante para um almoço e jantar muito mais leve e saudável. O macarrão, por exemplo, há quem não abra mão dele, mas nem sempre a massa precisa ser servida bem quente e regada de molho.

Uma opção deliciosa para degustar massa no verão é optar por uma deliciosa salada de macarrão que é simples e prática para preparar e pode ser muito saborosa e refrescante. Para isso, basta você cozinhar um pacote de macarrão parafuso ou pene, adicionar uma colher de maionese para dar cremosidade e escolher os ingredientes de sua preferência de acompanhamento, como sardinha, frango defumado, ervilha, milho, azeitona, palmito, cenoura, entre outras opções bem saborosas.

O importante é escolher os ingredientes que mais gosta e depois é só aproveitar. Então, é hora de montar seu prato refrescante e depois colocá-lo na geladeira para seu almoço ou jantar!

No geral, há algumas dicas em relação aos cuidados com a alimentação no verão. Uma delas é apostar em frutas, verduras e legumes, pois preparar um cardápio leve é uma das melhores formas de lidar com as altas temperaturas. Por isso é bom dar um tempo às frituras! Essa é a época do salpicão de frango, da comida japonesa, do gaspacho e de todos os pratos frios maravilhosos que ajudam a refrescar o organismo. Aposte, sobretudo, nos alimentos in natura, como frutas, verduras e legumes, que podem ser consumidos de forma crua, auxiliando na sensação de refrescância, e ainda compõem diversos tipos de saladas.

Outra coisa é beber bastante líquido no verão, o que é fundamental para repor todos os nutrientes perdidos com excesso de calor. E mais: para se manter devidamente hidratado no verão, o bom é evitar coquetéis e batidas alcoólicas, dando preferência para os drinks feitos à base de refrigerante. Além de saborosos, eles podem ser preparados com diferentes tipos de frutas, opções mais docinhas com leite condensado e vários ingredientes que provavelmente já estão na sua geladeira.

Por fim, mais dois pontos importantes: ter cuidado extra com a higienização dos alimentos, principalmente com as folhas e verduras, especialmente nos dias de calor; e, por fim, tentar moderar no consumo do sal. Comer alimentos ricos em sódio no verão causa a sensação de inchaço.

Tempero a gosto

Marketing errado e pensamento tortuoso. A pior comida é aquela que você vende e não pode comer.

Novidades vindas de fora com fama de querer ser um atrativo, se faz divulgações em grupos, com influencers, pessoas de bom conceito e muitas informações para passar para um seleto público.

Porém, é esquecido que essas informações e as pessoas envolvidas desempenham

seu papel de forma tal que até mereciam um muito obrigado, uma resposta do por que não deu certo, para aqueles que acreditaram na obra que seria o marketing da divulgação do projeto que vinha em uma linha.

O mais simples em um erro é falar: eu errei; e pedir desculpas aos seus parceiros, que muitas vezes fazem com amor e puxões de orelhas por quem acha que estão recebendo algo por fora.

Na minha simples e humilde profissão e trabalho, o que eu faço tem um preço que está no amor de mostrar o melhor, pois o que ganho seria apenas um será... talvez quando pergunta outro companheiro do mesmo segmento.

Entendedores, entenderão! Estou sempre às ordens, pois sou um profissional até onde eu possa ir; se não puder seguir... muito obrigado e até um dia!

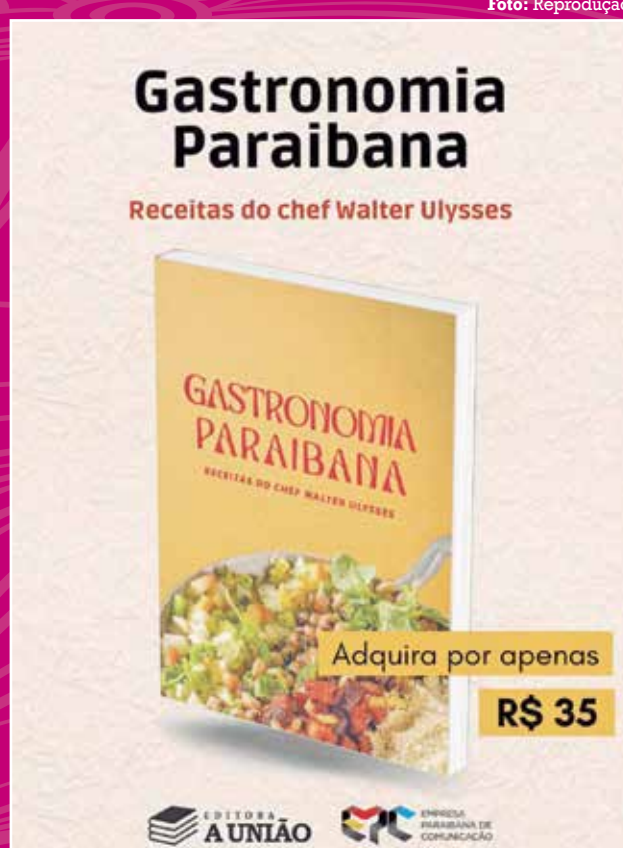
Foto: Reprodução

QUENTINHAS

A 35ª edição do Salão do Artesanato Paraibano foi oficialmente aberta na sexta-feira (13). O Salão ficará aberto até 5 de fevereiro, na Praia do Cabo Branco, em João Pessoa. São 3,6 mil metros quadrados de área, onde 400 artesãos paraibanos expõem e vendem obras de renda renascença, macramê, crochê e outros materiais, produzidos em várias regiões do estado.

Este ano, o Salão homenageia a cultura indígena, representada pelas etnias potiguara e tabajara. A proposta é apresentar ambientes e detalhes que façam o público mergulhar na cultura indígena, segundo os organizadores da edição. Um corredor sensorial, com músicas, danças e incensos da cultura indígena, foi instalado no local. Também, por isso, os produtos expostos são feitos com materiais da própria natureza.

Além do mais, tem uma praça de alimentação com as delícias da culinária paraibana, para atingir todos os gostos, do doce ao salgado, a mel e cCachaça, vivendo a Paraíba e suas artes. O Salão do Artesanato Paraibano está instalado na Praia do Cabo Branco, após o antigo Jangada Clube, em João Pessoa.



Lancei meu livro 'Gastronomia Paraibana' recentemente e, como muita gente está me procurando para adquiri-lo, resolvi deixar meu contato nesta coluna para quem se interessar: (83) 99620-0013. O valor é apenas R\$ 35,00. O livro é ideal para presentear um amigo especial que gosta de cozinhar.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.